

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
CULTURA E TERRITORIALIDADES**

LUÍS FELIPPE STELLET DA SILVA PEIXOTO

**A CIDADE NA PELE: AS TATUAGENS SOBRE A
CULTURA CARIOCA E O IMAGINÁRIO DO RIO DE
JANEIRO**

LUÍS FELIPPE STELLET DA SILVA PEIXOTO

A CIDADE NA PELE: AS TATUAGENS SOBRE A CULTURA
CARIOCA E O IMAGINÁRIO DO RIO DE JANEIRO

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós Graduação em
Cultura e Territorialidades
(PPCULT) da Universidade
Federal Fluminense, como
requisito parcial para a obtenção
do Grau de Mestre.**

Orientadora: Professora Doutora Marina Bay Frydberg

P379 Peixoto, Luís Felipe Stellet da Silva.

/ . – 2017.

157 f. ; il.

Orientadora: .

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Cultura e Territorialidades) –
Universidade Federal Fluminense. Departamento de Arte, 2017.

Bibliografia: f. 152-157.

1. I. Frydberg, Marina Bay. II. Universidade Federal
Fluminense. Departamento de Arte. III. Título.

LUÍS FELIPPE STELLET DA SILVA PEIXOTO

A CIDADE NA PELE: As tatuagens sobre a cultura carioca e o imaginário do Rio de Janeiro.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT) da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a MARINA BAY FRYDBERG - UFF
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a CHRISTINA VITAL - UFF

Prof.^a Dr.^a JULIA O'DONNELL - UFRJ

Dedicatória

Dedico esta dissertação às pessoas e instituições que fazem desse chão que piso o que sem dúvida é um dos locais mais complexos, problemáticos e encantadores do mundo. A cidade de resistência à opressão, das lutas sociais, das irreverências e do calor sem esperanças. Que te seduz com uma rosa mas que pode te dar uma rasteira e te cortar com uma navalha, “a nossa paixão, a nossa tragédia”. O berço do funk, do samba, de Chico Buarque, Cartola, Noel Rosa, Candeia, Vinicius de Moraes e muitos outros. Das mães negras trabalhadoras que se espremem no trem da central, dos moleques da favela. Aos bêbados mambembes e foliões que embelezam as ruas em fantasias, cores, cantos e brincadeiras no carnaval.

À Portela.

À cidade que para mim extrapola o adjetivo de maravilhosa.

Ao Rio de Janeiro

Agradecimentos

À minha família que tem como chefe e mãe Sandra Barbosa, com auxílio de Lúcio Peixoto como pai, em seus trinta anos de casamento. Ao meu irmão Lucas Stellet que foi o melhor presente que jamais alguém poderia me dar na vida. Onde eu sempre tive suporte irrestrito em todos os momentos que necessitei em minha vida. Ao meu falecido avô William Alves da Silva que mesmo sem saber foi um dos grandes responsáveis pelo afeto que hoje sinto pelo Rio de Janeiro.

À Larissa Jacheta Riberti, Thiago Mendes e Paulo Roberto Rodrigues da Silva Filho por terem me incentivado, ajudado e principalmente me feito acreditar que o sonho do mestrado e o sonho de estudar o Rio de Janeiro eram possíveis.

Aos entrevistados para a realização da pesquisa Renata Meiga, Pillar de Sá Freire, Rafael França e Yuri Carvalhosa.

Aos professores e alunos do Programa de Pós Graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT) da Universidade Federal Fluminense (UFF), em especial às grandes professoras Ana Lucia Enne e Lívia de Tommasi e minha amiga e orientadora Marina Bay Frydberg, que participaram imensamente da minha formação pessoal, cultural e acadêmica. Também a Christina Vital e Adriana Facina pelas contribuições desde a banca de qualificação. A Julia O'Donnell por aceitar participar da banca examinadora.

A todas as pessoas que passaram pela minha vida e de alguma forma me ajudaram a perceber um pouco da complexidade nas relações pessoais, sociais, históricas e institucionais que perpassam por esta cidade.

Novamente, ao Rio de Janeiro.

“A rua continua, matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicos futuros.”

“sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte”

(A Alma Encantadora das Ruas, João do Rio)

Resumo

STELLET, Felipe. **A Cidade na Pele**: as tatuagens sobre a cultura carioca e o imaginário do Rio do Janeiro. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) - Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS), Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, 2017.

O Imaginário do Rio de Janeiro já foi representado de diversas formas, em pinturas, músicas, filmes, novelas, roupas e mais recentemente tatuagens. Quais seriam então os fatores que levam os imaginários do Rio a serem tão fortes de maneira que cheguem ao ponto de se tornar marcas permanentes na pele de indivíduos? Para responder a esta e outras perguntas faço um levantamento histórico sobre o imaginário da cidade, tomando como ponto de partida a administração do prefeito Pereira Passos no início do século XX e a influência da elite burguesa carioca neste processo. Passando pela força que esse imaginário atinge alcançando o cinema, a música, roupas e marcas. Posteriormente mostrando possíveis complexificações sobre ele, de maneira a questioná-lo e mostrar questões que são frequentes no cotidiano da cidade mas que foram esquecidos por este imaginário. Em seguida em um levantamento sobre a trajetória das tatuagens na cultura ocidental, no Brasil e no Rio de Janeiro, foi possível perceber que as tatuagens já assumiram diversas significações ao longo do tempo, indo de manifestação artística tribal, a signo de marginalização e chegando aos diversos sentidos possíveis como nos dias de hoje. Através de entrevistas com pessoas que possuem na pele uma tatuagem do Rio de Janeiro, foi possível constatar que por mais variadas que sejam as razões que as levam a tatuarem o Rio, o que não se pode negar é que o imaginário da cidade foi e continua sendo tão forte que chega a ser capaz de causar intensas sensações de afeto em boa parte das pessoas que o vivenciam.

Palavras-chave: Imaginário. Rio de Janeiro. Tatuagens. Cidade.

Abstract

STELLET, Felipe. **A Cidade na Pele**: as tatuagens sobre a cultura carioca e o imaginário do Rio de Janeiro. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) - Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS), Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, 2017.

The Imaginary of Rio de Janeiro has already been represented in many ways, paintings, music, movies, novels, clothes and more recently tattoos. What, then, are the factors that drive Rio's imagery to be so strong as to become permanent marks in the skin of individuals? To answer this and other questions, I make a historical survey of the city's imagery, starting with the administration of Mayor Pereira Passos at the beginning of the 20th century and the influence of the bourgeois elite of Rio de Janeiro in this process. Going by the force that this imaginary reaches, on the cinema, music, clothes and brands. Subsequently showing possible complexity about it, in order to question it and show questions that are frequent in the daily life of the city but that have been forgotten by this imaginary. Then, in a survey about the trajectory of tattoos in Western culture, Brazil and Rio de Janeiro, it was possible to perceive that tattoos have assumed diverse meanings over time, ranging from tribal artistic manifestation, to the sign of marginalization and reaching the Possible meanings as in the present day. Through interviews with people who have a tattoo of Rio de Janeiro, it was possible to verify that however varied the reasons that lead them to tattoo Rio, what can not be denied is that the imaginary of the city was and continues being so strong that it is able to cause intense feelings of affection in many of the people who experience it.

Keywords: Imaginary. Rio de Janeiro. Tattoos. City.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	10
PRÓLOGO	12
INTRODUÇÃO	20
CAP. 1 - IMAGINANDO O RIO DE JANEIRO	33
1.1 - A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO POSITIVADO DO RIO DE JANEIRO	36
1.1.1 - Pereira Passos e o poder público ao início do século XX	36
1.1.2 - A zona sul	44
1.1.3 - Copacabana	45
1.1.4 - O poder público e o imaginário do Rio ao final do século XX	47
1.2 - A FORÇA DE UM IMAGINÁRIO	51
1.2.1 - No cinema	52
1.2.2 - Marcas	56
1.3 - COMPLEXIFICANDO OS IMAGINÁRIO DO RIO DE JANEIRO	60
CAP 2 - AS TATUAGENS E SUA RELAÇÃO COM O RIO DE JANEIRO	64
2.1 - AS TATUAGENS E O CORPO SÓCIO-HISTÓRICO	68
2.2 - A TATUAGEM NO BRASIL E NAS AREIAS CARIOCAS	82
2.3 - ANALISANDO AS TATUAGENS DO RIO DE JANEIRO	86
CAP 3 - AS FALAS, A MÚSICA E A RELAÇÃO DOS TATUADOS COM O RIO DE JANEIRO	104
3.1 - INTERPRETAÇÕES COMUNS SOBRE O IMAGINÁRIO DO RIO DE JANEIRO	106
3.2 - COMPREENDENDO A RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS COM O RIO DE JANEIRO	113
3.2.1 - Renata Meiga	113
3.2.2 - Pillar de Sá Freire	119
3.2.3 - Rafael de França	124
3.2.4 - Yuri Carvalhosa	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
EPÍLOGO	150
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152

Lista de Ilustrações¹

Ilustração 1 - página 65

Tatuagem do estilo oriental do início do século XX. Desenhos onde a estética é preterida em relação ao preenchimento da pele com tinta, muitas vezes para sobrepor as tatuagens feitas compulsoriamente para marcar as pessoas que cometiam algum tipo de crime.

Ilustração 2 - página 66

Reunião entre membros da Yakuzi, expondo suas tatuagens.

Ilustração 3 - página 67

Tatuagem no estilo *old school*, estilo feito atualmente em referência às tatuagens do início e meados do século XX. Os desenhos possuem uma estética diferenciada, um pouco menos preocupada com o realismo, possui traços mais fortes, com características cartunescas. A referência se dá não só aos desenhos mas também à realidade que as pessoas enfrentavam nesta época para realizar o desejo de fazer uma tatuagem, em condições insalubres e tendo que lutar contra o forte preconceito da sociedade.

Ilustração 4 - página 70

Tatuagens de um presidiário em meados do século XX. Mostrando o estilo de pintura com traços grossos, onde a preocupação estética era deixada em segundo plano e o que mais importava eram os significados

Ilustração 5 - página 73

Tatuagens de um membro de um grupo de motoqueiros desde os anos 60

Ilustração 6 - página 75

Tatuagens feitas se utilizando das técnicas e aparelhos mais recentes da atualidade. Onde é perceptível a utilização de traços finos, havendo a preocupação das significações, mas também estética.

Ilustração 7 - página 88

Tatuagens que demonstram as formas de representação mais comuns do Rio de Janeiro

¹ As imagens utilizadas foram encontradas com através da ferramenta Google Imagens. São oriundas de sites e blogs sem especificações detalhadas de sua origem, por esta razão não me alongo na descrição das imagens utilizadas.

Ilustração 8 - página 93

Tatuagens que buscam a reprodução perfeita de monumentos e paisagens da cidade.

Ilustração 9 - página 94

Tatuagens do Rio com traços finos, leves e simples. Onde a significação e a identidade visual importam mais do que a Ilustração em si.

Ilustração 10 - página 95

Tatuagens que se utilizam de licença poética para a representação do Rio de Janeiro.

Ilustração 11 - página 96

Tatuagem de uma das entrevistada, Pillar de Sá Freire. Representa em sua perna o local favela com o Cristo Redentor ao topo

Ilustração 12 - página 97

Tatuagens que demonstram a associação do Rio de Janeiro com os clubes de futebol e regatas.

Ilustração 13 - página 99

Tatuagens do Rio de Janeiro em referência às olimpíadas de 2016

Ilustração 14 - página 101

Tatuagens que representam locais e ícones da cidade que não possuem destaque no imaginário oficial

Ilustração 15 - página 102

Tatuagem de um dos entrevistados, Yuri Carvalhosa representa o seu amor pelo Rio de Janeiro em forma de crítica

Ilustração 16 - página 114

Fotografia feita por mim em 28 de maio de 2016, dia da realização da entrevista no Mirante do Pasmado

Ilustração 17 - página 120

Fotografia feita por mim em 1 de novembro de 2016, dia da realização da entrevista no Parque das Ruínas

Ilustração 18 - página 125

Nos demais casos utilizei fotos feitas no momento das entrevistas, entretanto no caso de Rafael preferi pela utilização desta foto onde ele posa no bloco de carnaval por ele fundado, o Butano na Mureta. Trajando sua famosa fantasia de bailarina rosa. Escolhi a foto por acreditar que ela representaria bem a interpretação que tive da

personalidade de Rafael através das duas horas de conversa que desenvolvemos no dia da entrevista.

Ilustração 19 - página 135

Fotografia feita por mim em 16 de dezembro de 2016, dia da entrevista realizada na cobertura do pédio de Yuri, localizado no bairro de Irajá.

PRÓLOGO

*ZN > ZS

Em um dia ensolarado, dentro do 457, aos meus 15 anos, percebo a paisagem de cimento.

Alguns prédios, poucos edifícios, casas, igrejas, as construções denunciam um Rio de Janeiro que ainda não se modernizou.

Muitos postes ligando emaranhados de fios, pichações nos longos muros que acompanham a linha do trem, valões, pouca cor, muita gente, mas pouca natureza. Carros populares, daqueles que foram comprados a prestações infinitas, e que mal se tem dinheiro para fazer a manutenção, buracos, ônibus cheios, jornais de R\$ 0,50 que estampam a violência e as piadas, tão corriqueiros por aqui.

Onde o funk e o pagode tem seu lugar em um sotaque marcado, onde as vogais são mais abertas.

Vestimentas simples, uns “quilinhos” a mais, cabelos mal alisados e tingidos com tinta barata, unhas sempre pintadas, mãos cheias de sacolas plásticas, braços que carregam crianças.

A paisagem começa a se modificar quando chego no Maracanã, o primeiro ponto turístico com que sempre me deparo. Me distraio reparando na imponência, encanto, magia e soberba do gigante de cimento, que já viu das maiores alegrias nos rostos dos cariocas, até o choro desolado das derrotas, eliminações e vice-campeonatos. Palco de cantos, provocações, rivalidades, da massa, o lugar onde todos se tornam iguais, onde ao ver uma rede balançando nos tornamos irmãos de desconhecidos.

Me lembro de como acho graça do engano de muitas pessoas que acreditam que ao adentrar o Maraca nos preocupamos com os 22 milionários correndo atrás de uma bola. A nossa preocupação não é essa, nunca foi essa, estamos aqui por uma questão de identidade, é a nossa cultura, viemos pelo peso do que representam as cores da bandeira, pela paixão que se compartilha, pela felicidade completa, pelos momentos onde nada mais importa. E isso sem nenhum embasamento palpável, é claro, viemos pelo ópio, pela catarse, por nós mesmos.

Voltando à paisagem das ruas vejo um asfalto melhor cuidado, pichações dão lugar a grafites, os “quilinhos” a mais perdem espaço para uma corridinha em torno do estádio. Já não me deparo com casas, e as construções parecem maiores e mais modernas, um misto de postes e árvores, um “valão”, mas esse é famoso, todo mundo sabe o nome.

Mais ao centro da cidade vejo o Sambódromo e penso em tudo que já passou por ali, os brilhos, as baterias, as fantasias, os carros alegóricos, os sambas-enredo, o samba no pé. O sorriso das vitórias e os choros pelos décimos perdidos que custam títulos.

Sinto a frustração de não ter vivido o apogeu da Portela, até hoje a maior campeã do carnaval, mas que amarga uma espera de 30 anos por um título que nunca vem¹. Lembro da imponente Mangueira, exaltada pelo meu avô ao me ensinar o que é carnaval e principalmente dar sentido à expressão “brincar carnaval”. Queria que ele ainda estivesse aqui pra saber: “Eu consegui, Vô! Eu finalmente consegui escolher...” Penso na minha “vida boêmia” ainda na infância, sob a supervisão de meus tios e amigos dos meus tios, Salgueirenses que sempre se vangloriaram do Salgueiro ser a escola que mais empolga, penso na criatividade da Unidos da Tijuca, na perfeição da Beija-Flor, mas...

Assim como fez Paulinho eu vou não dizer, para dizer: “ Não posso definir aquele azul”. Ou como fez Monarco, não explicar para explicar, porque “Se eu for falar da Portela, hoje não vou terminar”

As demais que me desculpem, reconheço seu valor, mas não importa o que façam e nem o quanto se esforcem... só a Portela encanta.

Saindo do Santa Bárbara a diferença, uma mudança, um quase choque. Carreiras de árvores, paisagens naturais, um palácio! O Cristo, o Fluminense, a Zona Sul.

Aqui parece que só tem prédio, casas ou construções baixas são raros, grandes shoppings, belos edifícios, ruas mais limpas, trânsito mais organizado, carros mais caros, alguns importados, nada de linha de trem, nada de emaranhados de fios, nada de valão. De repente, já em Botafogo, ao virar uma esquina me deparo

¹ Escrevi a primeira versão deste texto ao início de 2015. Agora em 2017 tive a oportunidade de pela primeira vez assistir minha escola de coração ser campeã do carnaval, e ainda no dia do aniversário do Rio de Janeiro. Tenho segurança em afirmar que foi uma das maiores felicidades da minha vida.

com o Pão de Açúcar, caraca o Pão de Açúcar! De verdade mesmo, taí ó, dessa vez não o estou vendo pela Globo, não são aqueles takes com imagens aéreas da cidade para mostrar que dentro da novela o dia passou, dessa vez é ele mesmo! Um morrão maneiro cercado de água e ainda com um bonde, que parada bonita.

Quanta gente bonita, se vestem bem, usam roupas de marca, aquelas que eu sempre via na vitrine e achava que era impensável se gastar aquilo só com roupa.

Tem corpo sarado, tem cabelo bonito, tem a pele melhor, tem estilo, parece que combinam mesmo com as paisagens que tem por aqui.

Já em Copacabana percebo a constante sensação de que estou à beira da praia, tudo parece que funciona em função da praia, essas pessoas tem a comodidade de ir ao shopping, almoçar, beber, se encontrar, ir ao cinema, namorar, tudo à beira da praia. Muitos hotéis, muitos gringos, pessoas falando inglês, gringas que são um misto de beleza com um estranho jeito de se portar e de se vestir, e isso tudo em forma de corpo um pouco engraçado.

As relações entre as pessoas parecem menos informais, mais contidas, menos barulhentas, um pouco menos íntimas.

Aqui as pessoas correm à beira da praia, bebem água de coco, andam de bicicleta, nossa “que século XXI”, que hábitos saudáveis, também não é pra menos, aqui todo mundo é bonito, ser bonito se torna então quase que uma obrigação.

E a praia... eu sempre vim à praia, ainda criança aprendi que ela era bonita, nisso não tem nenhuma novidade. Mas aqui as pessoas convivem com a praia, não é aquela coisa de tirar o dia, fazer uma longa viagem de ônibus para estar um tempo por aqui e depois ir embora, aqui a praia é uma vizinha, uma companheira, que já nos conhece. Imagina se todo dia voltando da escola em vez de ver “valão” eu visse a praia. É assim que esse povo vive, com as praias, as famosas praias que tanto se fala nas músicas, é essa vida que serviu de inspiração para se criar um estilo musical, é disso que o Tom Jobim falava na bossa nova, que tanto se mostra na televisão, que tanto se fala quando se pensa em Rio de Janeiro, pra mim isso sempre foi um lugar que existia, mas que era distante, para essas pessoas é cotidiano, é tipo: “vou ali, dar um pulo na praia”.

Parques, babás, metrô, árvores, belas paisagens, muitas paisagens, pessoas na rua e comércio aberto até de madrugada, táxis, ar condicionado, um estilo de vida que parece gostoso de se levar, uma sensação de que no final das contas tudo vai ficar bem. Umas pessoas que parecem felizes, na moda, uns corpos tão sarados que fazem parecer possível alcançar os padrões de beleza impostos pela mídia, uma aparência assim...nível Big Brother.

Nossa, é muito diferente mesmo.

Agora eu entendo o que meu pai brincando sempre dizia: “a Zona Sul não é outra região, não é outra cidade e nem estado, a Zona Sul, Felipe, é outro país”

*Agora sim faz sentido, agora começo a entender e até achar que é verdade, é a isso que as pessoas sempre se referiam, é disso que elas sempre falavam, era isso que elas queriam dizer, o Rio de Janeiro pode mesmo ser uma cidade maravilhosa. **

Este texto que demonstra um tanto da da minha personalidade e da relação que estabeleço com o Rio de Janeiro, foi resultado de um exercício da disciplina Culturas Urbanas, ministrada pela minha querida orientadora Marina Bay Frydberg durante a minha formação no mestrado. Ele representa um momento importante da minha adolescência onde pude ter um contato mais íntimo com o cotidiano da vida na zona sul. De maneira que enfim pude compreender ao que as pessoas se referiam ao chamar o Rio de cidade maravilhosa, o que até então, para mim nascido na Praça Seca e posteriormente morador de Madureira, não fazia sentido.

Já conhecedor do cotidiano dos bairros da zona norte, meu primeiro contato com a zona sul aproximadamente aos 15 anos de idade, foi de encantamento. A beleza dos espaços, as facilidades de comércio, transporte, aparelhos culturais, tudo era atraente, assim como o padrão de beleza, que muito se aproximava do midiático. Logo cai no erro de tentar reproduzir e me dar à ilusão de que seria capaz de me misturar a esta realidade. Por vezes juntando dinheiro para comprar roupas de marca, em outras comprando roupas falsificadas e ainda deixando meu cabelo crescer para que ficasse parecido ao que depois do túnel Santa Bárbara era moda. Em certos momentos e conversas tentava omitir qual era o bairro que eu realmente

morava, com medo da reação daqueles que eu considerava como pares. Esta foi minha condição por alguns anos, de admiração e encantamento pelos bairros à beira-mar, de maneira que estabeleci como uma das metas da minha vida poder morar nesta região tão valorizada pelo mercado imobiliário.

Posteriormente, um pouco mais maduro, em torno dos 18 anos, tive meus primeiros contatos com o centro da cidade, a Lapa, a Rua do Lavradio, o Largo da Carioca a Rua do Ouvidor, os centros culturais e as rodas de samba na rua me fizeram perceber um terceiro Rio de Janeiro que até então eu não conhecia. A mistura de pessoas de variadas classes, gêneros e etnias, maneiras diversas de se comportar, falar e se vestir, no bom sentido, uma interessante bagunça. Mas dentre o que me chamava atenção no centro, acima de tudo estava o carnaval. Somente próximo aos meus 20 anos de idade passei o primeiro carnaval da minha vida na cidade do Rio. Período em que as festas dos blocos de rua começavam a se reestruturar, e foi aí, em um desfile do bloco Cordão do Boitató em um domingo de carnaval às 7 da manhã na Rua do Mercado que tive meu primeiro contato com o que hoje considero uma das mais bonitas manifestações culturais do mundo.

Entre fantasias, estandarte e cores, no chão, ao som de marchinhas, instrumentos de sopro e cantos de foliões sem carros de som, eu vivia uma festa que eu acreditava estar extinta, um carnaval que eu achava que não mais existia. Se iniciando com “ô abre alas que eu quero passar”, entristecendo com “bandeira branca, amor”, sorrindo com “quanto riso, oh quanta alegria” e explodindo em “índio quer apito, se não der pau vai comer”. Percebi um casal de idosos devidamente fantasiados que mostravam a uma menina de menos de cinco anos os encantos do confete e da serpentina. Emocionado com a cena, sorrindo me aproximo da criança e pergunto: “São seus avós?” O casal responde que sim, dizendo que os pais da menina não gostam carnaval e sempre viajam para fora da cidade, enquanto isso eles que são foliões desde sua juventude aproveitam para passar um tempo com a neta e brincar o carnaval. “Brincar carnaval”! Finalmente a maneira com que meu saudoso avô se referia à festa fazia sentido, “Agora sim! Faz todo sentido”. De imediato sinto imensas saudades suas, junto com a tristeza de não poder mostrar para ele que esta forma de viver o que sem dúvidas era a sua festa preferida, não

morreu. Começava a ficar difícil de me imaginar vivendo em outra cidade, pois já iniciava meu profundo encanto pelo carnaval de rua no Rio.

Foi mais ou menos por este momento, já em meados da minha graduação que comecei a ter condições de problematizar as relações que se estabeleciam entre os bairros e as principais zonas geográficas da cidade, o centro, a zona norte e a zona sul. Quando pude perceber a relação de interdependência econômica e cultural entre estas três regiões, finalmente fui capaz de dar enorme valor também à zona norte. Na esfera econômica atentava para o trânsito rodoviário e ferroviário ser mais intenso no sentido zona sul pela manhã, quando as pessoas que habitam a zona norte se deslocam para os bairros nobres, e no sentido contrário à noite, quando retornam para suas casas. Refleti sobre o que é a Rocinha, uma enorme favela localizada no meio da zona sul, percebendo que no sistema capitalista para que se sustente a riqueza dos poucos gerentes, diretores e donos de estabelecimentos no Rio de Janeiro, muitos destes moradores da zona sul, é necessária muita mão de obra barata, e que não esteja tão afastada das regiões valorizadas, em outras palavras, é preciso que haja muita pobreza. Afinal o que seria dos bairros da zona sul sem a mão de obra das classes populares para realizar seus serviços?

E na esfera cultural o que seria do Rio de Janeiro sem a zona norte? Sem o samba, o funk, sem o Vasco da Gama ou a Portela? Sem as mágicas palavras dos grandes compositores, Cartola, Noel Rosa, Candeia, Paulinho da Viola, sem o ritmo dançante de Jorge Ben Jor, as músicas de Bezerra da Silva e das bandas O Rappa e Planet Hemp? Assim, finalmente entendi a relevância cultural do subúrbio para aquilo que era o meu imaginário de Rio de Janeiro e o que a cidade representava para mim. Ao mesmo tempo que Chico Buarque, Vinicius de Moraes e Tom Jobim (ainda que nascido na Tijuca) me lembravam o quanto a zona sul pode ser encantadora.

Enfim, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, a Lapa, o samba, o Vasco, a Portela. O Rio “de sol de sal e mar”, de “praias sem fim, Rio você foi feito pra mim”. Eu começava então a me sentir imensamente sortudo por ter nascido e ser criado aqui, não fazia mais sentido viver em outra cidade, qualquer que fosse, no Brasil ou em qualquer país do mundo. Se estabelecia então a minha relação de profunda

identificação e admiração pela cidade de São Sebastião, que vieram a culminar na realização da minha primeira tatuagem, feita em homenagem ao Rio de Janeiro e posteriormente na produção desta pesquisa.

Considero pertinente uma reflexão a respeito do cenário político em que esta dissertação foi escrita, considerando o contexto do país, do estado do Rio de Janeiro e minha situação pessoal. Ingressei no Programa de Pós Graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT) da UFF em março de 2015, tendo sido aprovado no processo de seleção realizado no segundo semestre de 2014. Já na penúltima fase do processo, a entrevista, fui informado da escassez no número de bolsas que o curso dispunha, pelo motivo de ainda ser um curso novo e assim ainda não ter passado pela primeira avaliação da CAPES. De forma a só poder figurar entre os cursos com as notas mais baixas dentre as avaliações, o que implicava em poucas instituições, inclusive a própria UFF, se dispondo a ceder bolsas de estudo aos mestrados aprovados para o curso. Findo o processo de seleção fui informado da minha colocação, o sexto lugar dentre os vinte aprovados, na colocação seguinte ao número de bolsas que o programa conseguiu dispor, cinco.

Ao início do curso no ano de 2015 me deparei com certas dificuldades financeiras por ter deixado uma das minhas jornadas de trabalho para que pudesse dispor de tempo para os estudos que o mestrado demandava. A cada congresso realizado fora do estado, a cada livro que não podia comprar, a cada almoço pago em dias que a fila do bandeirão da universidade estava grande demais, impossibilitando o almoço durante a uma hora de intervalo entre as disciplinas que eu cursava. Entretanto estas dificuldades em nada se comparam às que viriam no ano seguinte, neste momento a situação política do país era conturbada, mas a nível nacional o processo de impeachment ainda se mostrava pouco provável e a nível estadual o Rio de Janeiro ainda conseguia mascarar sua falência no período que antecedia a realização das olimpíadas de 2016.

No ano de 2016 que a situação ficou bem mais complicada, tanto a nível nacional, como estadual e principalmente pessoal. Em Brasília percebia-se um conturbado processo de impeachment, os jornais estampavam as dificuldades da presidente se manter no poder, nas redes sociais cresciam as discussões a respeito do assunto e em todo país estouravam manifestações a favor e contra o processo

democrático. Com um acontecimento de tamanha importância se desenrolando no cenário político do país, ficava difícil a concentração na realização da dissertação, parecia até um pouco egoísta deixar de lutar pela democracia e me concentrar na minha formação pessoal. Findo o processo de impeachment tirava-se do poder uma presidente democraticamente eleita e colocava-se em seu lugar o vice-presidente, o escolhido pelos que conspiraram a ocupar o cargo da presidente deposta.

No Rio de Janeiro chegava à tona a crise financeira do estado, o governador decretava o estado de calamidade pública e recorria a ajuda do governo federal. Conjuntura que interferia diretamente na minha situação pessoal, como servidor do estado na função de professor. No ano de 2016 fui impedido de assumir o que seria a minha segunda matrícula, vaga para qual fui aprovado dentro do número de vagas, convocado e considerado apto pela perícia médica, mas a justificativa para a não realização da nomeação era “a crise”². Desta forma era obrigado a dar muito mais aulas para tentar me sustentar, a situação financeira que já não era das melhores em 2015, se agravava largamente em 2016. Ao final de 2016 tive a grata surpresa da gravidez da querida orientadora Marina bay Frydberg, mesmo com a felicidade pela realização pessoal da amiga, havia a implicação na redução do tempo que tive para a entrega da dissertação, devido a futura ausência da minha orientadora em consequência de sua licença maternidade.

Como última consideração gostaria de relatar que em paralelo ao processo de avaliação do PPCULT participei do processo seletivo de outro mestrado, na área da educação na UNIRIO. Tive a felicidade de ser aprovado em ambas seleções e mesmo com o fato de serem maiores as chances do bolsa no mestrado da UNIRIO, optei pelo PPCULT. Me encantava a idéia de ler, refletir e pesquisar o Rio de Janeiro, era como se fosse um sonho impossível se tornando realidade. Afirmando com toda certeza que mesmo apesar de todas as dificuldades que enfrentei, não me arrependi por um segundo sequer em ter optado por fazer minha dissertação sobre o que é uma das minhas maiores paixões, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

² Escrevo este trecho do trabalho em abril de 2016, e informo que até hoje sigo na espera pela nomeação, há mais de um ano, entre ações civis, manifestações e processos perdidos na justiça.

INTRODUÇÃO

As representações de uma cidade são parte indissociável de sua materialidade de maneira que são transmitidas em diversos suportes, polífticos, arquitetônicos, ou artísticos como mapas, quadros, poesias, romances, músicas, fotografias; também em roupas, corpos e, inclusive, tatuagens. Tais expressões indubitavelmente exercem influência nas interpretações que os indivíduos, habitantes ou visitantes dos espaços, formulam sobre o local, como destacou Canclini.

As cidades não existem só como ocupação de um território, construção de edifícios e de interações materiais entre seus habitantes. O sentido e o sem sentido do urbano se formam, entretanto, quando o imaginam os livros, as revistas e o cinema; pela informação que dão a cada dia os jornais, o rádio e a televisão sobre o que acontece nas ruas. Não atuamos na cidade só pela orientação que nos dão os mapas ou o GPS, mas também pelas cartografias mentais e emocionais que variam segundo os modos pessoais de experimentar as interações sociais. Dizia Luis García Montero, referindo-se a seu lugar, Granada, que “cada pessoa tem uma cidade que é uma paisagem urbanizada de seus sentimentos” (García Montero, 1972, p. 71 *apud* Canclini, 2008, p.15).

E a partir de tais interpretações virão os discursos a respeito das implicações, variações e nuances dos espaços. Da maneira como ele é pensado, planejado, imaginado e se aproximando da materialidade, a maneira com que se faz presente e altera a dinâmica no cotidiano e na vida das pessoas que o sentem.

Os discursos sobre os ambientes específicos e sobre, como um todo, a cidade, remetem à sua dinâmica atual, mas também à sua história e sua memória, relembando e reforçando imaginários já estabelecidos, mas também permitindo a criação de novos imaginários, ou de novas interpretações sobre estes imaginários já conhecidos, “o imaginário não é apenas a representação simbólica do que ocorre, mas também um lugar de elaboração de insatisfações, desejos e busca de comunicação com os outros” (CANCLINI, 2008, p.21). Em sentido de retomar ou de complexificar, os discursos expressam relações indissociáveis com os imaginários.

Exercendo um papel muito importante nas cidades estão também os próprios cidadãos, que nela habitam, ou apenas temporariamente transitam, alterando a dinâmica de deslocamento, consumo, conservação, exploração, planejamento e imagem da cidade.

Na paisagem que se observa, além das ruas, automóveis, belezas naturais ou construídas arquitetonicamente, desigualdades e lutas sociais, estão as pessoas que por ela circulam. E ao ocupar estes espaços os seres também passam a fazer parte da paisagem, a maneira com que os corpos ali se apresentam se torna parte também indissociável da urbe. Aparências genotípicas, fenotípicas, vestimentas, gestos, grupos, destinos e caminhos a serem percorridos, todos estes formam conjuntos que estão em relação dialética e constante com as territorialidades e cultura corporal observadas no local.

Na cidade do Rio de Janeiro não fica difícil de se fazer tais constatações. A metrópole logo evidencia a modernidade não só no sentido material e tecnológico, mas também no que se tem de mais atual nas relações entre as pessoas e seus corpos. Entre vestimentas, culto ao corpo, gestos, danças, e modificações corporais, e com destaque as tatuagens. Reforçando comportamentos já estabelecidos, mas também desconstruindo, acentuando conflitos e tentativas de quebra de paradigmas. Na cidade tropical e de clima majoritariamente quente é comum que boa parte das pessoas utilizem roupas curtas e por consequência disso ou mesmo por vontade própria, exponham seus corpos e partes da sua pele nua. O vasto litoral da cidade e a grande quantidade de praias também contribui para que muitos dos cidadãos optem por vestimentas menos formais, mais confortáveis. Por estas razões chama atenção este corpo, esta pele que fica exposta pelos cidadãos que no Rio transitam.

Assim criam-se também estereótipos de comportamentos e regras peculiares de conduta que ao serem generalizados, podem-se dizer característicos da cidade. O culto ao corpo se manifestando de diversas formas: exercícios físicos, tratamentos estéticos, bronzeamento de pele, alimentação regrada e na riqueza de detalhes das tatuagens. Como foi sintetizado por Goldenberg (2002) “categoria corpo” não mais sendo compreendido como algo natural, mas se tornando “coberto de signos distintivos”. Aquele corpo que individualiza e dá uma sensação de exclusividade, ao mesmo tempo, de maneira contraditória, coletiviza. O corpo é

“insígnia”, é utilizado como “griffe”, é compreendido como mérito, “prêmio”. O “corpo” é portanto, valor. O livro nos ajuda a pensar e a trazer novas questões a respeito da relação dos cariocas com seus corpos. Na maneira com que esse corpo é exposto e interpretado, dentro das condições climáticas, econômicas e socioculturais da cidade

Seguindo este mesmo caminho tive a percepção de algo distinto dos exemplos já conhecidos, que por mim foram utilizados anteriormente. Exposto na pele de um considerável número dentre os cariocas que possuem alguma tatuagem, e em alguns visitantes da cidade, encontramos as tatuagens em referência ao imaginário e a cultura do Rio de Janeiro. Indivíduos que exibem seus corpos e revelam uma pele tatuada com alguma referência, direta ou indireta, à cidade, pessoas que possuem uma relação tão significativa com o local que vivem que decidem por marcá-lo em sua pele. Tal inquietação me sugere inicialmente que estas pessoas possuem um enorme orgulho do local em que vivem. E que a partir desse sentimento em conjunto com uma cultura de valorização, exposição do corpo e ao atual momento onde, com a ajuda da popularização das redes sociais, se destacam as tatuagens, decidem por escrever ou desenhar em seu corpo essa insígnia de Rio de Janeiro.

As tatuagens despertam meu interesse desde quando criança. Me interesse pelos formatos, cores, sombras, conjunto, harmonia com as formas anatômicas e significados. As técnicas de desenho, tipos de máquinas e agulhas, diferentes tintas e a percepção social quanto as estas, me intriga. E foi à partir desta sensibilidade que me veio a concepção do fato, seguida da indagação a respeito da causa, sobre o que leva as pessoas a tatuarem a cidade do Rio de Janeiro? E mesmo dentro das reflexões sobre tatuagens existem alguns percursos diferentes que poderiam ser seguidos. Seria possível abordar a sua origem em diversas culturas, seu desenvolvimento na cultura ocidental, ou mesmo a sua marginalização. Dentre estas possibilidade seguirei a que se refere à tatuagem na cultura ocidental, mais especificamente no Brasil e no Rio de Janeiro.

Entretanto estas hipóteses iniciais não se fazem suficientes, são apenas superficiais, é preciso buscar aprofundamento e complexidade nestas suposições, e para suprir esta necessidade pesquiso informações em determinados meios de comunicação: livros, documentários, jornais e discursos; em expressões artísticas:

músicas, filmes, fotografias e tatuagens. Estes me darão pistas do caminho a ser percorrido para ensaiar uma compreensão das implicações culturais, influências midiáticas e condições materiais que moldam o que serão descritos como as razões que mobilizam as pessoas a tatuarem o Rio de Janeiro.

A partir destas inquietações, surge a primeira questão que norteia este trabalho: Quais as representações e os significados de cidade estão no imaginário dos habitantes e visitantes que decidem marcar em sua pele uma referência permanente à cidade do Rio de Janeiro? Entendendo que existem várias possíveis significações de cidade no imaginário destas, é interessante compreender quais são elas. Considerando que esta interpretação afetiva de cidade ou de um determinado local da cidade consegue aparecer de maneira tão intensa nos sentimentos destas pessoas, a ponto de servir como inspiração na hora de realizar uma escolha tão pessoal que é a tatuagem permanente. Também é interessante pensar que intrinsecamente existem uma ou mais intenções em cada indivíduo ao tatuar alguma referência à cidade. O que nos leva a acreditar que possuir na pele essa “marca de Rio de Janeiro” vai lhe propiciar algum tipo de sensação positiva à reação do outro, ao que se percebe da arte em sua pele.

Se partirmos do pressuposto que na interpretação de cidade que habita o imaginário destas pessoas, é bem visto, é admirável, respeitado e valorizado, possuir uma tatuagem do Rio de Janeiro, então nos cabe a pergunta: Que sentidos as tatuagens de Rio de Janeiro produzem em seus tatuados? Sentimento de pertencimento? De legitimação de um dentre os tantos possíveis “estilos de vida carioca³”? De diferenciação entre os habitantes que já poderiam ser considerados como pertencentes a este estilo de vida? É interessante compreender quais são as representações destas pessoas a partir do momento que realizam o desejo por esse tipo de tatuagem.

Por mais que o perfil das pessoas que se tatuam de maneira geral seja bem variado e difícil de ser delimitado, no caso das pessoas que decidem por tatuar a cidade de São Sebastião pode-se perceber ao menos duas características recorrentes entre os tatuados, a faixa etária e a temporalidade em que foram feitas

³Consideraremos como cultura e estilo de vida carioca as significações do imaginário social, assim como as ações realizadas em locais que permeiam o imaginário oficial do Rio de Janeiro, destaque: praias, bares, áreas de lazer, paisagens naturais, estádios de futebol e rodas de samba.

estas tatuagens. Foi possível verificar que a grande incidência de pessoas entre 20 e 35 anos, dentre as que carregam uma marca de Rio de Janeiro. Possivelmente influenciados por uma recente mudança no que pode-se chamar de “autoestima da cidade”.

Tenho por hipótese que as administrações dos prefeitos Eduardo Paes e Cesar Maia tiveram sua contribuição para a renovação desta autoestima à medida que desenvolveram políticas de intervenções urbanas em regiões degradadas e investimentos em transporte público, facilitando o deslocamento das regiões periféricas às demais regiões da cidade. Houve também a preocupação com a reafirmação de uma identidade carioca, no sentido de retomar um orgulho de ter nascido ou viver no Rio de Janeiro. Em um momento onde as identidades não se estabelecem de forma perene e tendem a ser mais transitórias, híbridas, aos tatuados a sua relação de afeto com o Rio de Janeiro que se pretende duradoura.

Além disso, o que está na medida do aceitável, ou seja, o que se pode tatuar não é algo tão abstrato. Existem alguns limites tácitos de onde (lugar do corpo) e o que se pode tatuar, de maneira a ser aceitável pela sociedade, limites que de certa forma estão subentendidos.

A busca por uma marca que durará a vida toda vem carregada de padronizações e idealizações. As questões culturais estão refletidas no corpo e, no caso da tatuagem, observam-se manifestações de aceitação ou não daqueles que a possuem. O corpo marcado é tolerado, mas ainda não pode ser considerado livre de estigmatizações. Cientes do julgamento do “outro”, os sujeitos [...] mostraram a preocupação de ter um desenho com o qual se identificam e, ao mesmo tempo, continuar sendo socialmente acolhidos. Buscaram, cuidadosamente, não escolher regiões corporais ou desenhos que ultrapassassem a aceitabilidade atual e os fizessem se sentir socialmente rejeitados, mesmo quando, algumas vezes, essas associações sejam feitas inconscientemente. Assim, esta pesquisa aponta que há, atualmente, restrições subliminares que ditam regras que nos fazem remeter a uma herança da representação social estigmatizada. Observa-se que, na verdade, a estigmatização continua não determinando que não se faça o desenho, mas ditando o quê, onde e quais estampas devem ser feitas. A tatuagem pode, sim, transitar por corpos e perfis sociais diversos, desde que seguindo as leis culturais estipuladas. (GOMES, 2013, p. 96)

Podemos perceber que existem desenhos que são mais comuns de aparecerem em tatuagens, como dragões, borboletas, peixes, nomes, frases, índias e caveiras, enquanto outros objetos dificilmente seriam escolhidos para marcar a pele de uma pessoa. Ou seja, além de um valor simbólico existe uma estética significativa nas

tatuagens, onde se cria um espaço para aquilo que é ou não, aceitável. Dessa interpretação, outra questão que direciona esta pesquisa: O que torna o Rio de Janeiro uma cidade esteticamente tatuável? Quais as características históricas, geográficas, simbólicas, afetivas, culturais e sociais desta cidade e de sua cultura que estruturam um imaginário que acaba exercendo tanta influência em algumas pessoas, que decidem por tatuá-lo e utilizá-lo como forma de representação da cidade?

Entendendo que existem várias possibilidades de significações de cidade no imaginário das pessoas que habitam e visitam o Rio de Janeiro, é interessante compreender quais são estes significados para as pessoas com o tipo de tatuagem citado. Esta situação já foi notícia na mídia internacional na figura da cantora Lady Gaga. Mesmo sendo nascida e criada em Nova Iorque, cidade que assim com Los Angeles e Paris, também possui habitantes que escolhem a cidade como objeto de tatuagem, ao visitar o Rio de Janeiro em turnê no ano de 2012, além de muitos elogios, fez uma tatuagem em que homenageia a cidade⁴. Influenciado pela atitude da cantora nova iorquina, o jornal *O Globo* publicou uma matéria sobre as tatuagens feitas em homenagem ao Rio de Janeiro cujo título era “Rio, uma cidade que fica no corpo feito tatuagem”⁵. A reportagem destacava para essa recente moda entre os cariocas e os visitantes do Rio que decidem tatuar em sua pele alguma referência à cidade.

Outra hipótese que apresento é relacionada à legitimação do que se convencionou chamar de estilo de vida carioca. Pensando que existem pessoas nascidas na cidade, que terão orgulho de se afirmar como praticantes de tal estilo, tentando se destacar por supostamente estarem próximas do que seria o perfil oficial dos cariocas. E dentre estas pessoas a tatuagem serviria como uma espécie de distintivo, como algo que comprova uma identidade de cidadão carioca, de praticante do estilo de vida característico das áreas mais famosas da cidade.

⁴<<http://www.entertainmentwise.com/news/94117/Lady-Gaga-Shows-Off-New-Neck-Tattoo-In-Honour-Of-Rio-De-Janeiro>> (Visto em: Outubro, 2014)

⁵<<http://oglobo.globo.com/rio/rio-uma-cidade-que-fica-no-corpo-feito-tatuagem-6986952>> (Visto em: Outubro, 2014). O título da matéria faz referência a um trecho da música Tatuagem, do compositor carioca Chico Buarque, “quero ficar no teu corpo feito tatuagem”.

Servindo então como um fator de distinção dentre aqueles que já se considerariam cariocas por nascimento e condução das práticas cotidianas.

Utilizo dos escritos de Oliveira (1996) que orienta o trabalho do pesquisador na posição de antropólogo, destacando a importância das ações de olhar, ouvir e escrever. O autor nos lembra do valor do *olhar etnográfico*, não esquecendo que ao direcionarmos este olhar para o objeto, já causamos algum tipo de mudança à medida que este “não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade” (OLIVEIRA, 1996, p. 19).

Oliveira (1996) prossegue dizendo que este esquema funciona como uma espécie de prisma que altera a nossa percepção quanto ao objeto, em uma espécie de refração da imagem. Nessa mesma perspectiva podemos classificar o *ouvir*, de forma a “estar preparado para eliminar todos os ruídos que lhe pareçam insignificantes, isto é, que não façam nenhum sentido no *corpus* teórico de sua disciplina ou para o paradigma no interior do qual o pesquisador foi treinado” (OLIVEIRA, 1996, p. 22). O autor também destaca a importância do processo de entrevista, mostrando que somente as ações de olhar e ouvir seriam insuficientes, se o pesquisador não realizar uma reflexão antropológica em busca de compreender o *sentido* do que é relatado, visando estabelecer a *significação* disso, para o antropólogo.

Oliveira (1996) cita Clifford Geertz mostrando que o autor descreve pistas para o desenvolvimento da etapa *escrever*. Geertz separa em duas partes o trabalho de escrita, sendo a primeira *o estar lá*, ou seja, no campo de pesquisa; e a segunda *o estar aqui*, se referindo ao momento em que o pesquisador se recolhe a um ambiente que lhe seja familiar, que lhe proporcione conforto, para assim realizar suas reflexões e tirar suas conclusões sobre o que foi ouvido e observado. Por isso considero que também são de grande valia, os escritos de Oliveira (1996) sobre a “observação participante”, que descreve tal situação como peculiar à antropologia, onde o pesquisador tenta compreender a cultura de seu objeto, porém olhando “de dentro” (OLIVEIRA, 1996, p. 34).

Na posição de pesquisador apresento semelhança com o perfil dos indivíduos que tomarei como sujeitos da pesquisa, tendo em vista que compartilho das práticas, comportamentos e interpretações de imaginário de cidade que possivelmente

aparecerão nos discursos dos entrevistados. Além de também possuir em minha pele uma tatuagem que faz referência ao meu imaginário da cidade do Rio de Janeiro. Por isso relato que encontrei dificuldade para me separar desta posição de morador, oriundo e entusiasta da cidade, e me colocar na posição de pesquisador acadêmico em vista de escrever uma dissertação. Em relação a este tipo de situação considero interessante a indagação “afinal, como se conhece quando se está em casa?” (SRATHERN, 2002, p.133).

Optei pela utilização de quatro pessoas a serem entrevistadas para a realização da pesquisa, com o intuito de facilitar o encontro com pessoas, optei por sujeitos que moram atualmente no Rio de Janeiro. Me preocupei com a utilização de uma amostragem equilibrada no que se refere aos sexos dos sujeitos da pesquisa, sendo metade de cada sexo. De maneira a dar espaço e importância semelhante à fala, às interpretações, opiniões e representações sobre a cidade de sujeitos de ambos os sexos. Inicialmente não visava priorizar quais tipos de desenho tinham sido escolhidos pelos que viriam a ser entrevistados, acreditando que as inscrições da cidade em sua pele não significariam uma relação direta com suas interpretações da mesma.

Entretanto fazendo um levantamento de fotos das tatuagens do Rio, me utilizando de ambiente *online* e das redes sociais *Facebook* e *Instagram*, pude perceber que a maioria absoluta das tatuagens feitas em referência ao Rio retratam locais, monumentos e paisagens já muito conhecidos. E que destas tatuagens do Rio de Janeiro, poucas referenciavam a cidade de uma maneira diferente, que fugisse a este padrão. À partir desta percepção julguei que se não me atentasse à diversificação dos desenhos nas tatuagens dos entrevistados, seria possível encontrar discursos sobre o imaginário da cidade que seriam semelhantes e pouco complexificados.

Assim passei então a me interessar mais por entrevistar as pessoas que saíam do padrão mais comum no que se refere às tatuagens do Rio de Janeiro, padrão este que seria a representação dos mais famosos ícones da cidade, como o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, o Maracanã, os arcos da Lapa e o calçadão de Copacabana. Na hipótese de que as pessoas que fizeram tatuagens que fogem a este padrão teriam maior facilidade em problematizar os imaginários sobre o Rio de

Janeiro, assim como me mostrar novas perspectivas de interpretação do imaginário oficial da cidade.

Aprofundo o contato com os quatro tatuados, realizando entrevistas semi-estruturadas, como destaca Triviños.

Entrevistas semi-estruturadas tem como principais características questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses gerais que se relacionam ao tema da pesquisa. Não se determina um roteiro fechado de entrevista, somente um roteiro básico que serve como ponto de partida para as perguntas que serão realizadas pelo entrevistador. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes (TRIVIÑOS, 1987).

As entrevistas foram cedidas por quatro pessoas que possuem ao menos uma tatuagem que faça referência ao imaginário do Rio de Janeiro, reforçando, questionando ou problematizando sua forma positivada. Foi feita a escolha destes atores sociais para a investigação do tema por se entender que o mais importante a critério de busca das inspirações, interpretações de imaginários e expectativas dos tatuados seria através do seu depoimento oral a respeito do assunto. Onde cada um deles pôde expressar suas opiniões, vontades, gostos e relação que estabelecem com seus respectivos imaginários de Rio de Janeiro.

As maneiras que utilizei para encontrar cada um dos entrevistados foram variadas, de forma a cada um dos quatro foi escolhido de forma diferente para participar da pesquisa, a primeira foi Renata Meiga que possui uma tatuagem do Cristo Redentor. O convite para Renata foi o mais fácil por já sermos amigos há muitos anos, inclusive antes mesmo de termos decidido por tatuar o Rio de Janeiro. Comecei com a entrevista de Renata pelo fato de sua tatuagem se encaixar no padrão mais comum dentre as tatuagens do Rio de Janeiro. E tomei como hipótese que a sua entrevista funcionaria de maneira a legitimar a força do imaginário positivado do Rio de Janeiro, sendo uma espécie de grupo de controle para a pesquisa.

Nas entrevistas que sucederam busquei seguir o que eu havia priorizado, que seriam as pessoas com tatuagens que fugissem ao mais comum de ser representado do Rio de Janeiro. Realizei então a entrevista com Pillar de Sá Freire, que possui uma tatuagem de uma favela. Obtive contato com Pillar através

da rede social *Instagram*, após realizar uma busca de imagens de tatuagens do Rio de Janeiro. O terceiro entrevistado foi Rafael de França, que possui uma tatuagem de um vendedor de mate. Encontrei Rafael ao caminhar pelas ruas da Tijuca, e logo a tatuagem em sua perna me chamou atenção por ser uma referência bem específica ao Rio de Janeiro, acreditando que ela refletiria a relação que Rafael estabelece com a cidade. O último entrevistado foi Yuri Carvalhosa, o conheci por indicação de uma amiga que logo lembrou da tatuagem de Yuri ao saber sobre o que era a minha pesquisa. Yuri possui uma tatuagem com vários ícones da cidade, mas que são representados de uma maneira crítica. Com a intenção de problematizar e principalmente questionar a positivação do imaginário do Rio.

Estas questões são importantes a critério de investigação, ampliação dos conhecimentos a respeito da cultura carioca e análise interdisciplinar das características que engendram a cultura e as territorialidades ligados aos habitantes e visitantes do Rio de Janeiro. Considerando que a cultura é um dos mais importantes objetos de construção do homem, através da análise destas tatuagens e das entrevistas de alguns dos tatuados, foi possível buscar mais a fundo o que constrói essa imagem de “cultura carioca” tão difundida pela mídia, principalmente dentro do Rio de Janeiro, através de músicas, filmes, reportagens, fotografias, vestimenta e aparecendo como novidade, também nas tatuagens. O contato com estes tatuados foi de grande valor para a compreensão das significações de cidade que habitam o imaginário das pessoas que vivem ou passam pelo Rio de Janeiro.

No **capítulo 1** desenvolvo uma reflexão a respeito dos imaginários do Rio de Janeiro, fazendo um breve levantamento histórico sobre a relação do poder público com o imaginário da cidade, à partir da administração do prefeito Pereira Passos, no início do século XX. Priorizando nesta análise um imaginário que é socialmente mais reconhecido legitimado, de maneira a tomar um espaço grande para aqueles que vivem, visitam ou pensam a cidade do Rio, a este imaginário chamarei de positivado. Destaco que a sua compreensão não é simples, que ele não se dá de forma fixa ou imutável, que apesar de poder ser chamado de positivado, apresenta variações, nuances. Posteriormente pensando na força e amplitude que esse imaginário atinge, e por último uma tentativa de problematização e

complexificação deste imaginário amplamente conhecido. O capítulo está subdividido respectivamente nestas três partes.

À primeira dei o nome de A Construção do Imaginário Positivado do Rio de Janeiro, onde faço um apanhado do contexto urbano do Rio como capital federal, do final do século XIX ao início do século XX. Passando por questões como a influência da burguesia em uma tentativa de elitização do imaginário da cidade e das reformas urbanas realizadas pelo poder público, na figura do então prefeito Pereira Passos. Faço uma análise também de outros dois mandatos para a prefeitura do Rio que considero relevantes para o imaginário da cidade, o de César Maia e Eduardo Paes.

Ao subcapítulo seguinte dei o nome de A Força de um Imaginário, onde discuto os momentos que se seguem após a construção deste imaginário. Mostrando a força e legitimidade que ele assume, internacionalmente, nacionalmente, mas principalmente dentro do próprio Rio de Janeiro. Exemplifico com algumas questões que julgo pertinentes à corroborar minha afirmação, como a exploração de imagens do Rio que são capazes de se tornar marcas e releituras de paisagens que figuram nesse imaginário e que são difundidas por diversos locais do mundo.

No terceiro subcapítulo, Complexificando os Imaginários do Rio de Janeiro, tento mostrar que existem também diversos contrapontos às afirmações e exaltações do Rio como cidade maravilhosa. Discutindo problemas urbanos como má distribuição de aparelhos culturais, má qualidade de transporte público, violência e desigualdades sociais, utilizo algumas reflexões feitas por compositores que destacam um lado da cidade que muitas vezes é esquecido pelas narrativas hegemônicas. Localizando boa parte dessas críticas a problemas percebidos nas regiões que recebem menor atenção do poder público e da iniciativa privada, como a zona oeste e o subúrbio carioca.

Já no **capítulo dois** me preocuparei com uma reflexão mais aprofundada a respeito das tatuagens, em uma tentativa de compreensão sobre a associação que se faz entre um orgulho e vontade de demonstrar o afeto pela cidade, e a escolha das tatuagens como o meio para se atingir isto. Farei também uma análise das imagens ou palavras escolhidos por estas pessoas para representar suas relações com os imaginários do Rio de Janeiro. Tentando compreender a ligação destas artes

com o trato que se estabelecem com o território. Também dividido em este capítulo em três partes.

Na primeira subdivisão, As Tatuagens e o Corpo Sócio-Histórico, farei um levantamento histórico sobre as tatuagens e como a sociedade se relaciona com ela na cultura ocidental. Desde quando começou a ser conhecida na pele de presidiários, pessoas marginalizadas e das classes subalternas, até os dias atuais onde pode chegar a alcançar a alcunha de arte. Na subdivisão seguinte A Tatuagem no Brasil e as Areias Cariocas, abordarei a chegada da tatuagem no Brasil, passando por seu mito de origem e o processo de crescimento desta manifestação. Destacando a participação do Rio de Janeiro neste processo e a relação da tatuagem com os imaginários que recaem sobre a cidade, tentando compreender as relações que os territórios carioca e nacional estabelecem com este tipo de arte no corpo. Assim como as suas influências e julgamentos na e pela sociedade. Associando as escolhas, em certa medida, com recortes etários, classistas, territoriais, étnicos e culturais.

Em seguida o subcapítulo Analisando as Tatuagens de Rio de Janeiro faço uma reflexão que tenta compreender o que as imagens, mais especificamente as presentes nas tatuagens, podem significar para as pessoas tatuadas e também representar para as demais que a percebem. E assim fazer uma associação com as imagens escolhidas pelas pessoas que decidem por tatuar o Rio de Janeiro em uma tentativa de levar na pele essa marca permanente da cidade. Tenho como foco a associação das tatuagens do Rio aos significados de cidade para as pessoas que se tatuam, destacando a análise das tatuagens dos quatro entrevistados para esta pesquisa. Complexificando os imaginário e representações de Rio de Janeiro em cada um dos tatuados, mostrando que são possíveis diversas interpretações de cidade. Algumas associadas ao imaginário positivado, outras nem tanto e outras ainda que tentam expor um contraponto a esse Rio de Janeiro romantizado, exaltado pelo poder público quando busca investimentos para o turismo e também por diversas manifestações artísticas que homenageiam a cidade.

No **capítulo três** Os Depoimentos dos Tatuados darei conta de analisar as entrevistas feitas por mim com estas pessoas que possuem na pele a marca de Rio de Janeiro. Através dos depoimentos procuro compreender as razões que levam às

peessoas a escolher este tipo de tatuagem, assim como a relação afetiva que elas possuem com esta e suas demais tatuagens. Questionando os motivos que as levaram a escolher o Rio de Janeiro como inspiração na hora de decidir pelo desenho ou frase a ser tatuada, divido este capítulo em cinco partes.

Na primeira Interpretações comuns do Imaginário do Rio de Janeiro, destaco os pontos da entrevista onde os discursos dos entrevistados concordam, convergem no mesmo sentido, ora reforçando questões do imaginário positivado, ora problematizando estas e outras questões referentes ao Rio de Janeiro. Analiso os discursos ou trechos de discursos que fazem por reforçar as idéias já estabelecidas no imaginário positivado da cidade e difundidas interna e externamente. Como a exaltação de paisagens, belezas naturais, opções de entretenimento e o proceder informal dos cariocas. Interpretando estas falas como consequência da amplitude e legitimidade que este imaginário consegue, principalmente dentro da própria cidade. Tentando associar as falas dos entrevistados a locais famosos da cidade, que tenham valores subjetivos ou memórias significativas para eles.

No subcapítulo seguinte Compreendendo a Relação dos Tatuados com o Rio de Janeiro, faço uma divisão em quatro partes referentes ao aprofundamento, análise e problematização de cada uma das entrevistas realizadas, buscando compreender a relação pessoa-cidade que cada um dos entrevistados desenvolve com o Rio de Janeiro. Cada uma das quatro partes é específica de cada entrevista, entretanto também é possível perceber, em certos pontos, questões que relacionam as entrevistas entre si. Analiso as partes das falas dos entrevistados que buscam problematizar as representações e o alcance do imaginário positivado do Rio de Janeiro. Questionando o paradigma de cidade maravilhosa e destacando uma cidade de contradições e significativas desigualdades sociais. Destacando que estas diferenças podem ser percebidas à partir de uma análise geográfica da cidade, onde certas zonas ou regiões vão abarcar uma incidência maior destes problemas apontados nos discursos dos entrevistados.

Com este trabalho pretendo somente dar início a esta discussão que ainda não foi muito desenvolvida. Considero que esta reflexão é importante para auxiliar na compreensão das dimensões culturais, históricas e sociais que influenciam e sofrem influência das nuances do imaginário oficial e dos outros diversos

imaginários do Rio de Janeiro. Aparecendo em inúmeras manifestações culturais, marcas de roupas, produtos nacionais e internacionais e mais recentemente figurando também entre as tatuagens.

CAPÍTULO 1 - IMAGINANDO O RIO DE JANEIRO

As cidades existem de forma concreta, palpável, em pedra, asfalto, ferro e cimento, funcionam de maneira a se aproximar do que tem efeito de real, do que aguça os sentidos, acontecem dentro da materialidade. Mas também existem na cabeça, no coração, nos sentimentos, na saudade do que era e na expectativa do que está por vir. As cidades se mantêm na concretude, mas a todo tempo são também imaginadas. Interpretações do real são comunicadas em discursos que ora se misturam, ora se alternam, se contrapõem ou se complementam, dando forma ao que se entende ou se imagina daquele espaço, mesmo que nunca se tenha pisado ali. Em relação de interdependência, o que tem efeito de real estrutura o pensamento, o mantêm dentro do possível, do plausível, do provável, por sua vez o pensamento demonstra os anseios, expectativas e interpretações dos significados e usos que se podem fazer do real. Simultaneamente e em complexa relação de interdependência, as cidades existem em tom de realidade, que por sua vez é também dependente do tom de imaginação, ou seja, em realidade e em imaginários.

Atualmente e já há algum tempo é em certo ponto institucionalizada, chegando a parecer naturalizada, a ideia de que a cidade do Rio de Janeiro se caracteriza como uma cidade maravilhosa. Sendo veiculada a imagem de que as praias, paisagens, arquitetura, música e estética corporal, característicos da cidade, seriam exóticos e atraentes aos olhares, tanto externos como internos. Desta

maneira a cidade é retratada como paradisíaca, a ponto de ser possível vender a idéia de que a vivência em seus espaços seriam experiências encantadoras. Esse imaginário da cidade está atrelado ao imaginário que se tem do país, em uma dialética que faz com que se confundam as imagens do que é Rio de Janeiro, e o que é Brasil, ambos aparecendo como paisagens edênicas, historicamente vendidas e até hoje vigentes.

Muitos dentre os primeiros exploradores que aqui chegaram destacavam as riquezas naturais e o clima ensolarado, escassos no continente europeu. Tal admiração foi documentada já nas cartas de Pero Vaz de Caminha e Américo Vesputio, escritas em seus primeiros momentos no “novo mundo⁶”, e endereçadas à corte portuguesa. Estes, em seus primeiros contatos com a região que viria a se chamar Brasil, se diziam encantados com a riqueza de fauna e flora, os consecutivos dias ensolarados, as montanhas, a extensa área de vegetação, a fertilidade do solo e a vastidão de sua faixa litorânea.

Esta visão literária do país se manteve ao longo das décadas, como documentado pelas cartas de escritores portugueses, e ao longo dos séculos com relatos de escritores brasileiros, como no livro *Diálogos das Grandezas do Brasil*⁷; também com padre Simão de Vasconcelos na *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*; com o poeta romântico Gonçalves Dias; e ainda Rocha Pita em *História da América Portuguesa*, o grande expoente do edenismo brasileiro (CARVALHO, 1998).

Em *Cidades Invisíveis* de Italo Calvino (1991), o personagem Marco Polo, que ao decorrer do livro descreve suas experiências e interpretações a respeito das cidades que visitou, em determinada passagem relata a passagem por um local que nele despertava uma sensação estranha, de um vazio, pois buscava uma identidade, um sentido para a existência dessa cidade, um motivo, e não o encontrava. Se fizermos a mesma reflexão a respeito do Rio de Janeiro a conclusão não será difícil, diferentemente da cidade descrita por Marco Polo, a razão de ser do Rio está muito clara, é historicamente conhecida, o motivo de sua existência, na

⁶Título da carta escrita por Américo Vesputio, do latim *Mundus Novus*.

⁷ Autoria desconhecida

interpretação dos primeiros europeus a chegarem aqui e que alcança o imaginário até os dias de hoje, é de ser uma cidade paradisíaca, uma cidade maravilhosa.

Essa imagem desde então construída e até hoje estabelecida, é tão forte que pouco se questiona, e sem dificuldades, serve como a imagem que se quer exportar do Brasil. Deixando de lado o entendimento de que o país passou por diferentes processos históricos e colonizatórios de acordo com suas determinadas regiões, e que por isso vai apresentar diversas regionalidades e territorialidades que complexificam o entendimento do que poderia ser chamado de “imagem do Brasil” ou mesmo “cultura brasileira”. Ficando assim muitas vezes resumida ao Rio de Janeiro a função de ser o retrato, o exportador da imagem da cultura do país, como destaca Fabiano Gontijo (2007). O autor discute, entre outros assuntos, a relação que se faz das práticas e da imagem do Rio de Janeiro sendo associadas como típicas do Brasil.

ainda há uma espécie de ideologia (sutil) da *carioquice* permeando os escritos da maioria dos cientistas sociais e intelectuais brasileiros (de todos os tempos), que generaliza os traços cariocas para o resto do Brasil, transformando-os em traços culturais nacionais, formadores da própria “identidade nacional brasileira”. É como se o Rio de Janeiro fosse o espelho do Brasil, e não ao contrário; como se a feijoada, o carnaval das escolas de samba, o futebol, a mulata e o chope bem-tirado fossem atributos que transcendem naturalmente o aspecto puramente carioca, tornando-se símbolos da própria brasilidade, divulgados e exportados infinitamente como a essência da ontologia cultural brasileira. (GONTIJO, 2007, p. 70).

Neste capítulo discutirei - em três partes - aspectos que julgo relevantes para a reflexão sobre o imaginário do Rio de Janeiro. Na primeira parte, A Construção do Imaginário Positivado do Rio de Janeiro, farei um breve apanhado histórico do período que vai do final do século XIX ao início do século XX, passando pelo contexto social carioca e as reformas urbanas de Pereira Passos. Na segunda parte, a Força do Imaginário do Rio de Janeiro, destaco algumas questões que podem ser importantes na compreensão do alcance e da força com que se estabelece esse imaginário do Rio de Janeiro. E por último, Complexificando o Imaginário Positivado do Rio de Janeiro, tento relativizar questões que estão fortemente estabelecidas no imaginário positivado da cidade, mostrando outros pontos de vista, que põem em xeque alguns dos pontos amplamente conhecidos do imaginário positivado do Rio.

1.1 - A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO POSITIVADO DO RIO DE JANEIRO

Quando se começa a pensar no imaginário positivado que atualmente é difundido nacional e internacionalmente entre suas variações e nuances, é relevante destacar que o Rio de Janeiro teve um marco em sua história ao longo de um processo que iniciou ao final do século XIX e se estendeu ao início do século XX. Processo que levou à posse de Francisco Pereira Passos como prefeito, em sua gestão que se deu entre os anos de 1902 e 1906. A administração do prefeito foi responsável por realizar diversas mudanças estruturais na cidade, muitas das quais se fazem perceber até os dias atuais, mais de um século após a realização das obras. As construções foram responsáveis por alterar não só a dinâmica urbanística da cidade, mas também a imagem e o imaginário estabelecidos até então

1.1.1 - Pereira Passos e o Poder Público ao Início do Século XX

Passos assume a prefeitura em um momento de recém proclamação da república e redução dos laços político-econômicos de Brasil e Portugal. De maneira que havia uma desconfiança à nível internacional, se o Brasil poderia figurar entre as nações consideradas modernas ao início do século XX. Na tentativa de solucionar tal desconfiança

Francisco pereira Passos teve fama por suas inúmeras transformações à paisagem da cidade, “poucas cidades no mundo tiveram a sua paisagem natural tão modificada como a do Rio de Janeiro. O dissecamento de lagoas, a drenagem de pântanos e mangues, os aterros sobre o mar, a construção de túneis, o desmonte de morros etc. mostram como a segunda natureza desta cidade foi sendo lentamente construída e modificada a partir de uma árdua intervenção humana.” (BARROS, 2002, p.2)

Pereira Passos toma como objetivos reestruturar a lógica e a paisagem urbanas do Rio de Janeiro, até então capital federal, para que se assemelhasse aos modelos de capitais europeias, com destaque para Paris.

Pesavento (2002) ressalta que na década de 1870 já se notavam problemas estruturais de ordem prática que o Rio, como cidade colonial, enfrentava. Por consequência de seu acelerado e desordenado crescimento, as estruturas condizentes com um desenvolvimento colonial, apesar de alguns melhoramentos feitos ao longo dos anos, já não se faziam suficientes. E assim o padrão urbano colonial começava a ser questionado pelas elites brasileiras sendo julgado como insuficiente para uma capital exportadora, que tinha como principal produto o café.

Pesavento (2002) também relaciona as mudanças pelas quais passou o Rio de Janeiro na administração do prefeito Passos com sua estadia em Paris. is do mundo ocidental.

Paralelamente à emergência da questão urbana como problema, de Paris vinha o exemplo bem-sucedido das intervenções do Barão Haussmann na capital Francesa. Os trabalhos executados pelo prefeito do Sena causaram viva impressão no jovem Pereira Passos, quando de sua estada em Paris, a partir de 1857, completando seu aperfeiçoamento como engenheiro na famosa *École des Ponts et Chaussées*. (PESAVENTO, 2002, p. 167)

Em visita à capital francesa, o futuro prefeito pôde perceber e considerar benéficas à cidade, as mudanças realizadas pelo Barão Haussmann, que posteriormente levaram o projeto de cidade ali implementado, a ser referência para as demais capita

Além disso, Pereira Passos participou da Comissão de melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro, realizada em 1874, visando formular um plano de ação urbana que pudesse trazer melhorias aos problemas considerados mais urgentes da cidade. Vias largas e retilíneas que facilitassem a circulação de carros, pessoas e do ar, questões relacionadas à higiene e às epidemias que assolavam a cidade também foram discutidas. Também entraram em pauta as preocupações com a estética da cidade, na argumentação de que não bastava que a cidade funcionasse no sentido prático, mas que também deveria ser agradável aos olhos, trazendo uma imagem e uma sensação de sucesso, de bem estar e qualidade de vida proporcionados por uma grande metrópole.

Era perceptível a preocupação em estreitar as diferenças entre o Rio de Janeiro que se percebia no cotidiano dos cidadãos, e o Rio de Janeiro que pelos mesmos era idealizado.

Mesmo fracassado, o plano dos anos 70 nos revela sintonia e o conhecimento, por parte da elite cultivada brasileira, daqueles princípios que orientavam a ação e o debate sobre o urbano na França: circulação, higiene e estética. Mas, por outro lado, o resultado final efetivo - o embelezamento de um detalhe do contexto urbano - vem ressaltar o aspecto metonímico da reforma urbana "à la brasileira", em que parte assume a configuração do todo e o visual se impõe como padrão de referência, trazendo a nu a relação entre "ser" e "parecer". (PESAVENTO, 2002, p. 168)

Acontece então no início do século XX a pressão burguesa por melhorias estruturais na cidade, preocupação que se teria com a imagem da capital e do país no cenário internacional e problemas estruturais de ordem prática. Francisco Pereira Passos se torna prefeito do Rio de Janeiro, por meio da nomeação do então presidente, Rodrigues Alves.

Passos teve liberdade das instâncias presidenciais para realizar obras significativas, que mudaram radicalmente a estrutura e a disposição geográfica das classes populares do Rio. O prefeito apoiado pela classe burguesa se aproveitava do pressuposto de modernização da cidade, para realizar também uma desapropriação e realocação dos cidadãos das classes subalternas, os removendo de locais centrais da cidade, e os alocando em locais periféricos.

A reconstrução da imagem da cidade deve ser vista a partir do habilidoso esforço de revelação\ocultamento operado, tanto pelas imagens reais (cenários, paisagens de rua), quanto pelas imagens metafóricas (imagens da literatura, da medicina, da engenharia, etc., produzidas como **conhecimento** sobre a cidade) ; no sentido de dar ao Rio de Janeiro características de cidade moderna, racional, desenvolvida, organizada, à semelhança das grandes capitais européias que simbolizavam os novos tempos da burguesia. (PECHMAN, 1993, p.36)

Apesar disto não estar implícito no discurso público da época, havia uma clara política de gentrificação na cidade, uma tentativa de esconder o que era considerado feio para a imagem de uma capital federal.

As reformas além de estruturais tinham também um caráter estético, não bastava que a cidade fosse funcional e prática para os cidadãos das classes burguesas, era preciso que sua aparência a assemelhasse às capitais europeias,

consideradas pelas elites como modernas. Demolição de cortiços, destruição de becos e sobrados, ampliação de ruas precárias e escuras para se tornarem grandes vias, largas, retilíneas e arejadas. “Era preciso, portanto, no imaginário da burguesia cafeeira construir-se uma nova cidade, à imagem e semelhança da imagem que essa classe fazia de si mesma.” (PECHMAN, 1993, p.36)

A intenção era esquecer o Rio de Janeiro que se conhecia até então, considerado pelas elites como um local perigoso, sujo, fétido, doente, e com excessiva presença de negros. Para a construção de uma nova cidade, imaginada como o local que alcançasse o que as elites imaginavam que eram, ao se espelhar em uma Europa que eles imaginavam que existia. Limpa, rica, arejada, saudável, bela e branca, eram estas as características que a elite carioca esperava encontrar no novo Rio de Janeiro.

Ao esforço de a tudo dar visibilidade, de a tudo surpreender pelo olhar, de erigir a visão como forma de conhecer o mundo urbano, corresponde inequívoca vocação de fazer da história tábula rasa. A habilidade de tudo revelar corresponde, portanto, à habilidade de tudo ocultar, desde que entendemos que o urbano está impregnado de sentido histórico e não é um simples *décor*. Revelar, ocultar, aí está a dialética da construção da imagem da cidade, que conduz a uma única síntese: a imagem como campo de poder e de dominação. (PECHMAN, 1993, p. 37)

E neste processo de revelação do desejável e ocultamento do indesejável de maneira a atender as vontades das elites da capital federal, diversas manifestações culturais e espaços ocupados pelas classes populares, negras, são diminuídos. Sendo difundidos pelos detentores das posições de destaque na sociedade, dos lugares de fala e dos meios de comunicação, discursos que negativizam tais manifestações de maneira tão forte, que são percebidos até os dias atuais. Destacado por Chalhoub (1996), ao dizer que os negros eram vistos como uma classe perigosa ao final do século XIX e início do século XX no Rio de Janeiro. Como a aversão às religiões afro-brasileiras; a inferiorização de gêneros musicais característicos da população negra, como o samba, até meados do século XX e o jongo; associação da população negra e pobre à doenças e falta de higiene.

Ao tentar crescer certos aspectos, em detrimento de outros, fica perceptível a sensibilidade daquilo que aparece como um imaginário positivado, mas que se tenta forçar como o imaginário oficial do Rio de Janeiro ao início do século XX. A

cidade das grandes e arborizadas praças, dos boulevards, da arquitetura européia, das avenidas retilíneas, também é uma cidade de exacerbadas desigualdades sociais. Consequência de um capitalismo que voraz nem sequer consegue reconhecer a importância das classes populares para o seu sustento. De uma elite burguesa que além de explorar a força de trabalho, invalida as manifestações da cultura negra e popular. O Rio de Janeiro que se pretende moderno, que tenta se mostrar branco, limpo, e saudável, esbarra em enormes mazelas sociais, em problemas de violência urbana, em formações de favelas, e na ainda forte herança colonial, racista e escravista.

O conceito de modernidade pode ser amplamente relativizado, tendo em vista que passa por diversas interpretações de acordo com as diferenças de classe, região e de período histórico. E era na cidade, nas grandes metrópoles que o conceito de moderno tomava fôlego, tendo como base a Europa, considerava-se a vida urbana como o exponencial maior do que a humanidade havia sido capaz de construir em séculos de evolução. Nas artes, na arquitetura, tecnologia, comportamento e ao que se considerava a alta cultura, a modernidade tratada aqui é a almejada pela burguesia carioca no início do século XX. Dentre outras questões, o processo de modernização passava por uma tentativa de “embelezamento” da cidade, implicando na expulsão da população trabalhadora majoritariamente negra, das regiões centrais da metrópole. Havia também uma tentativa de se afastar de antigos costumes característicos do Brasil colonial, em busca de uma aproximação de recentes costumes europeus, em questões comportamentais, arquitetônicas e de vestimenta, por exemplo.

Entretanto é relevante destacar que apesar da questão referente à aparência que o poder público tentava dar à capital não condizer com a situação percebida pela cidade de uma forma geral, eram bem sucedidos os esforços em tentativa de modificar o imaginário do que era o Rio de Janeiro. No campo dos significados o que se almeja ser é muito importante, podendo ser mais importante até do que aquilo que outro lhe impõe e diz que lhe cabe ser. A vontade de tornar o Rio uma capital ao padrão europeu era tão grande, que chegava a ser maior do que as condições materiais que o impediam de sê-lo.

Mas no caso brasileiro, a representação provoca o efeito de “verdade” e a cidade imaginária se sobrepõe à cidade real. Assim, se a forma do Rio de Janeiro promovida pelo prefeito “Chico Passos”, foi feita no intuito de construir uma *Paris-sur-mer* na sua vertente tropical, o distanciamento entre a intenção e o resultado não invalida a força da construção imaginária. Mesmo que em termos práticos, a aproximação com Paris se reduzisse a alguns elementos isolados, como os *boulevards* ou a fachada eclética ou *art-nouveau* dos prédios da majestosa avenida Central, a vida urbana, em sua globalidade, era vivenciada como condizente com um *ethos* moderno. [...] Entendemos que a literatura vai expressar essa especificidade histórica, através do efeito do domínio do simbólico sobre o real. O Brasil seria, no caso, o terreno fértil para a construção de metáforas e para a realização da metonímia, o contexto por excelência onde a imagem mental ou visual dá à aparência o caráter de essência. (PESAVENTO, 2002, p. 161)

A ressignificação dos espaços não é tão dificultosa quando o ímpeto para tanto vem de todos os lados, não havia força suficiente nos discursos que eram contrários à dita modernização do Rio de Janeiro, sendo assim predominava o discurso elitista, que tentava tornar a capital federal o arquétipo da modernidade brasileira.

Também deve ser levado em consideração que não é tão difícil se tornar algo que não se conhece a fundo, assim estava a Europa objetificada para os brasileiros. A Europa que mais se fazia presente nas aspirações da elite carioca, era a da literatura, das pinturas, do discurso, do “ouvir dizer”. Pouco do continente já havia sido vivenciado, experimentado, por brasileiros, por esta razão havia de ser amplamente imaginado. Complexificando, porém não impossibilitando a aproximação dos imaginários, do que se tinha como Rio de Janeiro, ao que se tinha como Paris, por exemplo.

Tais fatores contribuem para que se tenha no Brasil o que é apontado como “cultura de fachada”. Esta expressão define o que seria a preocupação maior com as aparências do que com o conteúdo.

O efeito da representação faz com que o elemento isolado, o caco, o traço, o detalhe seja tomado como expressão do conjunto ou comparável a uma situação desejada. Assim, não importava que a Rua do Ouvidor era quase um beco, ou que a avenida Central não tivesse a pompa e a dimensão da parisiense Champs Elysées pois a sensação de viver numa metrópole dava sentido à existência. Ora, sendo o imaginário social forma de representação do mundo, ele se legitima pela crença e não pela autenticidade ou comprovação. No caso, os elementos das arquitetura e do traçado urbano assumem a sua plena dimensão simbólica. A representação tradicional da cidade é afetada pelas modificações concretas do espaço público, dando

margem a um processo ampliado de metaforização social.
(PESAVENTO, 2002, p. 161)

Uma importância maior ao que é percebido externamente do que internamente, valorizando o que se mostra para quem está de fora, ou seja, a fachada. Com a intenção de transformar a percepção do que é apenas parte, em uma interpretação do que seria o todo.

Este tipo de atitude, comumente realizado pelo poder público, não sofreu significativas modificações ao longo das décadas seguintes, acontecia em meados do século XX, acontecia durante o período da ditadura militar, quando o suposto progresso era colocado em primeiro plano enquanto as necessidades básicas da população eram colocadas em segundo. E ao final do período da ditatorial acontecia também, ao nos depararmos com uma democracia que ainda é fortemente ligada à burguesia, tendo nas figuras de muitos dos governantes que ocupam posições nos poderes executivo, legislativo e até judiciário uma representação das classes mais abastadas, e por consequência ainda deixando de lado as necessidades das classes subalternas. Tudo isso até os dias de hoje tentando se mostrar economicamente forte para os outros países, ainda seguindo os preceitos do que pelas elites é considerado progresso.

Esta relação que o poder público estabelece com a governabilidade da cidade pode ser considerado como uma espécie de costume ou cultura, e portanto influente no seu imaginário, podendo ser facilmente percebida na realidade atual, pós século XX. Quando por exemplo, governos estadual e municipal priorizam os gastos com as olimpíadas de 2016 em detrimento do cumprimento de obrigações básicas para com a população. Aumento da repressão nas favelas, mortes de inocentes, remoções, especulação imobiliária, perda de mobilidade urbana, estado decretando calamidade pública, desmonte das escolas públicas, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), espaços em hospitais públicos destinados a uso exclusivo das necessidades olímpicas, servidores estaduais com salários atrasados ou até mesmo sem receber salários. Não há dúvidas de que tais fatores influenciam diretamente no crescimento da violência urbana que a cidade experimentou ao longo

das décadas e ainda experimenta. De maneira a ser um problema tão conhecido, que também chegue a figurar no imaginário oficial da cidade.

1.1.2 - A Zona Sul

O imaginário oficial do Rio de Janeiro também é influenciado por este tipo de atitude, historicamente são comuns as ações dos poderes públicos e privados em prol da preservação e valorização de determinadas regiões da cidade, em detrimento de outras. Isto porque certas regiões são mais enaltecidas, famosas, visitadas, e por isso consideradas por estes, como mais relevantes para a imagem da cidade, mais significativas ao imaginário, mais importantes no cenário nacional e internacional. Falo das diferenças estruturais urbanas consequência da gritante diferença de investimentos e recursos destinados à Zona Sul e Centro, em comparação às Zonas Norte e Oeste.

A segregação residencial e as desigualdades de condições de vida entre os territórios da metrópole resultam da ação dos grupos sociais interessados na apropriação da renda real, entendida como o acesso desigual ao consumo dos bens e serviços coletivos (qualidade de vida) e aos ganhos decorrentes da valorização imobiliária e fundiária dos terrenos mais bem equipados. Como as regiões de maior renda real são as que concentram os segmentos de maior renda monetária, forma-se um processo de causalidade circular que tende sempre a instaurar e a aumentar a desigualdade social na cidade. O fundamento desse processo é duplo. De um lado, a propriedade privada da terra permite aos grupos de maior renda monetária o controle excludente das áreas mais bem dotadas e mais valorizadas, por meio dos processos de agregação e segregação no uso e ocupação do solo urbano. De outro lado, o maior poder social e político desses grupos assegura-lhes vantagem na disputa pela distribuição espacial dos investimentos públicos na cidade e impede que o excedente gerado possa ser recuperado pelo poder público via tributação imobiliária. Por esse prisma analítico, a segregação e as desigualdades são conseqüências inevitáveis e permanentes da desigualdade de “empoderamento” entre os grupos sociais na cidade e, ao mesmo tempo, um mecanismo ativo da questão distributiva na sociedade. (RIBEIRO, 2001, p. 79)

Aos bairros da Zona Sul percebe-se uma maior preocupação com transporte, manutenção das vias, disposição de aparelhos culturais, limpeza, iluminação,

segurança e maior prestação de serviços básicos de saúde e educação. Enquanto aos bairros das demais zonas o que se percebe é um discurso dos moradores que em sua maioria reclamam da escassez destes serviços

Apesar da forte ligação do samba ao imaginário oficial do Rio - gênero musical com maior presença percebida nos bairros da zona norte, devido a localização da maioria das escolas de samba - a imagem que se faz vender da cidade está atrelada principalmente a bairros, locais e paisagens da Zona Sul. Praias de Copacabana, Leme, Ipanema e Leblon; Cristo Redentor; Pão de Açúcar; Lagoa Rodrigo de Freitas e Jardim Botânico são alguns dos exemplos. Enquanto as zonas Norte e Oeste, com exceção do Maracanã, não figuram tanto no que é valorizado por este imaginário.

A tese que está colocada é que o Rio de Janeiro, historicamente, é comandado por uma coalizão de forças e de interesses fundados nos circuitos de acumulação urbana. São os circuitos que têm a ver com o setor imobiliário, de obras públicas, de serviços concedidos como transportes que produzem o meio ambiente construído. Ao longo do tempo, por diversas razões, esses setores têm mantido certo controle sobre a economia política da cidade, e isso vem se traduzindo por ciclos de expansão da cidade, que atendem um pouco a esses interesses e à capacidade política desses interesses. Se for para fazer uma narrativa de longa duração, temos um primeiro momento de reconquista do Centro na era Pereira Passos, de obras públicas, investimento imobiliário, valorização imobiliária, etc. Depois há outro ciclo, de expansão em direção à Zona Sul, a invenção da Zona Sul, este novo espaço da cidade. A partir dos anos 1980, começa um terceiro ciclo, que é um ciclo de expansão para a Barra da Tijuca. Em cada um desses ciclos, o poder público atua criando as bases para que esse tipo de expansão seja viável. Para a Barra da Tijuca, foi necessária a construção de túneis e viadutos, por exemplo. Agora vivemos um novo ciclo, de retomada das áreas centrais. Isso tem a ver com a importância que esse circuito tem na economia política da cidade. Essas reformas urbanas atendem menos à necessidade de se construir um espaço urbano produtivo e mais à de criar possibilidades para esse tipo de circuito desenvolver negócios. (RIBEIRO, 2015, p. 1)

Por estes motivos as esferas públicas e privadas historicamente entendem que o foco dos investimentos feitos à cidade devem ser nestes bairros, que tem destaque no imaginário positivado do Rio

Assim percebe-se a relação da “cultura de fachada” - que tenta dar à aparência o tom de essência, que pega o detalhe, a parte, e tenta torná-lo o todo - com a cidade e com o imaginário oficial do Rio de Janeiro. Ao se focarem os

esforços em manter e melhorar a imagem dos bairros nobres da Zona Sul, que abarca a maioria dos locais mais visitados, lembrados e conhecidos da cidade, somente ao que restar, ficam renegadas às zonas oeste e norte. Em uma tentativa de fazer da imagem dos bairros mais elitizados, localizados em uma reduzida região geográfica da cidade, a imagem oficial do Rio de Janeiro. Expondo e exaltando as características aprazíveis pelo ponto de vista turístico, e escondendo as mazelas sociais e problemas urbanos presentes em maior escala nas regiões que correspondem à maior extensão urbana da cidade.

1.1.3 - Copacabana

Entre os bairros da zona sul tem destaque e relevância histórica ainda maior na construção e expansão do imaginário carioca, o bairro de Copacabana. Com sua localização relativamente próxima ao centro da cidade e sua vasta extensão praiana, o bairro foi muito importante na estruturação do imaginário positivado do Rio de Janeiro antes da metade do século XX.

Imagine-se o leitor sozinho numa praia tropical, rodeado apenas de alguns palacetes e um enorme edifício em construção, vendo o bonde que o trouxe afastar-se entre as montanhas até desaparecer de vista. Diante de si uma avenida pontilhada de postes de iluminação, eventualmente entrecortada por automóveis. Um pouco mais adiante, uma larga faixa de areia sobre a qual se espalham pequenos grupos de pessoa, em sua maioria jovens em traje de banho alternando-se entre a proteção das barracas e o frescor da água do mar. Na calçada construída, pessoas em elegantes roupas desfilam duas a duas, três a três, num incessante falatório, enquanto observam atentamente o que se passa ao redor. (O'Donnell, 2013, p. 81)

As propagandas que relacionavam a estadia no bairro à qualidade de vida, cresciam à medida que se modificava o significado da vida à beira da praia, e do banho de mar.

Até então visto como anti-higiênico, perigoso e característico de mendigos e das camadas populares, o banho de mar passa a mudar de significado no Brasil. Dom João foi um dos precursores do costume, praticando, desde a vinda da família real para terras brasileiras, em 1808, como destaca O'Donnell (2013). Ao início do século XX o jornal *O Copacabana* publicava um artigo a respeito dos benefícios advindos das águas salgadas. Alegando haver propriedades de cura a problemas de pele, e melhora de qualidade de vida, médicos ingleses passavam a receitar as águas salgadas a seus pacientes. Essa mudança é muito benéfica à venda do estilo de vida copacabanense, junto a um suposto “espírito cosmopolita”, moderno, bem sucedido e saudável como lembra O'Donnell (2013).

A construção do Copacabana Palace Hotel, situado à beira da praia na Avenida Atlântica, também contribuía para a valorização do estilo de vida e status pretendido pelo bairro. Figurando entre o que se conhecia de mais moderno e luxuoso em termo de acomodações para visitantes, o hotel chamava atenção para a imagem de modernização a que se propunha o bairro, e em consequência desta imagem de bairro, também uma imagem de cidade.

[...] o cenário encontrado por aquele que, numa manhã de 1922, visitasse a orla de Copacabana. Com mais de 22 mil habitantes, o bairro oferecia a quem ali chegasse uma avenida Atlântica duplicada, largamente iluminada, e sobre ela, a concretude da promessa daquilo que seria, dentro de poucos meses, “um dos mais lindos edifícios do mundo” - o Copacabana Palace Hotel. (O'DONNEL, 2013, p. 81)

Dentre outros fatores, mas principalmente por ocupar a posição de capital federal, não há dúvidas de que a imagem do Rio de Janeiro, também exercia muita influência no imaginário que se pretendia vender de país.

Percebia-se também um deslocamento da boemia que costumeiramente ocupava as regiões do centro da cidade, em especial o bairro da Lapa, para a região do bairro de Copacabana. Isso ocorreu porque o prefeito Henrique Dodsworth decide por reprimir os espaços públicos do centro da cidade que eram conhecidos por atraírem pessoas ligadas a costumes mal vistos pela elite conservadora da época: samba, bebidas alcoólicas, promiscuidade, boemia. Então a dita malandragem carioca, acaba tendo que se deslocar para os clubes, locais fechados

que proporcionavam ambientes mais reservados, longe da atuação do poder público, e estes clubes em sua maioria, localizavam-se no bairro de Copacabana.

Em nome dos bons costumes, o coronel Etchegoyen determinou que fossem presos malandros, prostitutas boêmios, gigolôs. Esse ambiente repressivo afasta intelectuais e frequentadores da vida noturna da Lapa do Centro. Em 1946, o presidente Dutra fecha os cassinos (seguindo os conselhos da então primeira dama, D. Santinha, de que acabasse com aqueles “antros de pouca vergonha”), atingindo diretamente o meio artístico. A recuperação viria com uma transferência da boemia para as boates em Copacabana. (MATOS, 2002, p. 39)

Vida à beira-mar, status, vestimenta, saúde, estética e boemia, apresentadas em conexão com as paisagens naturais situadas no bairro, e nas demais localidades da zona sul da cidade. É neste sentido que pode-se afirmar que o imaginário positivado do Rio de Janeiro historicamente esteve e ainda está, muito atrelados ao imaginário de Copacabana. E após firmado o imaginário, este não encontrou muitas dificuldades para que se mantivesse vigente, e crescesse gradativamente nas interpretações das pessoas que vivem no Brasil ou no exterior, que já tenham visitado a cidade ou não. Atualmente a imagem de Rio de Janeiro, associada à imagem do Brasil se encontra muito bem estabelecida, sendo reforçada através dos discursos, filmes, literatura, programas de tv, músicas, reportagens, fotografias, consumo e tatuagens.

Em meados do século XX ganhava força este imaginário de Rio de Janeiro, ainda fortemente atrelado ao imaginário que se tinha de Copacabana. A vida à beira-mar, a modernidade e a salubridade eram vendidas como qualidades a serem buscadas pelos cidadãos da metrópole. Porém com o passar dos anos, devido a ampla divulgação deste imaginário, o crescimento de Copacabana levou o bairro à saturação. O que fez por aumentar os já existentes problemas de ordem urbana como trânsito, moradia e violência. A crise do bairro serviu como premissa do que viria a acontecer com o Rio de Janeiro nas décadas que se seguiram, de 1960 e 1970. O enfraquecimento do estado no período da ditadura militar, em conjunto com um fortalecimento do setor privado, contribuíram para o aumento das desigualdades sociais na cidade, origem de diversos problemas sociais aqui enfrentados.

1.1.4 - O Poder Público e o imaginário do Rio ao Final do Século XX

Ao final da década de 1980 e início da década de 1990 o Rio enfrentou problemas de larga escala em relação à violência urbana. Fortalecimento de facções criminosas como Comando Vermelho (CV) e Terceiro Comando (TC) ganhavam destaque nas páginas dos jornais, tanto na própria cidade, como por todo país. Situações de confronto com a polícia e entre as próprias facções se tornavam mais comuns, ocasionando diversas vítimas de todos os lados, assaltos e sequestros, também se intensificavam com o passar dos anos, a imagem do Rio como uma cidade perigosa e violenta se reforçava, ao ponto de ser veiculada também na mídia internacional. Canclini destaca os casos das representações, nesse período, dos meios de informação sobre o Rio de Janeiro e outras capitais sul-americanas, de maneira a apontar a veiculação de um imaginário de cidades paranóicas, em oposição às cidades espetáculos, que seria o caso de Barcelona e Nova York por exemplo.

Fala-se de cidades que se desconstroem. Buenos Aires, Caracas, Lima, México e Rio de Janeiro, antes destinos desejados por turistas e investidores, agora são narrados pelos jornais e a televisão como paisagens catastróficas, arruinadas por assaltantes, narcotraficantes, catadores de papel e sem-tetos. São as urbes do temor e da insegurança. Por isso as chamamos de cidades paranóicas (CANCLINI, 2008, p.23).

E esta situação interferia diretamente na relação afetiva que boa parte dos cidadãos possuíam com a cidade, tornando difícil a exaltação dos pontos positivos, e dando espaço a seus destaques negativos.

É interessante perceber que no momento posterior a este período se inicia uma mudança a respeito das representações midiáticas a sobre dos imaginários do Rio de Janeiro. Em vista dos grandes eventos esportivos a serem realizados no Rio, a Copa Mundial Fifa de futebol masculino e as Olimpíadas e Paralimpíadas de 2016, e relação que o poder público a nível local e nacional estabelecem com a cidade começa a se modificar. É perceptível a tentativa de positivar o imaginário da cidade,

retomando a veiculação de suas paisagens, praias, monumentos e a redução nos índices de violência por consequência das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP). O que fica latente então é uma mudança no paradigma sobre os imaginários da cidade que são expostos internacionalmente, uma espécie de tentativa de modificar o que seria uma cidade paranóica, segundo a leitura de Canclini, e torná-la uma cidade espetáculo.

Tenho como hipótese que internamente a modificação neste imaginário de cidade violenta, tem início no terceiro mandato do prefeito Cesar Maia (1993-1996⁸ / 2001-2004 / 2005-2008). E ganha ainda mais força nas administrações do prefeito seguinte, Eduardo Paes (2009-2012 / 2013-2016) que foram importantes no sentido de retomar a relação positiva que parte dos cidadãos tinham com a cidade. Nas administrações de Cesar Maia se destacaram o elevado número de obras realizadas, com foco nos bairros da zona norte e oeste, como por exemplo o Rio Cidade, o Favela Bairro e a Linha Amarela⁹. O prefeito implementou programas de governo que urbanizaram locais com defasagem de recursos, e facilitaram o deslocamento desses bairros para o centro da cidade. Nesta época eram comuns as críticas a enorme quantidade de obras que a cidade passava, e as consequências que causavam no trânsito, além dos questionamentos a respeito do dinheiro que era gasto e desviado, que poderia estar sendo investido em necessidades ditas mais urgentes como saúde e educação.

Entre os programas implementados pelo prefeito, se destacaram o Favela Bairro, o Rio Cidade e a construção da via expressa denominada Linha Amarela, que liga ao centro, bairros da zona norte e zona oeste. De maneira que os

⁸ Até 1996 ainda não era permitida a tentativa de reeleição por parte dos governantes, sendo assim, Cesar Maia lançou para a prefeitura do Rio de Janeiro seu afilhado político Conde. Conde venceu as eleições e administrou a cidade entre os anos de 1997 e 2000, dando continuidade ao modelo de gestão implementado por Cesar. No ano de 2000, quando já havia sido legalizada a situação de reeleição, Conde rompe com o pacto de alternância que havia estabelecido com o antigo prefeito, e se lança em busca da reeleição, tendo como maior adversário o homem que o lançou na política. Conde acaba sendo derrotado por Cesar Maia, que retorna à administração da cidade para o segundo de seus três mandatos.

⁹ Informações sobre o programa de governo para a construção da Linha Amarela, acesso em: 15 de mar. 2017. Disponível em: < <http://www.cesarmaia.com.br/2010/05/1>

Informações sobre o programa de governo para a realização do Favela Bairro. Acesso em: 15 mar.2017. Disponível em: < <http://www.cesarmaia.com.br/2010/05/favela-bairro/>>.

Informações sobre o programa de governo para a realização do Rio Cidade. Acesso em: 15 de mar. 2017. Disponível em: < <http://www.cesarmaia.com.br/2010/05/rio-cidade/>>.

moradores destas regiões encontraram menores dificuldades de transitar pela cidade, do que os habitantes que viviam nestes bairros em gerações anteriores. Tais obras, a princípio, foram importantes pois ao reduzir o tempo de deslocamento entre as regiões, reduz-se também a distância simbólica entre os locais. Aproximando as pessoas que viviam nos bairros distantes do centro a aparelhos culturais e paisagens naturais famosos e significativos no imaginário da cidade. Dando até certo ponto um sentimento de legitimação, de pertencimento a estes cidadãos como habitantes do famigerado Rio de Janeiro.

Nos mandatos do prefeito Eduardo Paes se destacavam as declarações públicas a respeito do que ele chamava de “autoestima do carioca”. Paes não escondia sua preocupação em reavivar o sentimento de carinho que a população poderia sentir pela cidade, sempre exaltando as belezas e os ícones da cultura do Rio. Chegou a dizer em tom de brincadeira que os demais políticos, até mesmo os ocupantes de posições superiores na esfera executiva, o invejavam por ele ser o prefeito da cidade¹⁰. O prefeito realizou diversas celebrações em comemoração ao aniversário de 450 anos da cidade, como por exemplo reconhecer por decreto a canção Cidade Maravilhosa como hino oficial do Rio de Janeiro, exigindo ainda que os alunos da rede municipal de educação o cantassem uma vez por semana.¹¹ Decretou também que a condição carioca e a carioquice, apontados como um estado de espírito, se tornem bens imateriais da cidade¹².

Tais prefeitos desenvolveram políticas de intervenções urbanas de regiões históricas da cidade que até então estavam em situação de abandono. Isto junto às notícias de que a cidade iria abarcar o Pan Americano de 2007, ainda na administração de Cesar Maia, a Copa das Confederações FIFA em 2013, a Jornada Mundial da Juventude também em 2013, as finais da Copa do Mundo FIFA em 2014 e as Olimpíadas em 2016. Tais eventos em conjunto com uma redução nos índices de violência experimentados pela cidade, recolocam o Rio em destaque no mercado

¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KxPIHIqUfkc>>. Acessado em: 05 de outubro de 2016

¹¹ Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2014/05/23/paes-determina-que-alunos-cantem-cidade-maravilhosa-uma-vez-por-semana.htm>>. Acessado em: 05 de outubro de 2016

¹² Disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/materia/cidade/condicao-carioca-e-carioquice-viram-bens-culturais-imateriais-do-rio>>. Acessado em: 05 de outubro de 2016.

mundial de cidades, o reaproximando da imagem de cidade espetáculo, e se distanciando da imagem também amplamente difundida de cidade violenta.

Tenho como suposto que tais fatores influenciaram na autoestima dos cidadãos, de maneira a reforçar a importância da imagem e cultura da cidade tanto em âmbito nacional como internacional, talvez as tatuagens feitas em referência à cidade, aconteçam também por consequência disso. Eduardo Paes sofreu muitas críticas, devido suas ligações com a especulação imobiliária, superfaturamento de obras e desvio de dinheiro público através das chamadas Organizações Sociais (O.S) e empreiteiras¹³. Mas mesmo assim foi capaz de desempenhar seu mandato com segurança, e de vencer em sua tentativa de reeleição para a prefeitura, já no 1º turno.

1.2 - A FORÇA DE UM IMAGINÁRIO

Podemos considerar o imaginário de Rio de Janeiro como bem estabelecido pelo mundo, poucas cidades, estados ou até mesmo países são lembrados com uma frequência tamanha à do Rio, por exemplo, a cidade é a única brasileira situada entre as 100 mais visitadas do mundo¹⁴. Na esfera internacional não é difícil encontrar filmes hollywoodianos que façam algum tipo de menção ao Rio, seja como rota de fuga para criminosos milionários, seja como referência do turismo sexual, seja como exemplo de cidade exótica que proporciona uma suposta qualidade de vida de baixo custo a turistas americanos e europeus. Com frequência encontramos também referências às praias, retratadas como paradisíacas; ao samba e às ditas

¹³ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/paes-recebeu-doacoes-de-construtoras-olimpicas-6691264>> . Acessado em: 05 de outubro de 2016.

¹⁴ Ranking traz cidades mais visitadas do mundo; veja impacto da Copa sobre a posição do Rio http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160131_rio_copa_turismo_ru

mulatas com pouca roupa; o clima tropical e ao futebol. Podemos dizer então que a cidade do Rio de Janeiro já foi amplamente representada pelo cinema em escala mundial, em conjunto com Nova Iorque e Los Angeles, nos Estados Unidos; Roma na Itália; e Paris na França¹⁵.

1.2.1 - No Cinema

É importante pensarmos os tipos de representações cinematográficas em que foi encaixado o Rio de Janeiro, entendendo que esta forma de comunicação foi de extrema importância ao longo do século XX a nível mundial. Exercendo nos espectadores influência política diretamente, quando compreendida como propaganda e indiretamente, quando compreendida como entretenimento. Portanto é inegável que as interpretações decorrentes das películas sobre o Rio de Janeiro farão parte indissociável dos discursos, retratos e expectativas para com a cidade, sendo de extrema relevância para seu imaginário.

As primeiras aparições do Brasil e do Rio de Janeiro em escala mundial, através do cinema norte americano, acontecerem ao final da década de 1920 e início da década de 1930. Os EUA que até então não dedicavam espaço em sua produção cinematográfica a representar os países da América do Sul, se veem obrigados a mudar de política relacional no contexto da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial. A relação que os Estados Unidos estabeleciam com o Brasil através do cinema até então, era de muitos equívocos, seguiam a linha de mostrar o país como uma selva ao sul da linha do equador. Obscura, insalubre e perigosa eram características designadas à capital do Brasil. (MEDEIROS 2005)

Tentando começar a estabelecer novas formas de apresentar a capital Tupiniquin no cinema, os EUA modificaram suas representações em torno da cidade. Os ambientes que até então eram mostrados como perigosos, misteriosos, em uma cultura estranha e inferior, passam a ser mostrados como receptivos

¹⁵ Top 10 filmes que se passam no Rio de Janeiro -

<http://www.ccine10.com.br/top-10-filmes-que-se-passam-no-rio-de-janeiro/>Projeto cinematográfico Cidades do Amor
<http://www.citiesoflove.com/Filmes-gravados-no-Rio-de-Janeiro>
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Filmes_gravados_no_Rio_de_Janeiro_\(cidade\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Filmes_gravados_no_Rio_de_Janeiro_(cidade))Filmes sobre o Rio de Janeiro
<http://cinema10.com.br/tipos/filmes-sobre-rio-de-janeiro>

divertidos, atraentes e modernos. A natureza antes relacionada à uma selva insalubre, passa a ser vista como paradisíaca. Os pontos turísticos da cidade até então ignorados, passam a ser mostrados com beleza e exuberância, dignos de uma capital cosmopolita no início do século XX.

A cidade apresentada em *Voando para o Rio* certamente dispõe de todos os elementos definidores de uma metrópole cosmopolita. As primeiras tomadas, que transportam o espectador ao Rio, são persuasivas: a bordo do avião do piloto e band leader americano Roger (Gene Raymond), é possível acompanhar um desfile de imagens de cartão-postal que começa na Baía de Guanabara, passa pelo centro da cidade (onde figuras elegantes disputam, com os velozes carros da época, o espaço em frente à Confeitaria Colombo), vai ao Alto da Boa Vista, visita o moderno Jockey Club, dá a volta no Pão de Açúcar e se encerra no Jardim Botânico. Há uma nítida preocupação em combinar, de maneira equilibrada, as imagens de uma cidade naturalmente exuberante com as de uma metrópole civilizada. (MEDEIROS, 2005, p. 75/ e-book)

É interessante pensar também a forma com que as relações étnico-raciais são mostradas nos filmes, retrata-se uma herança africana nas apresentações brasileiras, através da dança, vestimentas e movimentação corporal. A presença masculina norte-americana é retratada como benéfica, sendo o americano capaz de solucionar problemas que pareciam insolucionáveis, trazendo uma espécie de evolução a uma nação um tanto quanto inferiorizada. Sem dúvidas a imagem que é mostrada é a de uma cidade que convive muito bem com as diferenças de nacionalidade e de etnias, o que nos remete à imagem de Brasil receptivo e apaziguador de conflitos.

O que perde espaço, ou nem mesmo é representado neste tipo de película e neste tipo de comportamento apaziguador são os antagonismos, as minorias, os prejudicados. Em classe, gênero ou etnia, de maneira que os detentores hegemônicos do discurso, do capital, da força estatal e portanto aqueles que são capazes de exercer grande influência no imaginário, se mantenham os mesmos. Sem que haja um questionamento mais aprofundado a esse respeito, a imagem que tenta-se vender é “o Rio como espaço híbrido de raças em harmonia.” (MEDEIROS, 2005, p. 162 / e-book).

Foi muita importante também a figura de Carmen Miranda no que se refere à representação do Brasil no cinema internacional, a atriz logo caiu nas graças do

público norte-americano, se tornando uma das atrizes mais bem pagas do mundo, A portuguesa criada no Brasil, foi a primeira mulher saída de terras brasileiras a alcançar fama internacional. A figura de Carmen foi muito relevante para a imagem de Brasil sem conflitos que o cinema americano desejava criar. As misturas culturais de Bahia, Rio de Janeiro, África e Estados Unidos incorporadas pela atriz eram úteis e atraentes no que tangia as grandes telas.

Trata-se de uma cidade que deve ser celebrada não como a terra de negros, brancos ou índios (sempre invisíveis nas representações do Rio oferecidas por Hollywood), mas como locus da democracia racial, como o paraíso de hibridez que Carmen tão profundamente encarnava. Como observa o intelectual americano Robert Stam, para Hollywood a etnicidade da persona de Carmen estava submersa, invisível, dissolvida em uma latinidade genérica. Ela própria resultado da mistura entre raças. (MEDEIROS, 2005, p.169 / e-book)

As interpretações de Carmen eram criticadas pela elite brasileira, branca, patriarcal, que a acusava de exportar uma caricatura ridícula do país, se rebaixando às vontades do imperialismo estadunidense.

Entretanto este tipo crítica esbarrava em uma contradição, a contradição de que a cultura brasileira reproduzida na figura da cantora era a cultura que havia sido tão exaltada pelo próprio país. Através de músicas, literatura e até mesmo o hino nacional (MEDEIROS, 2005). Nota-se então que a crítica direcionada a Carmen na verdade acontecia porque a artista mostrava um Brasil que a elite burguesa não se orgulhava, um Brasil latino, colorido, extravagante, corporal e dançante, apesar de branco. Enquanto a imagem estimada pelos burgueses era a de um Brasil reflexo da representação que se tinha de Europa, limpo, branco, saudável, moderno e ordenado, como já foi dito anteriormente.

Já em 1943 foi a vez do personagem Zé Carioca recolocar o Rio de Janeiro em voga no mercado cinematográfico. Em uma produção os estúdios Walt Disney chegava às telas de cinema o filme *Alô Amigos*, que em suas cenas misturava a animação cartunesca com o *live-action*, atuação real de atrizes e atores. E nesta película que foi possível testemunhar o surgimento do personagem que tentava retratar a figura de um “malandro carioca”, que não fez muita fama nos Estados Unidos, mas veio a ficar bem conhecido em terras brasileiras. A intenção

era mostrar que o dito malandro poderia não gostar muito de trabalhar, mas que ao mesmo tempo prezava por alguns valores.

O personagem foi bem visto pelo governo e por boa parte da população brasileira, como destaca Pereira de Sá (1997), que em sua maioria não chegava a questionar os estereótipos reproduzidos por tais produtos artísticos, pelo contrário, os exaltava e celebrava como “expressões autênticas” da “alma brasileira”. Nesse período, de Estado Novo, era crescente, principalmente na figura de Getúlio Vargas, a busca por uma definição do que seriam as “expressões maiores da cultura brasileira”, e nesse sentido era muito bem vinda a ajuda dos norte-americanos para a definição deste perfil. A imagem do Rio veiculada pelo cinema americano, aqui era celebrada, desencadeando poucos conflitos no que se refere à disputa pelo que viria a ser a “imagem do Brasil” ou por consequência a “imagem do Rio de Janeiro”. Vale ressaltar que havia também certa contradição, no sentido de que tentava-se reprimir o samba nas ruas, na tentativa de desconstruir a ideia do malandro como avesso ao trabalho. Ao que parece, a população estava demasiadamente contente por finalmente possuir alguma representação artística à nível internacional, contente demais para realizar algum tipo de problematização maior a respeito do assunto.

Mais recentemente, após os anos 2000, foi lançada também uma franquia cinematográfica que tenta retratar situações cotidianas de pessoas que vivem ou visitam cidades que aparecem entre as mais famosas do mundo. Nomeada *Cities of Love* a franquia utiliza os ambientes e imaginários das cidades como pano de fundo ou como centro dos roteiros que retratam a vida dos personagens. E as primeiras cidades escolhidas para serem representadas pela franquia foram Paris, Nova Iorque e Rio de Janeiro. O renomado diretor de cinema Woody Allen que tem por costume retratar sua interpretação sobre os imaginários de cidades, em alguns de seus filmes, já homenageou Nova Iorque, Paris e Roma. Especula-se que da próxima vez que o diretor decidir por fazer um filme em homenagem a uma cidade, o local escolhido será o Rio de Janeiro¹⁶.

¹⁶ Woody Allen: Filmar no Rio de Janeiro é uma possibilidade

Real<http://virgula.uol.com.br/tvecinema/woody-allen-filmar-no-rio-de-janeiro-e-uma-possibilidade-real/#img=1&galleryId=547700> Woody Allen: Se eu tiver uma ideia, filmarei no Rio de Janeiro
<http://istoe.com.br/se-eu-tiver-uma-ideia-filmarei-no-rio-de-janeiro/>

O imaginário do Rio de Janeiro se fortalecesse na música, o samba, a bossa nova, e mais recentemente o funk, aparecem como gêneros exponenciais de cultura e estilo de vida a serem vendidos como genuínos da cidade, sendo associados à música popular brasileira (MPB) e assim ao Brasil. O Rio também serviu como inspiração para desconhecidos e renomados compositores, cariocas ou não, nacionais e internacionais que escreveram sobre seus encantos. Belezas naturais, vasta faixa litorânea, clima aprazível, atrativo de seus cidadãos, cultura e cotidiano dos habitantes da metrópole, se destacam entre os temas mais escolhidos para representar a cidade nas letras das músicas.

Dentre renomados artistas, cantores e compositores, alguns dos ícones da música brasileira homenagearam o Rio em suas canções, destaque Tom Jobim, Gilberto Gil e Chico Buarque nacionalmente, e Barry Manilow, compositor da canção Copacabana, internacionalmente. Os artistas ressaltaram aspectos que estão fortemente estabelecidos no imaginário carioca como: as praias, a baía de Guanabara, o samba, o futebol, o Corcovado, o atrativo dos corpos, o clima e o carnaval, de maneira que as canções contribuem para reafirmar o imaginário do Rio. Sendo também capazes de encontrar seu espaço, reconhecimento e popularidade, aparecendo como um importante produto de exportação cultural, no imaginário e na vitrine do mercado de cidades, nacional e internacionalmente como foi lembrado por Stellet (2015).

1.2.2 - Marcas

Também chama atenção a gama de produtos disponíveis no mercado dos mais diversos setores, que fazem alguma referência direta ou indireta ao imaginário do Rio de Janeiro. Coleções de roupa, supermercados, marcas de grifes, embalagens de alimentos e logomarcas, são alguns dos exemplos onde a marca Rio de Janeiro é amplamente explorada. Novamente de maneira seletiva, a imagem que repetidamente utilizada é a imagem do Rio de Janeiro da zona sul, de paisagens,

belezas naturais, e principalmente do Cristo Redentor e do Pão de Açúcar. Algumas vezes são encontrados algum tipo de referência a algum ponto turístico do centro da cidade, porém é muito difícil perceber algum tipo de menção a algum local, paisagem ou construção localizado nas zonas oeste ou norte do Rio.

Entre os supermercados destaco o Pão de Açúcar e o Zona Sul, ambos com a maior parte de suas filiais localizadas nos bairros nobres da cidade, não poupam esforços em associar sua marca ao imaginário de Rio de Janeiro da zona sul. O primeiro já carrega no nome e na sua logomarca uma das paisagens mais famosas da cidade e do país. O segundo faz uso do logo desenvolvido para o marketing da cidade de Nova Iorque - I♥NY - e o adapta para a versão carioca: I♥Rio. Relacionando seus produtos a uma suposta qualidade de vida saudável, um diferencial, algo leve, limpo, branco. O que remete à imagem de Rio de Janeiro que era almejada pela elite burguesa já no início do século XX, no período das reformas de Pereira Passos.

Em relação à vestimenta, diversas marcas se utilizam das paisagens, da cultura e do imaginário da cidade para estampar suas camisas. Surfe, samba, música, skate, cerveja, futebol, coqueiros e as praias da zona sul, com destaque para Ipanema, estão entre os objetos preferidos das marcas. Duas entre as mais famosas são Osklen e Redley. Criada no Rio de Janeiro no início da década de 1980, a Redley inicialmente fabricava tênis casuais, e posteriormente expandiu sua produção para camisas, bermudas e casacos. Com uma temática jovem, despojada, exaltando a cultura praiana e ao mesmo tempo urbana, dos jovens cariocas.

Já a marca Osklen foi criada ao final da década de 1980 e inicialmente desenvolvia roupas esportivas para o frio, porém teve sua expansão mais significativa no início da década de 1990, ao focar sua produção em roupas e acessórios voltados também para o público jovem do Rio de Janeiro que frequentava as praias da zona sul. Ambas as marcas obtiveram grande sucesso na cidade, o que possibilitou sua expansão para demais estados do país, onde possuem dezenas de filiais, e até mesmo para o resto do mundo. Atualmente a marca Osklen figura entre as renomadas grifes internacionais no mercado de roupas masculinas, exportando roupas para diversos países e com filiais em Milão, na Itália; Nova Iorque e Miami, nos Estados Unidos.

Logomarcas que realizam algum tipo de reprodução ou adaptação geométrica de imagens famosas, de pontos turísticos da cidade também são facilmente encontradas, o Corcovado, os Arcos da Lapa e o Pão de Açúcar são os mais comuns. A tradicional logo do Festival de Cinema do Rio é um exemplo, traz uma mescla entre um par de óculos escuros e as curvas do Pão de Açúcar. Curvas que muitas vezes são aproveitadas e readaptadas pelos designers em suas criações a serem expostas internamente na cidade, e externamente para o resto do mundo.

Além da escolha do Rio de Janeiro como sede para os jogos olímpicos e paralímpicos de 2016, em sua primeira edição realizada na América Latina, por si, já ser um fator legitimador da importância da cidade no cenário mundial, a logo dos jogos também, se utiliza de uma imagem presente no imaginário a respeito da capital carioca. Combinando a ilustração de três pessoas de mãos dadas, nas cores azul, vermelha e amarela, cria o formato das conhecidas curvas do Pão de Açúcar.

Mais um exemplo interessante é do luxuoso hotel Rio, situado em Las Vegas¹⁷ nos EUA. Além de uma decoração que tenta reproduzir paisagens, arquiteturas e ambientes famosos no imaginário da cidade, a fachada do hotel reproduz com cores e luzes a silhueta do Cristo Redentor. O imaginário da cidade é tão forte que chega ao ponto de servir como tema para a ambientação e decoração de um hotel em uma das regiões hoteleiras mais renomadas do mundo. O hotel Rio, acompanhado da canção Copacabana de Barry Manilow e da marca Osklen, são alguns dos demonstrativos da força, legitimidade e amplitude mundial que alcança o imaginário da cidade do Rio de Janeiro.

Estes fatores exercerão influência direta na maneira com que se vende e se interpreta o Rio de Janeiro. Criando uma imagem cosmopolita, que transmite a boa parte das pessoas a sensação de que viver na cidade de alguma forma as associa a uma certa relevância cultural e midiática no cenário nacional e internacional. Já que além da força deste imaginário, que internamente é difundido em larga escala, a capital apresenta um significativo desenvolvimento econômico se comparado a outras regiões do Brasil.

A junção de diversos elementos, com destaque para estes descritos anteriormente, ocasiona uma alta inflação nos valores que são cobrados pelos

¹⁷Site do hotel: <<https://www.caesars.com/rio-las-vegas/hotel>> . Acessado em: 14 de outubro de 2016

produtos e serviços na cidade, principalmente ao que se refere ao setor imobiliário. Nos últimos anos acompanhamos um crescimento exponencial nos preços cobrados pelos aluguéis e venda de imóveis em diversas localidades do Rio. Algumas regiões também enfrentam um forte processo de gentrificação, que expulsa cidadãos de classes populares das regiões que por eles eram habitadas a décadas, e que por consequência disso estabeleciam uma forte relação afetiva com os territórios.

Grande parte dos projetos de revitalização, que alteram as características do lugar criando novas fronteiras urbanas, acaba levando a processos de gentrificação, que de certa forma não deixa de ser uma forma de espoliação.[...] Atualmente, usa-se gentrificação para falar da “revitalização”, da “recuperação” ou da “requalificação” (seja lá qual for a expressão) de locais degradados a partir de iniciativas públicas e privadas. Trata-se de um fenômeno de natureza multi-dimensional, que reúne modernização e deslocamento; ou seja, referimo-nos à modernização e à melhoria de antigos prédios associadas ao desenvolvimento de atividades culturais em determinadas áreas residenciais, levando ao deslocamento dos antigos moradores. A questão é que após o investimento em infra-estrutura, há uma maior valorização do lugar; assim, observamos que os antigos moradores não resistem ao encarecimento do local, tendo que buscar outra área com custo de vida mais baixo. (FERREIRA, 2010)

Este tipo de relação afetiva territorial enfrenta uma disputa injusta contra a voracidade capitalista, que através da especulação imobiliária impossibilita que estas pessoas de classe subalterna se mantenham nas regiões que por elas eram historicamente habitadas. Sendo obrigadas a ceder seus locais de habitação para a expansão do capital de grandes empresas que lucram com a venda destes espaços.

Percebe-se então que em diversos aspectos o imaginário positivado do Rio de Janeiro em sua forma estabelecida, reforçada e amplamente difundida regional, nacional e internacionalmente, é elitista. À medida que desde seu processo de formação inicial, já priorizava as vontades das elites burguesas, deixando em segundo plano uma preocupação com as camadas populares. Algumas vezes se apropriando de suas práticas, fora do seu contexto, dando outro significado. Movimento que segue seu curso até os dias de hoje, como fica perceptível nos diversos casos de reformas urbanas, realização de grandes eventos, espetacularização da cidade, remoções e gentrificação.

1.3 - COMPLEXIFICANDO OS IMAGINÁRIOS DO RIO DE JANEIRO

É de suma importância a consideração de que o imaginário positivado do Rio de Janeiro com suas variações apesar de certamente ser o mais forte e difundido, nacional e internacionalmente, não é o único. Na verdade existem inúmeras representações possíveis a respeito de qualquer território, e no caso do Rio de Janeiro a situação não será diferente. Não é difícil perceber que o imaginário amplamente vendido na verdade diz respeito a regiões determinadas e práticas culturais características de certa parte da cidade e não de sua extensão como um todo. Como já foi falado anteriormente, as regiões que mais aparecem no imaginário positivado do Rio são as regiões centrais e a zona sul. Dificilmente encontramos referências a locais afastados do centro, como o subúrbio ou a zona oeste, o limite máximo a que o imaginário positivado se afasta da zona sul é o Maracanã, localizado na zona norte, porém ainda próximo ao centro da cidade.

Entretanto estes locais, mais afastados do centro, também possuem suas estruturas outros imaginários do Rio de Janeiro, com peculiaridades, características culturais específicas, ou que ao menos colocam em cheque o imaginário positivado da cidade. Práticas culturais que vão além do que é percebido nos habitantes dos bairros da zona sul, atitudes e um proceder que em alguns pontos se aproximam mais das matrizes culturais africanas, e menos das européias.

Nestas regiões da cidade também se produz cultura e arte diferenciados, o samba nasce no centro da cidade, na região da pequena África, e tem seu crescimento mais significativo na zona norte, ritmo musical mundialmente conhecido

e associado ao Rio de Janeiro. O mesmo pode se dizer do funk, ritmo que surge em meados da década de 1980 e passa por uma trajetória de estigmatização semelhante à que passou o samba. Discursos de inferiorização, ou até mesmo de negação cultural, falsos moralismos, menosprezo pelas letras e desaprovação aos movimentos corporais foram algumas das críticas pelas quais o funk passou.

Há ainda os que demonizam o batidão, associando-o à criminalidade, à violência urbana ou à dissolução moral. Ao criminalizarem o funk, e o estilo de vida daqueles que se identificam como funkeiros, os que hoje defendem sua proibição são os herdeiros históricos daqueles que perseguiram os batuques nas senzalas, nos fazendo ver, de modo contraditório, as potencialidades rebeldes do ritmo que vem das favelas. (FACINA, 2009, p. 1)

Críticas estas dispostas de forma mascarada em um discurso elitista, que as utilizava como pretexto para criminalizar o surgimento de mais um ritmo musical de origem popular e negra. O subúrbio localizado na zona norte do Rio, foi também responsável pelo surgimento de vários artistas, cantores e compositores em diversos gêneros musicais, que marcaram seus nomes na história ao alcançar fama nacional e em alguns casos até internacional, “tradições musicais que sempre fizeram dos subúrbios cariocas a pátria do jongo, do samba, da capoeira e outros gêneros que embalam técnicas corporais típicas da diáspora africana” (FACINA, 2009, p. 3). É o caso de Cartola, Alcione, Paulinho da Viola, Jorge Ben Jor, Mr. Catra, Elza Soares, Noel Rosa, as bandas O Rappa, Planet Hemp e muitos outros.

Ainda na música perceberemos canções que buscam mostrar um contraponto ao imaginário positivado, que trata o Rio como cidade encantadora. Em análise que não se pretende totalizante há destaque para pontos positivos das regiões menos abastadas da cidade, mas também há crítica aos problemas desse Rio de Janeiro que é menos veiculado, exibido e exportado, um Rio de Janeiro de violência, subdesenvolvimento e desigualdade social. Considero estas músicas como as que representam um Rio de Janeiro que foi descartado do imaginário positivado, ficando relegado apenas aos habitantes da cidade ou turistas que moram ou optam por conhecer estas regiões. Embora existam diversas músicas com esta temática, seu alcance é reduzido, ficando limitado a um público menor, que busca músicas que estejam fora dos grandes veículos de comunicação.

É perceptível a relação que se dá entre as músicas que representam o Rio de Janeiro de conhecimento comum e as músicas que representam um Rio de Janeiro que ficou de fora do imaginário vigente, com a divisão geográfica e cultural da cidade. E por mais que estas regiões, assim como as músicas que as representam se interrelacionam, é possível apontar uma divisão representativa da cidade. De maneira que o Rio cantado pela maior parte das músicas em questão, o Rio que é tratado como paraíso edênico, o Rio que serve como modelo de exportação do Brasil, é o Rio de Janeiro da zona sul. Enquanto o local com problemas de deslocamento e transporte público, violência, exacerbada diferença de classes e de distribuição de renda, o local com escassez de serviços e de presença do poder público, é o Rio de Janeiro das zonas oeste e norte.

Existe também uma relevante produção de filmes que mostra um outro lado do Rio de Janeiro, com características que muitas vezes são deixadas de fora do imaginário positivado de cidade que tenta-se vender. Filmes que em sua maioria são produzidos nacionalmente tentam representar os conflitos existentes na cidade, um Rio de problemas de ordem urbana: desigualdades sociais, exploração, corrupção policial, miséria e principalmente violência. Neste contexto existem três filmes que foram amplamente elogiados nacional e internacionalmente, inclusive concorrendo a prêmios internacionais, são eles: Cidade de Deus (2002), Tropa de Elite (2007) e Tropa de Elite 2: O inimigo agora é outro (2010). Não tão cultuado como os anteriores, mas igualmente relevante é o filme Trash: A Esperança Vem do Lixo (2014), em uma produção que utilizou uma equipe mista, nacional e internacional, o filme tenta reproduzir a realidade de crianças que vivem na comunidade adjacente ao lixão de Gramacho.

Não podemos reduzir a compreensão das representações do Rio em somente uma, ou duas faces. Deve-se ter em mente que existem diversas representações do que se entende como imaginário de Rio de Janeiro, e que essas representações por mais que tenham tendências a retratar uma ou outra região geográfica da cidade (Zona Norte, Zona Sul, ou qualquer outra), cada uma das diversas representações possíveis sobre cada região, vai se diferir das demais sobre a mesma região. O que reforça a idéia de que a compreensão do que se chama de

"cultura carioca" não deve ser resumida e simplificada, e sim aprofundada e complexificada.

De maneira gradual o Rio de Janeiro desponta como uma cidade de aparências, que destina a maior parte de seus recursos a políticas de manutenção de um produto a ser exportado, dando uma relevância menor aos habitantes com baixo poder aquisitivo, que ocupam as regiões mais degradadas da cidade, como podemos perceber nas reformas recentemente realizadas para receber os grandes eventos, que foram responsáveis por causar milhares de remoções. As belezas, as maravilhas e o encanto da cidade tem endereço, estão em uma região que pouco sofre com problemas de ordem urbana, estão na região que foi o embrião da construção de um imaginário criado no início do século XX e que se mantém até os dias de hoje, o Rio de Janeiro lembrado, esmerado e cantado, é o Rio de Janeiro da zona sul.

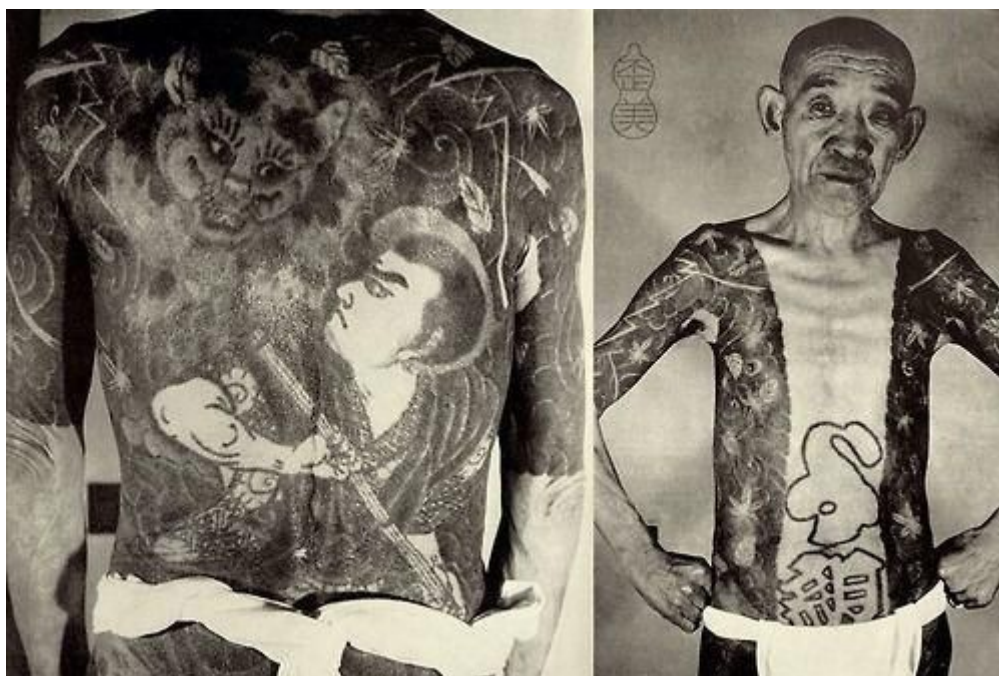
Entretanto considero também importante a reflexão a respeito das significações e tentativas de seguir padrões às quais reproduzem, parte dos indivíduos habitantes das zonas periféricas da cidade. Apesar de em certo sentido haver uma relação com a matriz africana, nas zonas populares do Rio também perceberemos uma tentativa de alcançar padrões estéticos estabelecidos pela Europa e principalmente pelos Estados Unidos. Marcas de roupa: tratamentos capilares, em vista de alisar ou clarear o cabelo: fetiche com olhos claros e cor de pele branca; são alguns dos exemplos que parecem contradizer algumas das características por mim descritas anteriormente.

Considero importante ressaltar que o Rio de Janeiro não está livre da complexidade, profundidade, disputa e contradições que permeiam as matrizes culturais. Se já foi dito por Tom Jobim que "o Brasil não é para principiantes", tenho segurança em afirmar que o Rio de Janeiro também não é.

CAPÍTULO 2 - AS TATUAGENS E SUA RELAÇÃO COM O RIO DE JANEIRO

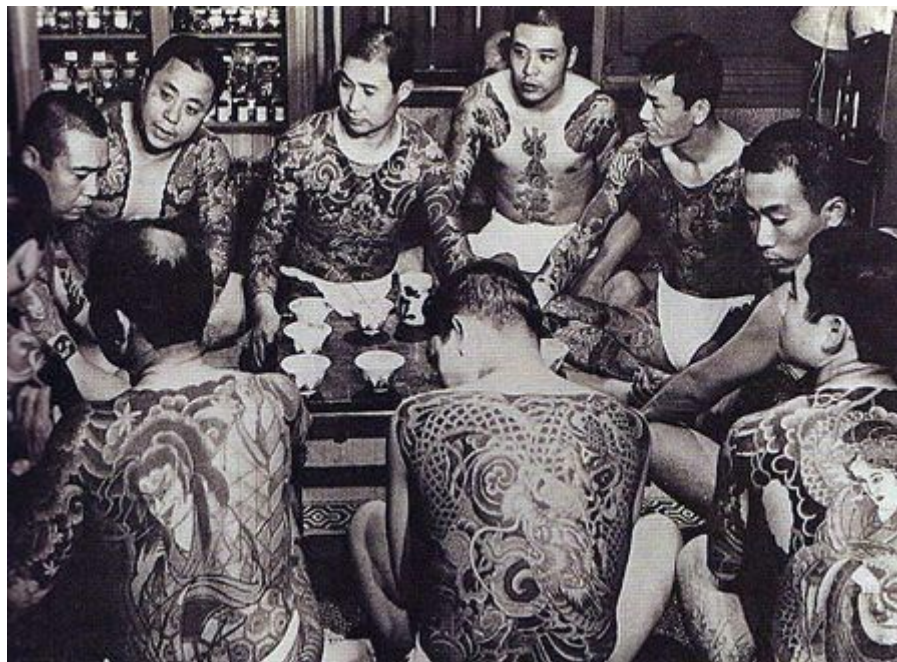
Não se tem estabelecido de maneira eficaz um mito fundador que nos aponte a origem da tatuagem. Já foram encontrados diversos indícios de que a prática já acontecia há séculos. Em algumas regiões da Europa, Ásia e África foram encontrados corpos conservados pelo gelo e corpos mumificados, que possuíam marcas em sua pele que muito se assemelham a tatuagens. Então o que se depreende destas descobertas é que a prática da tatuagem não parece ter sido exclusiva de um determinado povo, de uma determinada região e nem mesmo de um específico período histórico. A prática de utilizar tinta para marcar o corpo de forma permanente nos dá fortes indícios de que era comum a vários povos em regiões distintas no globo terrestre (MARCELINO, 2008).

No Oriente percebemos uma relação que se estabelece entre a cultura dos povos e a prática da tatuagem, em certos aspectos, um pouco diferente da encontrada no Ocidente. Afirma-se que no Japão as tatuagens serviam ao propósito de demarcar criminosos, na intenção de que ficasse exposta, a todos que percebessem sua pele, a marcação que identificava o crime que cometeu, assim como à sua região de origem. Estes indivíduos passavam então por forte julgamento e discriminação da sociedade, que os excluía em diversos aspectos. As tatuagens também eram mal vistas pelos chineses, que também as utilizavam como forma de punição e a compreendiam como sinônimo de barbárie.



Posteriormente na região do Oriente os homens que tiveram seus corpos marcados pelas tatuagens associadas a crimes cometidos começaram a se utilizar do próprio ato de tatuar o corpo, para tentar se desvencilhar da imagem de criminosos. Estes começaram a optar por fazer tatuagens por cima das que lhes haviam sido impostas, de maneira a associá-los aos atos criminosos, estas com desenhos mais artísticos e coloridos, com desenhos densos, em várias camadas, justamente na intenção de cobrir tatuagens feitas anteriormente. Este tipo de técnica de cobertura de tatuagens anteriores foi, com o passar do tempo, tomando aspectos mais artísticos, onde começou a aparecer uma preocupação também estética, havendo mais cuidado com os detalhes e valorização das cores. Entretanto este tipo de marcação na pele continuou associada a criminosos, muitos deles reincidentes e de alguma maneira organizados e envolvidos com atividades ilícitas, ficando conhecidos através da máfia Yakuzi (TAKIGUTI, 2014).

¹⁸ Tatuagem do estilo oriental do início do século XX. Desenhos onde a estética é preterida em relação ao preenchimento da pele com tinta, muitas vezes para sobrepor as tatuagens feitas compulsoriamente para marcar as pessoas que cometiam algum tipo de crime.



19

Percebemos então que mesmo apesar de algumas diferenças no processo sócio-histórico, as tatuagens, tanto no oriente como no ocidente, por séculos, estiveram associadas à marginalidade. Todavia tais semelhanças não são suficientes para que se possa realizar uma análise histórica da tatuagem associando os processos ocorridos no oriente aos mesmos do ocidente. Por isso a critério de realização dessa pesquisa, tomarei como foco o processo sócio-histórico e as implicações sociais do tempo presente no que se refere às tatuagens na cultura ocidental.

Atualmente no ocidente as tatuagens em diversos sentidos demarcam não só a pele de adolescentes, adultos e idosos, de todos os gêneros e etnias, como também podem estar associadas a diversas identidades. Em uma análise que vá além do que se percebe aos desenhos ou palavras inscritas, podemos também considerar os locais do corpo em que se tatua e a quantidade de tatuagens que se carrega. Certos tipos de tatuagem podem identificar grupos aos quais os indivíduos pertençam em maior ou menor escala. Percebemos, por exemplo, as clássicas tatuagens de grupos de motoqueiros, com desenhos no estilo que hoje é conhecido

¹⁹ Reunião entre membros da Yakuza, expondo suas tatuagens.

como *old school*²⁰, formando brações, caveiras, motos e correntes, muitas das vezes envoltos em fogo em uma tentativa associação das imagens à força e virilidade. Percebemos também tatuagens com desenhos de pequenas flores ou borboletas, comuns em um público que busca fazer um desenho com características que se aproximem do que a sociedade vende como feminino, algo que seja considerado simples, leve e delicado (OSÓRIO, 2005, p. 79).



21

Neste capítulo farei uma análise sócio-histórica das tatuagens na cultura ocidental e na brasileira, passando pela maneira com que a sociedade a encara, desde o início do século XX até os dias de hoje. Fazendo também uma reflexão a respeito da relação que o Rio de Janeiro vai estabelecer com as inscrições no corpo. Tentando perceber razões sócio-históricas que sejam significativas em nossa sociedade a ponto de exercer influência nas pessoas que chegam a decidir por tatuar a cidade do Rio. Em seguida farei uma análise das imagens mais comuns de serem escolhidas por aqueles que desejam tatuar o Rio de Janeiro. Assim como uma análise das imagens que são tatuada mas que fogem dos ícones mais famosos

²⁰ Este estilo de tatuagem é feito atualmente em referência às tatuagens do início e em meados do século XX. Os desenhos possuem uma estética diferenciada, um pouco menos preocupada com o realismo, possui traços mais fortes, com características cartunescas. A referência se dá não só aos desenhos mas também à realidade que as pessoas enfrentavam nesta época para realizar o desejo de fazer uma tatuagem, em condições insalubres e tendo que lutar contra o forte preconceito da sociedade.

²¹ Tatuagem no estilo old school

da cidade, com destaque para as imagens escolhidas pelas pessoas que entrevistei para esta pesquisa.

2.1 - AS TATUAGENS E O CORPO SÓCIO-HISTÓRICO

Desde as primeiras civilizações foram encontrados vestígios de marcações corporais, algumas temporárias outras permanentes, algumas repletas de significado e outras onde se destaca o valor estético. Pinturas na pele, ou objetos que a perfuram, adereços que alargam orifícios da face, cicatrizes causadas intencionalmente, entre outros. Nas diversas sociedades a alteração do estado originário do corpo humano vem carregada de sentidos, podem ser como rito de passagem, como sinal de pertencimento ou exclusão, são capazes de representar uma história, fé, também podem ser vaidade ou rebeldia. Estas demarcações podem ser de muito valor para as pessoas que as carregam, de maneira que sintam uma forte ligação afetiva com estes símbolos, um sentido de completude, como se somente com estas marcas corporais, pudessem se sentir plenas.

Entre as diversas possibilidades de modificações corporais, perfuração da pele para a colocação de piercings, alongamento dos dentes caninos, alargadores, realização voluntária de cicatrizes, escarificações, entre outros, me proponho a dar destaque às tatuagens. Estas atualmente são populares entre diversos públicos consumidores, mas que ao início do século XX já eram motivo de muitas divergências e disputas no campo sócio-cultural. Antes de chegarem a se popularizar em várias regiões do mundo e até a atingir o *status* de arte, as tatuagens por muitas décadas enfrentaram uma série de preconceitos e julgamentos por parte da sociedade sendo criticadas e estigmatizadas, como se fossem sinônimo de marginalidade e de desrespeito com as convenções sociais.

Na cultura cristã sempre recaiu um peso sobre as questões referentes ao corpo humano, sendo este tratado como pecaminoso e inferior à mente, algo que as

peças deveriam se envergonhar. E por isso não exibí-lo, cultuá-lo ou ostentá-lo principalmente em locais públicos, valorizava-se a manutenção da aparência corporal o mais próxima possível de seu estado originário. Entendia-se que não se deveria chamar atenção para o corpo prezando por uma aparência leve, sem muitas cores ou pois os cristãos acreditavam que esse era o desejo de Deus. "Apresente o seu corpo como sacrifício vivo, santo e aceitável a Deus, um serviço sagrado com a sua faculdade de raciocínio." (Romanos 12:1). O corpo muitas vezes era tratado como uma ferramenta do diabo, algo que não estava sob controle do indivíduo e que por isso poderia ceder às tentações carnis. Associava-se qualquer mudança permanente ou até mesmo temporária em sua aparência a algo mundano, desrespeitoso com o criador, e por isso, extremamente errado.

Seguindo essa compreensão, as tatuagens então eram muito mal vistas perante a população que seguia os ensinamentos cristãos, julgando as pessoas tatuadas como pecadoras. Sustentando esse pensamento existe uma passagem na bíblia a respeito das tatuagens "Não façam cortes no corpo por causa dos mortos nem tatuagens em vocês mesmos. Eu sou o Senhor". (LEV 19, 28 apud BIBLIA, 2002, p. 105). o trecho da bíblia faz referência a uma prática das religiões pagãs que faziam marcas em seus corpos, com cicatrizes forçadas ou tatuagens em homenagens a pessoas mortas com que se tivesse uma intensa relação de afeto. Porém, mesmo com essa carga de julgamentos em cima das marcações corporais, a cultura cristã não foi capaz de conter a prática de tatuar o corpo.

Ao início do século XX as tatuagens se popularizaram entre marinheiros, prostitutas, marginais, mendigos e pessoas de baixa renda que viviam nos entornos dos portos.

no século XIX e no início do século XX, setores marginais da sociedade, como presidiários, meretrizes e soldados, apropriaram-se da tatuagem, que alcançou especial importância nos ambientes dos cárceres, onde foi conhecida popularmente como a "flor do presídio" (Grognaud 1992). A passagem por esse tipo de universo social fez com que a tatuagem começasse a ser identificada como marca de marginalidade, atuando em um duplo sentido: como meio e como estigma social. (Pierrat 2000; Le Breton 2002 *apud* PÉREZ, 2006, p.180).

Por estes motivos o ato de tatuar o corpo no início do século era, por um grande número de pessoas, associado à vadiagem, ilegalidade, imoralidade e transgressão das regras sociais.

Nos presídios as tatuagens começavam também a funcionar como símbolos, fazendo associações diretas, indiretas ou codificadas em relação à prática de crimes e pertencimento a grupos distintos no interior da prisão, mais conhecidos como gangues. Alguns grupos exigiam de seus aspirantes a novos membros a marca distintiva na pele, em uma demonstração de respeito, sacrifício e dedicação aos demais membros.

Nos intramuros das penitenciárias, a prática da tatuagem constrói uma linguagem específica e codificada, explicitando uma relação de poder e submissão. Sendo uma marca corporal definitiva, a tatuagem carcerária carrega o estigma da marginalidade associado à criminalidade, sendo fácil reconhecê-la pelas suas características, traços grossos e desenhos mal acabados. (SOUZA, 2010, p.16)

A participação nestas gangues muitas vezes estava associada à segurança dentro da própria prisão, em meio a grupos rivais muitas vezes era necessário escolher um lado para não ficar abandonado e a mercê de ataques violentos de ambos os lados.



22

²²Tatuagens de um presidiário em meados do século XX

Neste contexto também surge a figura do “tatuador da prisão” este que poderia atuar de duas maneiras, com exclusividade para uma determinada gangue ou como tatuador que fosse utilizado por mais de um grupo. A estes era permitido transitar entre grupos rivais, em uma espécie de neutralidade concedida à figura percebida como necessária para a prática das tatuagens dentro da prisão. Por mais que as condições de realização das tatuagens nesta época fossem precárias, especialmente no interior das prisões, havia a compreensão que esta figura era importante. Justamente por saber lidar com a escassez de materiais, o improvisado e com condições mínimas de higiene que auxiliavam nas cicatrizações das feridas.

Além de serem utilizadas como distintivo entre as gangues, os desenhos na pele que mais se assemelhava a rabiscos, começaram a ser feitos também em associação aos crimes cometidos. Ocorrendo tanto de maneira involuntária, para demarcar qual tipo de crime aquele presidiário havia cometido, assassinato, latrocínio, estupro ou assalto, e também para destacar os presidiários que haviam entregado seus comparsas. A ideia era alertar aos demais sobre o tipo de criminoso com que se estava lidando, para que fosse possível uma precaução em determinados sentidos. Quando feitas de maneira voluntária, as tatuagens relacionadas ao crimes serviam também como uma espécie de autoafirmação, de aceitação e incorporação de uma identidade.

É interessante perceber que a prática da tatuagem ao ser estigmatizada e considerada atividade de pessoas que estavam à margem da sociedade, funciona como uma via de mão dupla. Enquanto as classes mais elitizadas e conservadoras despejam suas críticas às pessoas tatuadas, acusando-as de serem um desgosto, uma vergonha, um atraso para a sociedade, as pessoas tatuadas também rebatem estes julgamentos. E rebatem exatamente se empenhando na prática e no discurso a favor destas atividades mal vistas pela elite burguesa, frequentando lugares considerados imorais, tendo uma vida boêmia e se marcando com tatuagens. Não se pode dizer que foi graças a essa resistência que a tatuagem conseguiu atingir o patamar artístico e cultural que possui nos dias de hoje. Mas ainda sim aí se estabelecia uma relação de disputa, que décadas depois podemos afirmar que apesar das dificuldades e preconceitos que ainda perduram, principalmente em

relação ao mercado de trabalho e a ocupação de cargos públicos ou militares, essa disputa vem sendo vencida pelos tatuados²³.

A associação das tatuagens com a criminalidade chegou a ser tão forte que ao serem desenvolvidas as primeiras teorias criminológicas, onde se buscavam características físicas e psicológicas que pudessem dar pistas de pessoas com tendências criminosas, havia uma associação da tatuagem a pessoas com tendências psicopatas, sociopatas e transgressores das convenções sociais. Por serem resistentes à dor, estes além de já marginalizados passavam então a serem vistos também como perigo iminente à segurança social. (LOMBROSO, 2001)

Corpos de pessoas assassinadas eram encontrados nas proximidades dos portos, alguns destes tatuados, assaltantes e assassinos que circulavam também nos arredores dos portos, muitas vezes também possuíam seus corpos tatuados. Quando presos mantinham sua relação com prática da marcação corporal, e assim contribuíam para que a tatuagem se tornasse uma atividade comum dentro dos presídios, além de também ser associada a ilegalidade e assassinatos. Este pensamento era tão significativo que através dele, torna-se suspeito, chegando a detenção para averiguação, cidadãos que transitem pelas ruas carregando em sua pele uma tatuagem. É também por influência desta associação que a discriminação chegou a ser tão forte, que até hoje, ainda que em menor escala, permanecem alguns destes preconceitos com as pessoas tatuadas.

Os processos históricos de aceitação das tatuagens se deram de maneiras diferentes nos diversos continentes e países, a partir da segunda metade do século XX. Ainda sob fortes julgamentos da sociedade, a tatuagem vai começando a se estabelecer como uma atividade capaz de atrair o interesse de um relevante número de pessoas ainda que dentro de determinados nichos.

No ano de 1967, tribos urbanas roqueiros, motoqueiros, hippies e, de

²³ Candidato a emprego que foi recusado por ter tatuagem ganha indenização por dano moral. Acesso em 15 mar. 2017. Disponível em:

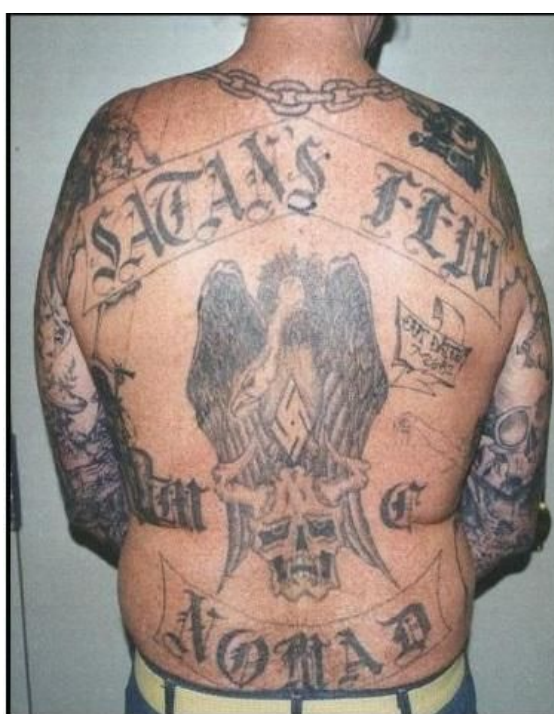
<http://www.trt7.jus.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2745:candidato-a-emprego-que-foi-recusado-por-ter-tatuagem-ganha-indenizacao-por-dano-moral&catid=152&Itemid=302>

Decisão do STF sobre tatuagens abre precedentes para barrar absurdos em editais. Acesso em: 15 mar. 2017. Disponível em:

<<http://concursos.correioweb.com.br/app/noticias/2016/08/23/noticiasinterna,36468/decisao-do-stf-sobre-tatuagens-abre-precedentes-para-barrar-absurdos-e.shtml>>

maneira mais radical, os punks e os skins foram apropriando-se desse imaginário, adotando a tatuagem como uma marca corporal através da qual ostentavam publicamente sua vontade de romperem com as regras sociais e de situarem-se deliberadamente à margem da própria sociedade.(Pierrat 2000; Le Breton 2002 *apud* PÉREZ, 2006, p.180).

Operando à beira da clandestinidade, em espaços mal localizados e insalubres, os tatuadores começam a desenvolver e aprimorar suas técnicas, trocar informações a respeito de diferentes formas de utilização de tintas e se dedicar à percepção e reprodução dos detalhes em seus desenhos.



24

Inicia-se também uma maior preocupação com a higiene dos espaços utilizados para a prática da tatuagem, assim como com a saúde das pessoas que se tatuavam. Algumas exigências sanitárias como a utilização de materiais descartáveis, ajudam a reduzir danos à pele e facilitar a cicatrização das feridas causadas pelas agulhas molhadas em tinta. Tem início também o processo de percepção do corpo como objeto, como representação, como tela, e assim sujeito a modificações que à critério de seus donos, fossem capazes de refletir identidades e

²⁴ Membro de um grupo de motoqueiros desde os anos 60.

personalidades, assim como comunicar e embelezar.

O sentido estigmatizador do uso da tatuagem começa a mudar a partir dos anos 1980, com o estabelecimento de modernas lojas exclusivas (dotadas de equipamentos especializados, materiais descartáveis e diferentes meios de promoção), a profissionalização de seus praticantes, o melhoramento da técnica e, sobretudo, as novas formas de conceber o corpo como obra-prima de construção do sujeito e aberto às transformações. A tatuagem torna-se, assim, uma das opções estéticas procuradas pelas novas gerações. (Pierrat 2000; Le Breton 19995). (*apud* PÉREZ, 2006, p.180).

Somente próximo ao final do século XX que o pensamento a respeito da tatuagem como atividade marginalizada começa a perder força, os desenhos no corpo se tornam comuns entre as diversas classes sociais, étnicas e de gênero, de maneira que fica difícil para os mais conservadores despejarem julgamentos aos que se tatuam.

Atualmente encontramos tatuagens muito diferentes das que costumavam ser feitas até meados do século XX. Os tatuadores afirmam que isso se dá principalmente devido a evolução nas técnicas de perfuração da pele e da melhora da qualidade das tintas no sentido de pigmentação na pele. As agulhas feitas especificamente para a realização de tatuagens são mais finas, por isso capazes de realizar traços mais detalhados nos desenhos. Diferente do período inicial das tatuagens onde agulhas de costura eram adaptadas, soldadas às máquinas para realizar as marcas na pele.

Movidos a motor, os atuais aparelhos de tatuagem são capazes de realizar até 50 furos por segundo na pele. A cada uma dessas agulhadas uma pequena quantidade de tinta fica depositada na derme, camada secundária da pele, que possui as células mais estáveis, o que não permite a coagulação ou escorrimento da tinta²⁵. As tintas mais modernas são capazes de reproduzir cores e tons que eram muito difíceis de serem alcançados antigamente. Os tatuadores destacam que a principal evolução da tatuagem é a aproximação de seus desenhos com os que podem ser realizados em tela ou em papel²⁶.

²⁵ Informações do programa de tv à cabo *How Stuff Works*. Disponível em:

<<http://pessoas.hsw.uol.com.br/tatuagens.htm>>. Acessado em: 07 de fev. 2017.

²⁶ Entrevista realizada pelo site Correio Braziliense em 03 de jun. 2015. Disponível em:

<http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/06/03/interna_cidadesdf.485479/das-telas-para-a-pele-a-evolucao-e-as-tendencias-da-tatuagem.shtml>. Acessado em: 07 de fev. 2015.



27

²⁷ Tatuagens feitas se utilizando das técnicas e aparelhos mais recentes da atualidade.

Além de já serem um tipo de manifestação que se tornou popular em todo mundo, a prática da tatuagem vem crescendo e conquistando ainda mais espaço. Nos EUA, por exemplo, é produzido um *reality show* transmitido em tv a cabo que se dedica a mostrar o dia-dia de um estúdio de tatuagem, denominado *Miami Ink*, o programa conta as histórias por trás das tatuagens dos clientes do estúdio, assim como mostra o processo de realização destas. O *reality show* possui muitos espectadores nos EUA e chega a ser transmitido em outros países, entre eles o Brasil.

Devido a seu sucesso em consecutivas temporadas, foi criada também uma outra versão do programa, esta que se passa na cidade de *Los Angeles*. O *Los Angeles Ink* traz a novidade de um estúdio de tatuagem que tem somente mulheres como tatuadoras. Houve também a tentativa de produção da versão brasileira e carioca do programa, o *Rio Ink*. O programa se passaria em um estúdio de tatuagem em Ipanema, alguns episódios chegaram a ser filmados, mas a idéia não foi à frente e logo o programa acabou sendo cancelado.

Vem aumentando também o número de eventos dedicados à cultura de tatuagem, no Rio de Janeiro temos o exemplo do *Tattoo Week*. Realizado anualmente o evento conta sempre com uma grande estrutura, que atrai pessoas interessadas em fazer tatuagens, conhecer o trabalho de tatuadores, assistir shows e consumir roupas e produtos. Os eventos também servem como espaço para os tatuadores realizarem exposições de seus trabalhos, e trocarem informações e experiências com outros colegas de profissão. Para os tatuados vale o compartilhamento de imagens de suas novas tatuagens nas redes sociais. Acontecem também as competições entre os tatuadores, onde são premiadas as melhores tatuagens de acordo com algumas categorias selecionados, por exemplo: realismo, *old school*, tatuagem em preto, tatuagem colorida e mais inovadora.

Também são importantes as considerações a respeito da importância da internet e principalmente das redes sociais no que se refere ao recente aumento da popularização das tatuagens. A rede serve como um espaço onde os tatuadores podem trocar informações a respeito de seu trabalho e também divulgar textos e imagens a respeito das *tattoos*. Como a divulgação de fotos pode ser feita de forma gratuita em redes sociais muito acessadas diariamente, como Facebook, Instagram

e Pinterest, fica mais fácil para que as pessoas conheçam o trabalho desenvolvido por tatuadores e por estúdios de tatuagem.

A reputação de um tatuador está directamente ligada à avaliação que é feita do seu trabalho. A internet e principalmente as redes sociais que nela se encontram, assim como a convenção de tatuagens, assumem um lugar fulcral no panorama actual das tatuagens – são os principais espaços de reconhecimento interpares. E é nestes espaços que se constrói a visibilidade e o reconhecimento de cada tatuador na sua individualidade e singularidade do seu trabalho.[...] Também os tatuadores fazem uso desta ferramenta para dar visibilidade aos seus trabalhos. O boom da tatuagem deve muito a este fenómeno, a sua difusão pela internet ajudou a quebrar preconceitos e também a valorizar o tatuador e o seu trabalho. (OLIVEIRA, 2012, p. 10)

Muitas pessoas já decidem a tatuagem que desejam, escolhem o tatuador de sua preferência e negociam os preços, dia e horário para a realização da mesma através das redes sociais. Alguns tatuadores aceitam este tipo de prática quando já conhecem o cliente de alguma forma, ou então mediante o pagamento de uma taxa referente a parte do valor total da tatuagem.

Tais acontecimentos demonstram uma recente ampliação significativa no mercado consumidor de tatuagem, conseguindo atingir um grande público através dos canais de tv, dos eventos específicos e principalmente através da internet, com o auxílio das redes sociais. A realização de uma tatuagem e o compartilhamento de sua imagem através das redes dos tatuadores e dos tatuados prestam enorme contribuição para a difusão da prática. Pois através das redes a tatuagem que muitas vezes, dependendo do lugar do corpo que se tatua, não seria facilmente visível, se torna fácil de ser percebida. Através das redes é possível a exposição das marcas na pele, assim como uma discussão a esse respeito, o que de certa forma as legitimam ao fazer com que a imagem fique salva e possa ser acessada posteriormente como mostrou Oliveira (2012).

Atualmente existe a discussão em torno do reconhecimento ou não da tatuagem como arte, questiona-se a produção de desenhos por encomenda como manifestação artística. Por outro lado argumenta-se que se existe alguém para considerar uma tatuagem tão bela que chegue a ser arte, então pode-se dizer que é arte, principalmente se esta pessoa possuir certo renome no mundo das artes.

Tatuadores com formação em universidades de belas artes ou de desenho industrial, encontram refúgio no discurso de pessoas ligadas à arte contemporânea, ao concordarem em dizer que a tatuagem como é feita atualmente, com um desenvolvido aparato técnico, resultando em desenhos detalhados que atingem as expectativas do tatuado e do tatuador e são percebidas por outras como belas, neste contexto a tatuagem pode sim ser considerada arte como ressaltou Oliveira (2012).

Sabemos que objetos feitos nas e por consequência das diferentes culturas podem ou não ser consideradas como artísticos, dependendo dos processos sociais e históricos pelos quais passaram, como foi salientado por Shapiro e Heinich (2006).

Então, o que é artificação? Nós entendemos a artificação como um processo de processos. Identificamos dez processos constituintes: deslocamento, renomeação, recategorização, mudança institucional e organizacional, patrocínio, consolidação jurídica, redefinição do tempo, individualização do trabalho, disseminação e intelectualização. (SHAPIRO; HEINICH, 2006, p. 18)

No estudo as autoras realizam uma reflexão a respeito do processos de artificação pelo qual passaram alguns dos que atualmente podem ser considerados ícones da cultura e das artes como jazz, cinema, fotografia, entre outros. Percebem que além do desenrolar dos processos listado acima, deve também salientar que objetos e manifestações que venham de camadas excluídas ou minoritárias da sociedade, encontram maiores dificuldades até a obtenção o status de arte. Como aconteceu com o jazz, grafite e o breakdance.

A tatuagem então figuraria neste lugar das manifestações que encontrariam maiores dificuldades para se estabelecer como arte, devido a sua forte associação e até ligação direta com a marginalidade ao início do século XX, tanto a nível oriental como ocidental. Entretanto, parece que a tatuagem vem sendo bem sucedida no desenrolar dos processos apontados pelas autoras. Com exceção da renomeação²⁸,

²⁸ Segundo Marques (1997) a introdução do nome desta técnica ao vocabulário veio de outro viajante, o navegador inglês James Cook. Em 1769 o navegador em uma viagem ao Taiti descobre a tatuagem. É graças a ele que a palavra tattoo entra para a língua inglesa. O navegador registrou o costume em seu diário de bordo: "Homens e mulheres pintam o corpo. Na língua deles, chamam isso de tatau. Injetam pigmento preto sob a pele de tal modo que o traço se torna indelével". (COOK, apud MARQUES, 1997, pg.15)

de uma maneira geral a tatuagem vem conquistando sucesso nas demais categorias. E creio que não se possa dizer que a tatuagem não atingiu o patamar de arte por somente não ter passado por um dos dez processos classificados.

Em um debate entre as idéias dos intelectuais da arte que possuem um posicionamento mais conservador e os artistas que executam artes consagradas, há significativa divergência. Enquanto os intelectuais afirmam que, entre outros motivos, a tatuagem não poderia ser considerada arte por ter o corpo como suporte, e assim um objeto incapaz de resistir ao tempo. Os defensores da tatuagem como arte rebatem dizendo que o processo de criação de uma tatuagem é complexo e necessita do envolvimento entre o tatuador e o tatuado. De maneira que o tatuador consiga compreender o desejo de seu cliente e através de sua capacidade artística passá-lo inicialmente para o papel, em uma forma que seja capaz de ser aplicada à parte do corpo que o cliente deseja.

Além desta dinâmica de criação de tatuagens que de acordo com o discurso de seus agentes pode ser considerada artística, exista também o método conhecido como *freehand*. Este tipo de procedimento se diferencia porque nele o cliente não expõe ao tatuador qual é o seu desejo em relação à sua tatuagem. Na verdade ele dispõe alguma parte de seu corpo para que o tatuador crie nela o desenho que desejar. E isto ainda sem utilizar nenhum papel como esboço ou rascunho, o desenho da tatuagem é feito direto na pele, sem ensaio prévio. É interessante perceber que a confiabilidade das pessoas em alguns tatuadores atinja esse ponto, de emprestar uma parte de seu corpo para um desenho que ali ficará de forma permanente. Para estas pessoas não existe mais a discussão se tatuagem é ou não uma arte, elas já se convenceram que os tatuadores podem sim ser considerados como importantes artistas modernos.

Nos dias de hoje ainda existem algumas restrições às tatuagens, as marcas no corpo ainda não são totalmente aceitas, em certas situações sociais, na ocupação de certos cargos no mercado de trabalho ou em algumas funções da vida pública, é indicado que não se tenha o corpo tatuado, ou ao menos que não seja muito tatuado.

A aparência não substitui a competência, mas a competência pode se beneficiar da boa aparência. “Antes de a pessoa fazer uma tatuagem, ou

colocar um piercing, ela deve avaliar sua área de atuação. Os setores jurídico, financeiro e de saúde são bastante conservadores[sic] em relação à vestimenta e a tatuagens. (SANTOS, 2016, p.40)

Ainda não é comum de encontrarmos, por exemplo, pessoas que exerçam altos cargos em empresas, em alguns setores da economia, que possuam o corpo com muitas tatuagens aparentes. Nem mesmo alguém que se candidate a uma função política, do poder legislativo ou executivo e que ao mesmo tempo exiba uma grande quantidade de modificações corporais.

As tatuagens aparecem também como um sentido de controle sobre o próprio corpo, ou em uma interpretação mais ampla, poder sobre a própria existência. Em um mundo em constante mudança onde muitas pessoas se sentem obrigadas a seguir regras sociais das quais muitas não concordam. São obrigadas a falar, andar, gesticular, opinar, se encaixar em padrões corporais e de vestimenta que sejam aceitos socialmente.

Os adeptos da Body Modification só se sentem completos quando adquirem suas respectivas marcas pessoais. Para esses indivíduos, a lembrança de acontecimentos especiais e as emoções que estes despertam devem ser visíveis e estar registradas sobre o que de fato lhes pertence: o corpo. O símbolo pessoal surge da associação, na maioria das vezes, inconsciente, que o indivíduo estabelece entre um desenho, uma forma, e o sentimento, a sensação que determinado fato lhe despertou. É escolhido e determinado segundo o gosto estético pessoal, a ligação emocional que determinada imagem exerce sobre ele e o controle que este tem sobre o corpo. (PIRES, 2003, p. 79)

Então muitas vezes estas pessoas encontram nas marcas corporais algo que esteja dentro do seu domínio, uma alteração opcional na qual elas têm direito de escolha, em relação a tipo, tamanho, cores e longevidade.

Recentemente também é perceptível que entre jovens, com menos de 25 anos, vem se tornando comuns as tatuagens no pescoço. Local que já foi considerado como “proibido”, por possivelmente acarretar problemas de colocação no mercado de trabalho e atrair julgamentos das pessoas mais conservadoras. Percebo como um perfil identitário nestes jovens uma tentativa de quebra de paradigma, uma tentativa de transgressão de regras tácitas colocadas em nossa sociedade.

o acto de marcar a pele, quando empreendido em contextos juvenis, é descrito nas narrativas dos jovens entrevistados como decorrente de um traço de personalidade com que se identificam e que lhes é socialmente reconhecido, a rebeldia. Fazer uma tatuagem ou colocar um piercing começa por configurar um acto de rebeldia perante as normatividades que (pre)tendem prescrever e estandardizar a imagem corporal do juvenil e, em última instância, perante as convenções que informam a sacralização de um corpo “natural(izado)” (FERREIRA, 2007, p. 298).

Em uma atitude de rebeldia que deseja chocar e causar questionamentos, espanto e até desconforto, não só em pessoas de gerações mais antigas, como também em outros jovens, inclusive entre os que possuam o corpo tatuado. Com o intuito de funcionar como marca de modernidade, juventude, rebeldia, urbanidade e questionamento aos padrões comportamentais.

Neste mesmo sentido podemos interpretar as tatuagens de Rio de Janeiro, de maneira que também se associem a uma identidade com características urbana, jovem, de orgulho e principalmente de pertencimento e conexão direta com famosos ícones da cultura carioca. As praias, o verão, sol, carnaval, cerveja e samba. O Rio é uma cidade que facilita a exposição dos corpos, não somente pelo calor e pelo culto ao corpo, mas também por fatores históricos e culturais da cidade.

É interessante perceber que em nossa sociedade, ocidental, sul-americana, brasileira, também se realizam diversas alterações corporais, com os mais variados intuitos e significados, que em uma análise mais superficial não figurariam no conhecido grupo das modificações corporais. Onde se destacam os piercings, escarificações, criação de cicatrizes e tatuagens, não se percebe os implantes de silicone, os furos no lóbulos auriculares para a utilização de brincos, as depilações corporais temporárias ou permanentes feitas a *laser*. Também não se consideram as técnicas químicas de alteração de cor e estrutura dos cabelos, e até a depilação dos pelos da axila e da vagina, mais comuns entre as mulheres, assim como o ato de talhar os pelos do rosto, mais comum entre os homens.

Percebe-se então que a cultura exerce forte influência nos indivíduos de modo a tornar mais comuns, aceitáveis e às vezes até necessárias, certas modificações corporais. Enquanto outras destas modificações serão consideradas um desvio, uma rebeldia e um desafio ao comportamento normativo. É interessante notar como à maioria dos indivíduos passa despercebida a influência que sofrem da

cultura na qual estejam embebidos. É comum que muitas pessoas acreditem que seus gostos, pensamentos, opiniões e julgamentos são estritamente pessoais, e que sofrem pouca ou nenhuma influência do momento histórico e cultural pelo qual passa o território em que vivem. Naturalizando suas ações ao ponto de não as perceberem como reflexo de séculos de fluxos culturais, como destacou Miner (1956).

2.2 - A TATUAGEM NO BRASIL E NAS AREIAS CARIOCAS

Apesar da história da prática da tatuagem no Brasil seja contada tendo início em 1959 através do dinamarquês Lucky, que assume o papel de mito fundador, a prática já existia anteriormente no Brasil de forma mais discreta e precária. Era oferecida como um serviço simples, acontecendo até mesmo nas ruas do Rio de Janeiro, como relata João do Rio.

A outra camada é a mais numerosa, é toda a classe baixa do Rio - os vendedores ambulantes, os operários, os soldados, os criminosos, os rufiões, as meretrizes. Para marcar tanta gente a tatuagem tornou-se uma indústria com chefes, subchefes e praticantes. Quase sempre as primeiras lições vieram das horas de inatividade na cadeia, na penitenciária e nos quartéis; mas eu contei só na Rua Barão de S. Félix, perto do Arsenal de Marinha, e nas ruelas da Saúde, cerca de trinta marcadores. Há pequenos de dez, doze anos, que saem de manhã para o trabalho, encontram os carregadores, os doceiros sentados nos portais. - Quer marcar? perguntam; e tiram logo do bolso um vidro de tinta e três agulhas. (RIO, 2008, p. 346/e-book)

Além destes haviam também tribos indígenas brasileiras que por apreço à arte e também por significados ligados à fé, história de vida e ritos de passagem, realizavam suas tatuagens já desde o século XVI, como relatou a historiadora Silvana Jeha, no documentário *Do Porto à Pele: a história da tatuagem profissional no Brasil* (2016).

O marinheiro Lucky obteve fama por ter sido o primeiro a trazer para o

Brasil a técnica da tatuagem com a utilização da máquina elétrica, enquanto as técnicas utilizadas no país até então eram mais simples, com perfurações à pele feitas manualmente, uma por uma, ponto por ponto. Lucky tatuava em seu navio, inicialmente atracado no porto de Santos, fazendo eventuais viagens ao litoral do Nordeste e ao Rio de Janeiro.

No Brasil, local escolhido para a presente pesquisa, o processo de modernização da prática da tatuagem segue um caminho mais lento em razão da dificuldade de acesso às novas técnicas e, principalmente, à máquina elétrica. Os avanços nesse campo dependeram basicamente dos tatuadores estrangeiros que, chegando ao país, se converteram em intermediários da nova tecnologia da tatuagem. É o caso de Tatto Lucky, imigrante dinamarquês, marinheiro, de família de tatuadores, que veio para o Brasil em 1959, aqui ficando até a sua morte em 1983, e que se converteu, com o passar dos anos, em "mito de origem" da tatuagem contemporânea no Brasil (Marques 1997:175 *apud* PÉREZ, 2006, p.181).

Escolher o navio como estabelecimento não era à toa, em torno do ano de 1960 a tatuagem ainda sofria com a repressão social e principalmente policial. Permanecia a associação da prática à marginalidade e subversão das convenções sociais.

Nos anos seguintes começava a crescer o mercado da tatuagem no Brasil, o artifício da agulha com motor contribuiu para a expansão da prática, principalmente nas regiões litorâneas do país. Neste período começam as tentativas de aprimoramento das técnicas dos desenhos na pele, ainda que de certa forma defasado em relação a países da Europa e da América do Norte. Os tatuadores brasileiros encontram suas formas de improvisar, se utilizando de motores originais de outros objetos e os adaptando para o uso como máquinas de tatuagem.

Assim, durante a década de 1970 o mundo da tatuagem viveu um período de experimentação, de passagem das "agulhas caseiras" à fabricação de máquinas elétricas: "Entrou em ação o jeitinho brasileiro. Gravadoras, vitrolas, aparelhos de barbear e aceleradores de autorama foram sacrificados em nome da arte". Igualmente, os lugares onde se tatuava eram improvisados em pequenos espaços dentro de galerias, academias de ginástica, barbearias etc., em geral, nas próprias casas dos tatuadores. Nessa época, a tatuagem mantinha status de ofício doméstico, artesanal, praticado por amadores, em um ambiente no qual predominavam as relações de amizade e um jeito de festa (Marques 1997:192 *apud* PÉREZ, 2006, p.181).

Ainda que crescente, a prática da tatuagem não tinha se popularizado, os tatuadores e os espaços para a realização das *tattoos* ainda eram pouco conhecidos, ficando

quase que restritos a redes de amizade, sociabilidade ou indicações.

Na década de 1980 que começam as mudanças mais significativas, que desencadeiam a popularização da tatuagem no Brasil. Com técnicas e materiais mais avançadas, contribuindo para que os tatuadores fossem capazes de fazer desenhos mais nítidos, detalhados e por isso considerados mais bonitos, a prática da tatuagem começava a sair de determinados nichos e alcançar mais espaço na sociedade. Houve uma mudança significativa também no que se refere aos espaços em que se realizava a tatuagem, começa uma preocupação com as estruturas específicas que agradassem ao público e que fossem propícias para a realização das tatuagens, os espaços que hoje chamamos de estúdios. Deixando para trás a idéia de que bastava um espaço qualquer, adaptado no fundo de uma loja, açougue ou prostíbulo para a aplicação dos desenhos na pele.

Na canção de Caetano Veloso, Menino do Rio do início da década de 1980, fala-se de um rapaz vadio, que vive à beira do mar e que possui um dragão tatuado no braço, “Menino do Rio, Menino vadio, Dragão tatuado no braço, Calção corpo aberto no espaço”. A canção faz uma representação emblemática de uma juventude característica da zona sul carioca, e que nos ajuda a compreender uma possível interpretação das práticas sociais de uma parte dos jovens que habitavam ou transitavam neste local.

O sentido estigmatizador do uso da tatuagem começa a mudar a partir dos anos 1980, com o estabelecimento de modernas lojas exclusivas (dotadas de equipamentos especializados, materiais descartáveis e diferentes meios de promoção), a profissionalização de seus praticantes, o melhoramento da técnica e, sobretudo, as novas formas de conceber o corpo como obra-prima de construção do sujeito e aberto às transformações (Le Breton 1995). A tatuagem torna-se, assim, uma das opções estéticas procuradas pelas novas gerações. (*apud* PÉREZ, 2006, p.180).

Tendo a associação com o ato rebelde de tatuar o corpo e exibí-lo nas areias das praias, Caetano também interliga estas atitudes ao tempo de lazer sendo utilizado à beira da praia. Podemos contextualizar esta canção com o processo de mudança no paradigma de aceitação social da tatuagem. Apesar do menino ainda ser tratado como vadio, outras características também são destacadas, como sua leveza para encarar a vida e seu bom coração. Se associando com a construção de um estilo de

vida carioca que teve início em meados do século XX e possuía forte ligação com as praias e a zona sul da cidade.

Com estes avanços em conjunto com a popularização da prática, reduziam também os estigmas e preconceitos sobre as tatuagens. A associação com a criminalidade ia perdendo força, enquanto aumentava o número de jovens que carregavam na pele um desenho em tinta permanente. É também próximo ao ano de 1980 que é inaugurado um dos primeiros estúdios de tatuagem no Rio de Janeiro, localizado na zona sul no bairro de Ipanema, o *Tropical Tattoo*. A idéia do estúdio era aproximar a cultura de praia dos jovens da zona sul da cidade, acostumados a expor seus corpos na praia, a surfar, andar de skate e cuidar da saúde e aparência corporal, com a prática da tatuagem.

Na década de 1990 tem início o processo de massificação da tatuagem como prática, inicialmente entre os jovens e posteriormente para as pessoas de uma maior variedade etária. Se estabelece o mercado do estúdios, que vão se adaptando com decorações e temas que fazem referência aos desenhos já chamados de clássicos, as caveiras, corações, pergaminhos e dragões. Começam também a haver uma preocupação maior com a salubridade dos ambientes onde se pratica a tatuagem, sendo esta preocupação institucionalizada através das exigências da vigilância sanitária.

Foi só a partir dos anos 90 que começaram a ser estabelecidos estúdios de tatuagem com toda a parafernália moderna instrumental, materiais descartáveis, catálogos etc. que tentavam imprimir uma nova imagem de profissionalismo, de qualidade artística e de procedimentos higiênicos em relação à prática, embora sem fácil aceitação social em função do estigma que o trabalho carregava. Esta a razão pela qual as novas gerações de tatuadores confrontaram-se com problemas que iam além de questões meramente técnicas (que prevaleceram nas décadas anteriores) situando-se no campo do simbólico, na luta pelo reconhecimento social da tatuagem. (PÉREZ, 2006, p.182)

Tal contexto foi muito benéfico para a expansão e consumo da tatuagem, se tornando uma prática difundida na sociedade e se tornando um produto mais fácil de ser consumido. Permitindo também que os tatuadores em sua constante luta por reconhecimento e desassociação dos velhos estigmas e que até então encontravam dificuldades de obter sua subsistência através de seu trabalho, se tornassem profissionais liberais e conquistassem a independência e certa estabilidade

financeira.

Atualmente a tatuagem aparece como um tipo de modificação corporal dentre os mais comuns não só no Brasil, como em boa parte da cultura ocidental, desenhos e inscrições dos mais variados tipos, costumam ser marcados na pele de pessoas de diversas idades, gêneros, etnias e classes sociais. Entretanto não se pode dizer que este tipo de atributo está disponível para todas as pessoas que a desejem, existem alguns cortes, de idade e principalmente de ordem econômica, que impedem algumas pessoas de realizar o desejo por fazer uma tatuagem. Por exemplo, na atualidade os estúdios de tatuagem legalizados e que possuem certa tradição e confiabilidade na cidade do Rio de Janeiro costumam cobrar preços que muitas pessoas considerariam caros. Como resultado do processo de artificialização, as tatuagens ao atingirem o patamar de arte, na opinião de muitas pessoas, por consequência passam a ter mais valor, e assim serem exigidos preços mais altos para a sua realização. De maneira que se tatuar acabe sendo deixado em segundo plano, mediante a outras questões consideradas prioritárias, ou então que se procure um estúdio de tatuagem que não cumpra com as exigências legais para funcionar, e por consequência da economia de gastos do estúdio ou do tatuador, seja possível cobrar aos clientes um preço inferior aos demais estúdios melhor estabelecidos.

2.3 - ANALISANDO AS TATUAGENS DO RIO DE JANEIRO

Em pretensão de compreender as representações que, as pessoas que se marcam com tatuagens do Rio de Janeiro, fazem a respeito do imaginário da cidade, considero importante que se realize uma análise das imagens por elas escolhidas. Considerando que o local, paisagem, frase ou palavra escolhidos para representar a relação dos tatuados com a cidade serão de grande valor para a compreensão do

que estes consideram como imaginário do Rio de Janeiro. Dos desenhos que vão do Corcovado até a Igreja da Penha, busco perceber características nas imagens escolhidas por estes agentes que nos deem pistas sobre a relação que possuem com a cidade.

Fiz um levantamento com mais de cem fotos de tatuagens com a temática de Rio de Janeiro, me utilizando majoritariamente de imagens encontradas em ambientes online, redes sociais como Facebook e Instagram, arquivo do google imagens, reportagens em sites de revistas e posts em blogs. A procura por estas imagens foi feita à partir de combinações entre as palavras-chave: tatuagem, *tattoo*, *ink*, *inked*, rio, rio de janeiro, cidade maravilhosa e carioca. Utilizo também as fotos de Assis (2016) em seu livro em coletânea de tatuagens que representam o Rio de Janeiro. A respeito da utilização de imagens em pesquisas e trabalhos acadêmicos, existe uma disputa onde pesquisadoras como Lilia Schwarcz defendem a importância da utilização e da significação das imagens na pesquisa.

Nesse sentido ele permite relacionar texto e imagem; questões éticas, do conhecimento e do poder. Menos do que uma teoria da imagem, a sugestão é de dar "imagem à teoria", no sentido de ela se comportar como uma privilegiada instância formadora de representações. Dessa maneira, o conceito de representação é, antes, entendido aqui como processo e relação, incluindo-se em seu escopo cultura política, sistema de intercâmbios e transferência de valores, imaginários utópicos e realidades pragmáticas (Mitchell, 2009 *apud* SCHWARCZ, 2014, p. 393).

A utilização das imagens se faz importante para a melhor exposição e compreensão desta pesquisa à medida que demonstra de maneira clara do que se tratam as tatuagens que analiso, assim como as tatuagens dos entrevistados.

Boa parte das tatuagens trata de representar o que considero mais comum a respeito do imaginário da cidade, as paisagens que se convertem em ícones importantes para simbolizar e legitimar a compreensão do Rio de Janeiro como uma cidade maravilhosa. São eles o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, Arcos da Lapa, Calçadão de Copacabana e Maracanã. Fica claro que estes ícones isolados ou combinados, formam a maior parte das imagens de tatuagens e respeito do Rio que pude encontrar. Estas confirmam as hipóteses por mim levantadas, através de uma percepção pessoal, de que estas seriam as paisagens mais comuns de serem

encontradas nas tatuagens em referência ao Rio. Não fica difícil perceber que elas dão conta de representar de maneira fidedigna o que seria uma boa parte da totalidade das tatuagens que até hoje já foram feitas com a intenção de apresentar o Rio de Janeiro.



²⁹ Tatuagens que demonstram as formas de representação mais comuns do Rio de Janeiro

Estas imagens dão conta de representar um imaginário que é amplamente estabelecido e historicamente legitimado, através das músicas, novelas, propagandas e filmes. Ao tratar deste imaginário no capítulo 1, o chamei de imaginário positivado do Rio de Janeiro, pois é este que ocupará a maior parte das representações da cidade que são veiculadas nacional e internacionalmente. Sendo apropriado também pelo poder público em campanhas de incentivo ao turismo para fazer propaganda e vender a experiência de vida na cidade como maravilhosa. Também é este imaginário que atinge uma relevância tão grande que para pessoas de outros países, chegue a ser associado ao imaginário de Brasil.

A utilização destes ícones nas tatuagens de uma maneira geral tenta representar o imaginário oficial do Rio de Janeiro em seu sentido positivado. De maneira que compreende-se que estas paisagens por já serem tão conhecidas e extensivamente associadas à cidade, dão conta de demonstrar um afeto que não se limita a uma situação ou local específico, mas sim à positivação da cidade como um todo. Não ressaltando os problemas de ordem urbana como transporte, desigualdade social, violência e escassez de serviços públicos para a população menos abastada, e sim destacando que são consideradas qualidades da cidade, as belezas naturais, as praias e os monumentos construídos pelo homem.

Entretanto em uma análise um pouco mais aprofundada percebemos que apesar desta escolha por uma representação quase integral da cidade, a maior parte das pessoas não escolherá todos e sim alguns destes ítems para marcar em sua pele. Outras escolhem não alguns, mas somente um destes e outras ainda que tenham feito a escolha por todos os principais ícones, em seus desenhos darão mais ênfase a alguns deles e menos ênfase a outros. Portanto percebo que por mais que se pretenda representar a cidade em sua totalidade, devem ser considerados quais dos famosos ícones foram escolhidos para tal. Estas escolhas nos dão pistas para a compreensão da relação destas pessoas com cada um destes ítems. Em conjunto com uma associação a algumas das características do dito imaginário oficial da cidade, que elas gostariam de ressaltar.

O Cristo Redentor além de servir como uma representação da cidade, pode ser também associado a um sentido religioso, de fé e crença em uma força superior que de alguma maneira esteja olhando e zelando pela cidade, assim como a seus

habitantes. Pode estar associado também a uma figura paterna, em contexto com a sociedade patriarcal, o Cristo muitas vezes pode assumir essa função de estar próximo de Deus, que perceberia a todos nós como irmãos, tendo assim a função de então ser o “pai de todos”. Assim como a sua figura ser representada da maneira como, segundo a bíblia, foi crucificado, pode assumir um outro sentido, o de estar de braços abertos, fazendo referência a um gesto carinhoso em forma de abraço. Nesta perspectiva então estaria o Cristo de braços abertos, pronto para o gesto amoroso de abraçar a cidade, assim como de estar pronto para receber os visitantes que assim o desejarem.

O Maracanã pode estar associado não só ao imaginário positivado da cidade, como também à paixão pelo futebol. Sendo o estádio um dos maiores e mais famosos do mundo, ele foi capaz de por diversas vezes abarcar milhares de pessoas, que estavam juntas em prol de um objetivo em comum, o gol, a vitória. Este sentimento que acomete boa parte dos torcedores de futebol que desenvolvem alguma paixão por um dos clubes do Rio, pode ser representado também através da figura do Maracanã. A mística em torno do estádio já foi considerada por muitos torcedores, escritores e jornalistas como única em todo mundo. Sem dúvida o gigante já foi palco de partidas tão importantes e dramáticas que foram capazes de criar memórias significativas para as pessoas que delas participaram como torcedores ou até jogadores.³⁰ Alguns destes que ao pensarem em fazer uma tatuagem do Rio de Janeiro, a representação do estádio se fazia essencial.

A escolha pelo Pão de Açúcar na minha compreensão, é a mais difícil de ser desvendada, pois os morros não possuem uma história ou um significado mais amplo que seja de imediato associado a eles. Entretanto acho possível afirmar que os morros encantam por sua beleza e formato que se aproximam de algo que poderíamos chamar de harmonioso. É de se considerar também que a imagem dos morros já foi tão difundida em pinturas e fotografias ao longo da história da cidade

³⁰ Há também o caso do ex jogador de futebol Fernando Santos, atuando na posição de zagueiro, o carioca nascido em 1980 teve passagens pelo Clube de Regatas Flamengo, assim como a seu rival, o Clube de Regatas Vasco da Gama. Em breve entrevista à Rede Globo de televisão Fernando foi perguntado a respeito de sua tatuagem no braço, o jogador explicou que decidiu por fazer uma tatuagem do Rio de Janeiro pois acreditava que com sua transferência para a Alemanha em 2003, sentiria muitas saudades da cidade, além de desejar marcar em sua pele uma espécie de orgulho de ser carioca, de ser brasileiro. Os ícones escolhidos por Fernando foram o Maracanã, o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar.

que não fica difícil de se familiarizar com o tal. Além disso existe o bondinho, o primeiro teleférico que ligava a Praia Vermelha ao Morro da Urca foi construído em 1912, e já possuía grande quantidade de janelas que possibilitavam a vista das paisagens em todas as direções, em uma forma de sugestão à apreciação das belezas da cidade.

Penso então que as tatuagens que reproduzem ou referenciam o pão de açúcar e o bondinho demonstram uma valorização não só da beleza dos morros, mas também da cidade em si. Enquanto beleza natural os morros são amplamente conhecidos, na cidade, no país e até no exterior, no processo de estetização da natureza³¹, os morros tiveram um papel privilegiado. Assim considero que os desenhos na pele que trazem o conjunto de morros e seu bondinho como representação da cidade, demonstram também uma preocupação e uma valorização do aspecto estético presente na tatuagem.

Os Arcos da Lapa além de com frequência são escolhidos com a intenção de representar a famigerada boemia da cidade, que já foi representada através de músicas, filmes e livros. Em referência aos conhecidos malandros da Lapa, ao samba, e à tentativa de boa relação com a diversidade, atribuídas aos espaços boêmios. Tatuá-los pode significar uma aceitação maior ao outro, ao que é diferente, pois no espaço do bairro, convivem em seus momentos de lazer, considerável variedade de classes, gêneros, etnias e nacionalidades.

A escolha pelo calçadão de Copacabana pode estar associada ao apreço pela praia, não só à faixa de areia e ao mar em si, mas às práticas e costumes característicos das pessoas que frequentam as praias do Rio de Janeiro. Algo que podemos chamar de cultura de praia, a associação a dias quentes e ensolarados, a momentos de lazer e despreocupação com o trabalho, à confraternização com os amigos, à exposição e culto ao corpo e à prática de jogos como alinha, futevôlei e frescobol, ambos os três criados nas areias das praias do Rio de Janeiro.

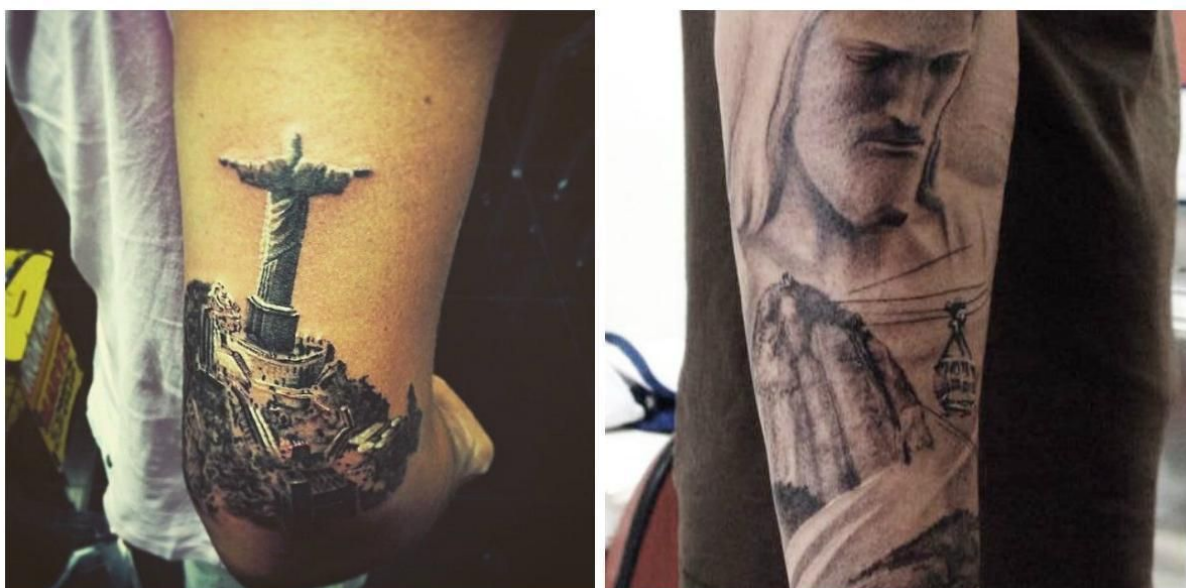
É possível representar também um tipo de convivência social característica do bairro, sendo muito amplo, populoso e com extensa faixa de areia, Copacabana por um longo período do século XX foi o expoente maior de um imaginário de saúde, conquistas, modernidade, *status* social e sucesso no Rio de Janeiro. O bairro foi

³¹ Ver: A Paisagem e o Olhar - Relíquias do Brasil

capaz de atrair os anseios de muitos cidadãos que desejassem por viver em um local com estas características. Portanto, tatuar o calçadão de Copacabana também pode significar uma valorização da vida urbana, em sua maneira mais característica, misturada, confusa, atribulada e complexa.

Podemos atentar também para que tipo de técnica de desenho as pessoas optam por utilizar em suas tatuagens, assim como o local do corpo escolhido para tal. Podendo os traços buscarem reproduzir com detalhes as imagens, visando uma aproximação com a realidade, podem também utilizar traços mais simplificados finos e leves. Ou ainda, desenhos que não se prendam a uma reprodução da realidade, onde são permitidas desproporções, coloração diferente da imagem original ou mesmo tendências surrealistas, por exemplo.

As tatuagens com traços que buscam reproduzir com riqueza de detalhes as imagens originais, são desenhos geralmente preenchidos, com sombreados que dão sensação de profundidade. Podem indicar um desejo pelo concreto, pelo que socialmente tem efeito de real. O que nos caso de tatuagens sobre o Rio de Janeiro seriam uma valorização das estruturas em si, tanto as construídas pelo trabalho do ser humano, como as naturais. Denotando uma valorização pela materialidade, pelo que é sólido e está ao alcance das mãos, dando uma importância menor aos possíveis diferentes significados que aquele local ou estrutura podem assumir para as outras pessoas. Demonstrando uma espécie de respeito pela formação da estrutura, de maneira que não se deseje alterá-la.



32

As tatuagens mais simples, com traços finos e leves, com desenhos vazados, já possuem pretensões diferentes, nestas busca-se a representação não somente da estrutura em si, mas de significados que elas possam representar, sendo menos importante o seu sentido social e histórico, dando maior importância os sentidos e significados conotados pela pessoa que deseja tatuá-la. O não preenchimento destes desenhos nos dão a dica de que aquela não é uma estrutura finda e assim limitada, e que está aberta a variadas significações e interpretações quanto ao que podem representar para as pessoas que a observam. Dando uma valoração maior ao que eles significam, do que à maneira como aparentam. É o caso da entrevistada Renata Meiga, 28 anos moradora do bairro Engenhooca em Niterói, que carrega em seu antebraço a tatuagem do Cristo Redentor, ao centro da imagem abaixo.

³² Tatuagens que buscam a reprodução perfeita de monumentos e paisagens da cidade

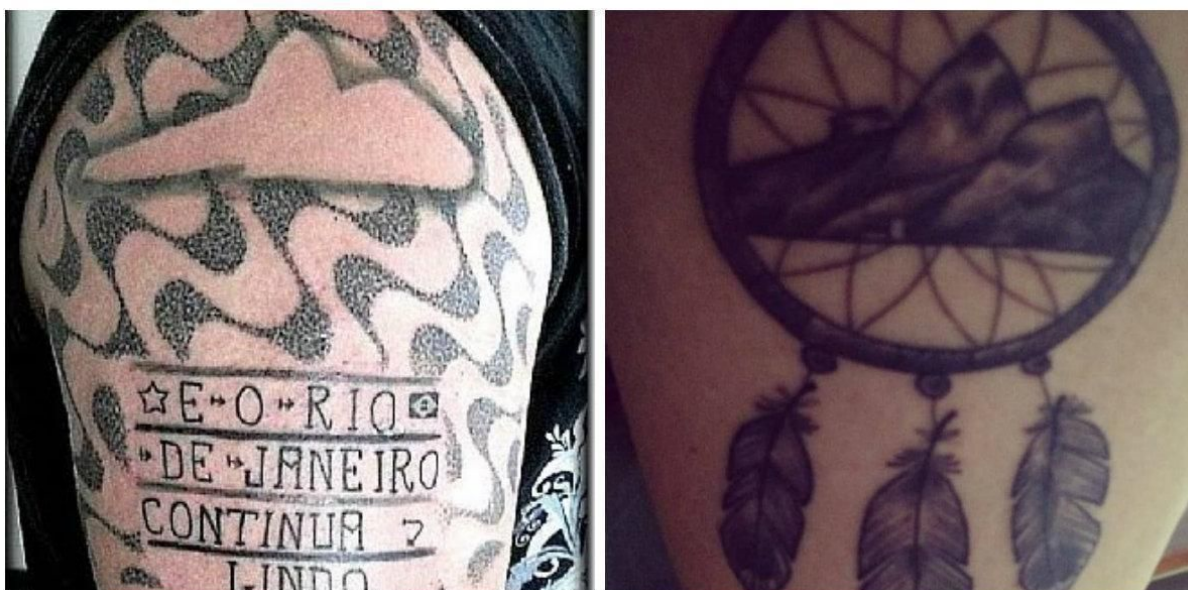


33

Estas tatuagens também nos remetem também à reflexão de que certos locais do Rio tem sua imagem tão difundida que criam uma espécie de identidade visual, não sendo necessária a sua reprodução fiel para que se identifique o que a imagem deseja representar.

Enquanto os desenhos de cunho quase surrealista, isto é, que não se prendem à realidade, demonstram uma vontade de pensar a cidade de maneira diferente. Um Rio de Janeiro que estaria mudado no sentido materialista, mas que ainda sim manteria as questões de seu imaginário idealista. Estas tatuagens remetem a uma junção de idéias ou de significados que possam ser transpostos para uma imagem só. Em uma espécie de brincadeira, que modifica o contexto ao qual o Rio de Janeiro, ou algum de seus ícones está inserido.

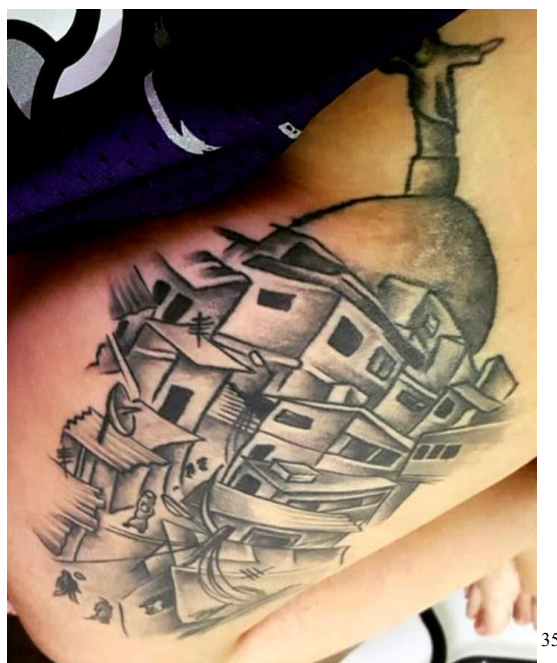
³³ Tatuagens do Rio com traços finos, leves e simples. Onde a significação e a identidade visual importam mais do que a imagem em si.



34

Encontrei também tatuagens que possuem a especificidade de colocar o contexto e o imaginário do Rio de Janeiro em segundo plano, de maneira que em vez de buscar representar a cidade de maneira a se aproximar da sua integralidade, priorizam um espaço simbólico ou um local específico. Nestas tatuagens o Rio é lembrado de maneira indireta, com sua devida importância ao proporcionar o contexto que gera esse espaço específico, mas ainda sim não é o foco principal da tatuagem, como pude perceber no discurso de uma das entrevistadas.

³⁴ Tatuagens que se utilizam de licença poética para a representação do Rio de Janeiro.



Pillar Freire 25 anos, fez uma tatuagem com uma favela em que ao topo percebe-se a figura do Cristo Redentor³⁶. Pillar deixa claro em sua fala que a sua intenção principal era fazer a tatuagem que representasse uma favela, pois ela tem profunda identificação com o espaço, e somente em uma análise mais aprofundada que aparecerá então a referência ao Rio de Janeiro, como a cidade que proporciona o contexto sócio-histórico que gera a favela, no sentido romantizado que Pillar interpreta. Como um local que apesar de seus problemas sociais, apresenta uma alegria contagiante, é uma importante fonte de cultura para a cidade e um lugar de extrema importância para o nascimento e crescimento do samba.

Também vale ressaltar que percebi diversas tatuagens que fazem alguma alusão a um dos quatro grandes clubes de futebol do Rio de Janeiro, Vasco da Gama, Flamengo, Botafogo e Fluminense. Em uma representação na pele que algumas vezes evidencia uma ligação com o Rio de Janeiro, e outras vezes em que essa ligação não se percebe de imediato. Entretanto ressalto tais desenhos por compreender que existe uma ligação forte na paixão que os torcedores sentem por

³⁵ Tatuagem de uma das entrevistada, Pillar de Sá Freire. Representa em sua perna o local favela com o Cristo Redentor ao topo

³⁶ No capítulo seguinte farei uma análise mais detalhada das tatuagens e das relações que os entrevistados estabelecem com a cidade.

seus clubes e a dinâmica da cidade do Rio de Janeiro. No que se refere aos estádios, tradições, ídolos, torcedores, cantos e bandeiras, estes que são itens importantes na relação que se estabelece entre os torcedores e seus clubes, todos foram imaginados, almejados e concebidos de uma maneira atrelada à história do Rio de Janeiro.



37

Com a realização das olimpíadas e Paralimpíadas na cidade do Rio de Janeiro em 2016, também pude constatar um fato interessante, as tatuagens em referência às Olimpíadas do Rio. Desenhos com os cinco anéis olímpicos já haviam se tornado um costume entre atletas que desejavam marcar a pele com uma referência à sua participação nas olimpíadas, em qualquer uma das suas edições. Afinal, historicamente o evento reúne atletas dos cinco continentes que obtenham os

³⁷ Tatuagens que demonstram a associação do Rio de Janeiro com os clubes de futebol e regatas.

melhores desempenhos mensuráveis, além de também poder ser compreendido não só pelo viés econômico, mas também como uma celebração entre as culturas e os povos de diversos países. Então para os atletas a participação neste evento já é algo muito importante, memorável, que causa orgulho, digno de se tornar uma tatuagem.

Em 2016 no Rio de Janeiro não foi diferente, acompanhando as competições pela televisão, eram perceptíveis as tatuagens, às vezes mais explícitas e às vezes mais discretas, que formavam o desenho dos cinco anéis olímpicos. Algumas porém, além dos cinco anéis eram feitas com as palavras “Rio 2016” ou a logomarca das olimpíadas do Rio, em seu design que referencia os morros do Pão de Açúcar. Neste sentido, é possível afirmar que, mesmo que indiretamente, estas também são mais algumas das possíveis representações de Rio de Janeiro que se tatua na pele. Em alguns casos as tatuagens também foram acompanhadas de imagens de famosos pontos turísticos da cidade, fazendo uma referência direta ao imaginário do Rio. Houve também casos de tatuagens feitas somente com os desenhos da tocha olímpica de 2016, que referenciava paisagens da cidade do Rio, como a tatuagem de cima, à esquerda na imagem abaixo.



38

Existem também as tatuagens do Rio que se diferem da maioria, que tentam representar a cidade de uma maneira diferente, destacando outros aspectos de seus imaginários, saindo do que se pode chamar de lugar-comum. Tatuagens que homenageiam a cidade, mas ressaltando outros locais, outras situações, que referenciam outros tipos de práticas e comportamentos dos cariocas. Algumas vezes até mesmo questionando este imaginário de cidade maravilhosa, tão difundido nacional e internacionalmente, como apontei no capítulo anterior. Estas pessoas buscam através dos desenhos em sua pele, lembrar que o Rio de Janeiro não se limita aos espaços mais difusos e conhecidos mundo a fora, mas que também proporciona locais tão interessantes quanto estes.

Estas pessoas desejam retratar outras experiências, vivências e locais que também fazem parte da história e dos imaginários que não alcançaram tanto espaço

³⁸ Tatuagens do Rio de Janeiro em referência às olimpíadas de 2016

fora da cidade do Rio. Retratando situações, práticas e espaços que talvez não sejam tão famosos para os turistas, mas que são marcantes para os habitantes do Rio de Janeiro, como o carnaval de rua, a favela, a vista do morro Dois Irmãos em Ipanema, a Igreja da Penha, Jardim Botânico, o funk e a Pedra da Gávea ou os mateiros³⁹, como é o caso de Rafael França, 32 anos, morador da Tijuca. Estes locais e símbolos estão repletos de histórias e momentos importantes na vida de muitos cariocas, muitas das vezes sendo mais recorrentes e significativos do que ícones que possuem mais fama, Cristo Redentor, Pão de Açúcar e Arcos da Lapa, por exemplo.

³⁹ Vendedores ambulantes das areias das praias cariocas que vendem um chá gelado feito da erva-mate e que pode ser misturado com suco de limão. A bebida é popular entre os cariocas desde a década de 1950 e no ano de 2012 teve seus vendedores ambulantes reconhecidos como patrimônio cultural imaterial da cidade pelo prefeito Eduardo Paes. Através do decreto nº 351 de 2 de março de 2012. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4368015/4108330/18DECRETO35179AtividadeVendedorAmbulanteMateLimonadaeBiscoitodePolvilho.pdf>>



40

Existem também tatuagens que não só tentam complexificar o paradigma de imaginário de Rio de Janeiro, ao representar a cidade de uma forma diferente das mais usuais, mas buscam questionar o imaginário positivado. Lembrando de questões também muito presentes no cotidiano dos cariocas e que são problemáticas para a dinâmica urbana da cidade ao prejudicar principalmente as classes que já são economicamente menos favorecidas. Retratando a violência, corrupção e contradição entre valores éticos, comuns no Rio de Janeiro, mais um

⁴⁰ Tatuagens que representam locais e ícones da cidade que não possuem destaque no imaginário oficial

entrevistado para esta pesquisa, Yuri Carvalhosa de 28 anos é morador do bairro de Irajá.



41

Yuri afirmou que ao escolher o desenho para formar a sua tatuagem do Rio de Janeiro pensou em mostrar a cidade de uma maneira como ele nunca havia visto, apontando não as tradicionais paisagens da cidade, como as praias, ou algum ponto turístico. E sim a pretensão de retratar um Rio de Janeiro que existe mas é apagado

⁴¹ Tatuagem de um dos entrevistados, Yuri Carvalhosa representa o seu amor pelo Rio de Janeiro em forma de crítica

das manifestações artísticas, das propagandas midiáticas e das campanhas de turismo, mas ainda sim um Rio de Janeiro que ele afirma viver, uma cidade que nem sempre é tão bela e sorridente, muitas vezes é caótica e não está de braços abertos.

Serão muitas as interpretações e representações da cultura e dos imaginários de Rio de Janeiro presentes nas tatuagens. Algumas o representando de maneira positivada, outras de maneira problematizada ou ainda o representando de maneira indireta. É interessante perceber como algumas pessoas que transitam pelo Rio, e especificamente pelo Rio, escolhem o ato de fazer uma tatuagem, para externar seus sentimentos pela cidade, independente de quais sentimentos sejam. A positivação do imaginário da cidade é tamanha que chega a ser capaz de exercer este tipo de influência nas pessoas, a ter peso em uma decisão tão importante quanto é a decisão por marcar o corpo com uma tatuagem.

O que não é de se duvidar é que o Rio de Janeiro é uma cidade tão conhecida, tão significativa e com o perdão do clichê, marcante, que chega a ficar marcada na pele das pessoas. Nascer, morar, viver, transitar ou visitar o Rio é algo muito importante para alguns, que tem a cidade como signo, símbolo, como imaginário e sensação de qualidade de vida, em forma de sucesso, por privilégio ou conquista. E algumas dessas pessoas esse sentimento é tão forte que chegam ao ponto de terem o desejo por tatuar o Rio na pele, pois independente de qual tamanho ou tipo de desenho, de qual seja a parte do corpo escolhida e qual tipo de sentimento se deseja comunicar, estas pessoas têm um anseio em comum, a vontade de ter o Rio de Janeiro em seu corpo, em sua pele, em uma externalização de uma parte importante de sua identidade, marcado de maneira visível, significativa e permanente.

Capítulo 3 - AS FALAS, AS MÚSICAS E A RELAÇÃO DOS TATUADOS COM O RIO DE JANEIRO

É importante estudar as falas das pessoas que estão diretamente envolvidas com o processo que se pesquise, qualquer que ele seja. Pois através destes discursos será possível a percepção do desenrolar e da aplicação prática de situações, corriqueiras ou incomuns, que já foram previstas pelo pesquisador. Porém existem também as questões difíceis de serem percebidas externamente, questões que afloram de maneira mais evidente somente para os que estejam diretamente envolvidos com o processo. Estas por sua vez serão consideradas inovadoras, e talvez sejam as que mais vão instigar e interessar ao pesquisador. Através da conversa informal a fala das pessoas consegue exprimir sentimentos que as afetam, as questionam e as constituem. Sentimentos que serão muito importantes e que serão externalizados de diversas maneiras, entre elas, na pele, através das tatuagens, e neste caso mais especificamente, das tatuagens de Rio de Janeiro.

É interessante que se considere para esta pesquisa a fala das pessoas que possuem as tatuagens do Rio, com o intuito de desvendar as pistas que nos levem a ter uma melhor compreensão a respeito da relação que estabelecem com a cultura e o imaginário de cidade. Percebendo e destacando as questões em que as opiniões dos entrevistados se assemelham entre si e com os discursos mais comuns de serem veiculados publicamente pela mídia. Passando também pelas opiniões, vontades e anseios pessoais, que se diferem das falas mais tradicionais e comuns de serem encontradas. Buscando especificidades nos discursos que possam ser interessantes de serem destacadas, e que nos ajudem a ter um esclarecimento e uma melhor compreensão a respeito das questões norteadoras desta pesquisa.

Começarei esmiuçando as questões presentes nos relatos dos entrevistados que consonam entre si, que de alguma forma concordam e que estão dentro das hipóteses por mim estabelecidas. Comportamentos e opiniões que expõem uma intensa relação afetiva com o Rio de Janeiro, por exemplo, que pode ser caracterizada como positivada em certos sentidos, apesar de não ser alienada. Os

discursos de exaltação das características que a cidade possui e que são largamente conhecidas e consideradas como qualidades, também foi muitas vezes reproduzido pelos entrevistados. Entretanto é perceptível que tais discursos não são totalizantes, não dão conta de exprimir por completo as opiniões dos tatuados sobre a cidade. Estas falas na verdade representam somente uma fração da complexidade e profundidade das opiniões, percepções e relações que os entrevistados desenvolvem com a cidade, na atualidade e retornando até suas infâncias.

Posteriormente farei a divisão dos relatos de cada um dos entrevistados, buscando comunicar, refletir e desenvolver a respeito dos pontos presentes em seus discursos que contrastam dos demais. Que se diferenciam e assim se destacam das falas que são mais comuns de serem encontradas quando se dialoga sobre o imaginário do Rio de Janeiro, serão os discursos e situações que foram descritas anteriormente como diferenciadas. Com o intuito de perceber através do discurso dos tatuados quais são as narrativas de cidade que chegam a ser tão significativas que ficam marcadas, inscritas de forma permanente na pele.

Também farei uma associação da minha interpretação sobre os perfis de cada um dos entrevistados, considerando suas falas e suas tatuagens, tentando construir uma associação com alguma música que fale do Rio de Janeiro. Associando as falas com músicas que retratam diferentes interpretações e imaginários de cidade. Penso que é interessante a associação do sentimento que os entrevistados apresentam pela cidade, com a escolha de uma determinada expressão artística, que é a tatuagem. Mas além desta, faço a sugestão de referência a um outro tipo de arte, a música.

Os entrevistados são Renata Meiga, 27 anos moradora do bairro Engenhoca em Niterói, possui uma tatuagem do Cristo Redentor no antebraço; Pillar Sá Freire, 25 anos, moradora do Méier, possui uma tatuagem de uma favela com o Cristo Redentor ao topo, na perna; Rafael de França, 32 anos, morador da Tijuca, tem uma tatuagem de um vendedor de mate na praia, em sua perna; Yuri Carvalhosa 28 anos, morador do bairro de Irajá, possui uma tatuagem com vários ícones do Rio de Janeiro mas que são apresentados de uma maneira diferente, com o intuito de questionar a positivação que se tem do imaginário da cidade, a tatuagem foi feita ao longo de todo seu braço.

3.1 - INTERPRETAÇÕES COMUNS SOBRE O IMAGINÁRIO DO RIO DE JANEIRO

No questionário por mim aplicado organizei as questões em quatro grupos, Identificação do Entrevistado; Sua Relação com a Cidade; Tatuagens; Imaginário da Cidade, foram vinte questões ao todo, sendo cinco questões em cada grupo. As perguntas visavam indagar os tatuados a respeito das suas visões sobre o imaginário do Rio de Janeiro, assim como da sua vivência cotidiana na cidade, e também a respeito das suas tatuagens. Dentre as respostas encontrei muitas diferenças de opinião entre cada um dos quatro questionados, mas também encontrei algumas semelhanças no que se refere à relação que possuem com os espaços, história, momentos e imaginários da cidade. Neste subcapítulo escreverei justamente sobre a minha percepção a respeito do que considere como semelhanças em seus discursos. Ora em paridade entre si, ora estando próximos dos discursos que permeiam o imaginário positivado do Rio de Janeiro.

Foi comum ao discurso dos quatro entrevistados a exposição de uma relação intensa com o cotidiano, a cultura e o imaginário da cidade. Todos afirmam que a decisão por fazer uma tatuagem do Rio de Janeiro veio como consequência de uma forte relação afetiva com alguns locais e momentos vividos na cidade, as praias, as belezas naturais, os pontos turísticos, os dias ensolarados e o verão. Também apareceram nas falas considerações a respeito das práticas e ações costumeiramente desempenhadas pelos moradores da cidade, descritas pelo entrevistados como algo próximo de “o jeito carioca”. Destacando a maneira com que as pessoas na cidade conseguem, com certas restrições, transitar em diversos ambientes, com o exemplo da praia como lugar onde acontece certa convivência com a diversidade.

As areias das praias do Rio aparecem no discurso dos entrevistados como um espaço propício para relações e convivência entre pessoas aparentemente distintas. É na praia que vendedores ambulantes conseguem conviver de maneira harmônica com pessoas de classe social mais abastada, que não trabalham ou possuem empregos em grandes empresas, por exemplo. Neste espaço as diferenças sociais ficam um pouco mais frouxas, o que facilita a interação entre indivíduos socialmente diferentes, é comum perceber pessoas que não se

conhecem participando da mesma roda de altinha⁴², por exemplo. De maneira que na mesma brincadeira compartilhem do mesmo objeto, a bola, assim como do mesmo objetivo, não deixá-la tocar o chão, pessoas que nunca se viram em momento anterior, sendo assim, não se tem conhecimento a respeito do outro ao qual se está relacionando. Entretanto isto não parece ser um problema para os cariocas que se divertem ao jogarem a altinha em seus momentos de lazer.

Entretanto podemos perceber que há disputa pelo espaço praia, de uma maneira geral, e também por espaços específicos das praias, de forma que a democratização destes ambientes está mais no campo das aparências. Em medidas tomadas pela prefeitura do Rio de Janeiro no ano de 2016, anteriormente à realização das Olimpíadas, houve o que se convencionou chamar de redistribuição das linhas de ônibus da cidade. O pretexto para a medida foi afirmar que haviam muitas linhas de ônibus no Rio de Janeiro, e que muitas delas realizavam trajetos semelhantes, em um raciocínio onde reduzir o número de linhas de ônibus, eliminando as menos utilizadas e reforçando as mais usadas, haveria uma melhora significativa para o trânsito na cidade.

Porém o que se percebeu com essa medida foi um aumento na dificuldade de deslocamento das pessoas que habitam as regiões mais pobres da cidade, a zona oeste e a zona norte, para a parte elitizada do Rio, a zona sul. A mudança nos trajetos e a eliminação de algumas linhas de ônibus que faziam a ligação direta entre as zonas norte e oeste à zona sul, foi motivo de muitos questionamentos por parte dos cariocas. O que houve foi um aumento na necessidade do número de baldeações que as pessoas precisam realizar cotidianamente para se deslocar de casa até o trabalho, e também nos momentos de lazer como em uma visita à praia. A medida aumenta o tempo e encarece o deslocamento entre as regiões do perímetro urbano, assim dificultando o acesso das pessoas das classes menos

⁴² Altinha é um jogo praticado à beira-mar que costuma reunir pessoas de todos os gêneros, adultos e crianças. Forma-se um círculo entre os participantes, que tem como objetivo comum manter a bola, no alto, se utilizando de toques com quaisquer partes do corpo, exceto mãos e braços. O jogo é comumente praticado nas areias das praias cariocas, a brincadeira já protagonizou questões polêmicas na cidade com a alegação de que a bola poderia machucar transeuntes, principalmente idosos e crianças. Sua prática chegou a ser proibida pela prefeitura, que logo voltou atrás e em vez de proibir sua prática a limitou ao espaço da praia longe da água, sendo liberada a sua prática à beira da praia após às 17 horas. Para mais informações: <<http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/apos-dia-de-confusao-banhistas-voltam-a-jogar-altinho-em-ipanema-20121010.html>>

favorecidas à zona sul. O que demonstra uma vontade em elitizar o público que frequenta os bairros da parte nobre do Rio de Janeiro, através do embranquecimento e higienização dos espaços.

Há também uma espécie de divisão nas faixas de areia das praias, de maneira que em certas partes é majoritária a presença de tipos específicos de público, como é tratado no documentário *Faixa de Areia* (2007). Existe a percepção de que certos pontos das areias vão condizer com públicos consequentes de condições vindas da parte urbana dos bairros, ou mesmo das condições naturais da própria praia. Na região do Arpoador, por exemplo, é comum a presença de surfistas à procura de ondas que costumeiramente acontecem na região. Já na parte próxima à rua Farm de Amoedo, em Ipanema, é comum a presença do público homossexual, devido aos bares da rua, que servem de ponto de encontro e lazer para o público gay.

É perceptível uma diferença também nas regiões próximas aos pontos finais das linhas de ônibus vindos da zona norte e oeste, como o 455, em Copacabana, o 701 na Barra e antes das mudanças, o 457 e 474, em Ipanema. Nas áreas próximas aos pontos finais das linhas destes ônibus era perceptível a realização de práticas, costumes, ações e vestimenta mais comuns entre as pessoas de classes sociais subalternas, assim como uma presença maior de pessoas de pele negra. Por estes motivos podemos afirmar que o espaço da praia, apesar de gratuito e por isso compreendido como democrático, também é ambiente de disputas sociais.

Foi comum ao discurso dos entrevistados o reconhecimento da importância e da beleza dos espaços mais famosos no imaginário do Rio de Janeiro. É unânime a percepção dos ícones do imaginário do Rio de Janeiro como muito belos e interessantes, espaços que chegam a ser capazes de emocionar pessoas que o observem. O Pão de Açúcar e o Cristo Redentor, assim como nas tatuagens sobre a cidade, são os ícones que mais aparecem como referências a tal tipo de sentimento. Alguns outros locais também foram lembrados, como a Praia Vermelha, a Lapa, o morro Dois Irmãos, a praia de Botafogo e o Mirante do Pasmado também em Botafogo, local onde inclusive foi realizada a entrevista com a niteroiense Renata Meiga.

Foi perceptível a tentativa de problematização da exaltação destes espaços

e sua transformação em ícones e pontos turísticos. Existe o reconhecimento de que estes espaços são ínfimos se comparados à extensão geográfica e diversidade cultural do Rio de Janeiro. De forma que torná-los símbolos que representam a cidade, também traz o contraponto de apagamento de diversos outros espaços que poderiam figurar entre as representações mais famosas da cidade. Da mesma forma se reconhece que não é à toa que esse processo se desenvolve, existe aí um recorte intencional do sentido de exaltar somente as partes nobres da cidade.

Na compreensão dos entrevistados transformar em ícones os espaços localizados nos territórios da zona norte ou zona oeste da cidade, por exemplo, seria algo muito mais difícil, e que provavelmente não obteria tamanho sucesso. Entre os depoentes há o reconhecimento de que os ícones do imaginário e da cultura da cidade são sim válidos e importantes, pois mesmo que se reconheça que eles atingem fama por serem resultado de um processo hegemônico, eles ainda sim fazem parte da cidade, são locais e paisagens que existem e que tem seu acesso, até certo ponto, possível para as pessoas que habitam ou visitam a cidade. Portanto eles deveriam sim figurar no imaginário do Rio, pois existem e são viáveis, são “de verdade”. No sentido de que não são algo criado pelo imaginário, mesmo que seja do interesse dos favorecidos pelas relações de poder que se estabelecem, tais locais apesar de exaltados e positivados, não foram inventados.

O que interpreto das opiniões expostas pelos entrevistados é que este imaginário do Rio de Janeiro apesar de hegemônico e positivado, não pode ser apontado como exacerbado ou descolado da verdade. No sentido de que tais práticas e locais tão exaltados interna e externamente, podem ser percebidos e vivenciados pelos moradores da cidade e também pelos turistas que assim o desejarem. Apesar deste imaginário ser em diversos aspectos elitista, lembro que o imaginário mercantilizado de várias cidade, talvez da maioria delas, também é hegemônico e elitista. Este tipo de relação que se estabelece está longe de ser uma exclusividade do Rio de Janeiro, na verdade é uma característica perceptível ao sistema capitalista em diversas esferas, não só nas que se referem aos imaginários e *marketings* de cidades.

Associo esta situação à disputa que existe por colocar o Rio de Janeiro em um patamar de cidade maravilhosa, ou não. Os contrários a este tipo de

reconhecimento afirmam que uma cidade com tantas desigualdades sociais, injustiças, violência e problemas estruturais não poderia de forma alguma ser considerada como maravilhosa. Apontando que ao se afirmar que a cidade é maravilhosa, acentua-se o apagamento destes problemas sociais. Entretanto, percebo que este apagamento de aspectos indesejáveis de figurarem nas representações, memórias e imaginário de um local, seja ele uma cidade, um estado ou um país, são muito comuns de acontecerem. Assim como os problemas de estrutura urbana percebidos no Rio de Janeiro, que vão aparecer também em diversas grandes cidades do mundo, principalmente na América do Sul.

Se formos analisar problemas decorrentes de falhas em sistemas políticos, culturais e econômicos, perceberemos que em muitas cidades, haverá situações de exploração e desigualdade social, semelhantes ao que se percebe no Rio de Janeiro. Se as desigualdades não forem internas à própria cidade, como acontece no Rio, entre as zonas nobres e subalternas, acontecerão em relação a uma cidade vizinha ou próxima. A situação de exploração que decorre em desigualdades sociais é um problema que tem um viés mais associado ao capitalismo, do que à realidade do Rio de Janeiro. Por esta lógica fica então difícil apontar uma cidade, qualquer que seja, como maravilhosa.

Desta maneira argumento que apesar da referência ao Rio como uma cidade maravilhosa, estar falando somente da parte nobre da cidade e apagando-se as partes habitadas pelas classes menos favorecidas. Esta seleção do que é veiculado, acontece nos mais diversos territórios em todo mundo, não é uma situação específica do Rio de Janeiro. Então ao questionar ou problematizar o imaginário positivado do Rio, é preciso questionar e se indagar também em uma análise mais profunda, sobre o que são os imaginários veiculados das mais diversas grandes cidades do mundo, não só do Rio de Janeiro.

Pude perceber uma concordância também na reação e na fala dos entrevistados quanto à possibilidade de mudar de residência, saindo do Rio para ir morar em outra cidade ou em outro país. Quando hipoteticamente sujeitos a este tipo de situação, os quatro entrevistados se mostraram relutantes quanto a deixar de viver no Rio de Janeiro. Apesar do reconhecimento dos graves problemas sociais e políticos que assolam a cidade, o estado e o país, não pude perceber nenhum tipo

de vontade ou expectativa de deixar de viver no Rio de Janeiro. Pelo contrário, nas falas fica perceptível a disposição em se esforçar para se manter na cidade, sendo viável uma mudança somente em uma situação que fosse financeiramente muito favorável.

Considero então que a positividade do imaginário e da vida na cidade do Rio é tão grande que exerce influência nas pessoas de uma maneira geral, e talvez ainda mais nos tatuados, que se mostram relutantes em abandonar a cidade em que vivem, e em seu discurso defendem os ditos encantos desta cidade. Chegando ao ponto de tornar problemática, dificultosa a sugestão de deixar de morar no Rio e viver em outra cidade, considerando que seria difícil a adaptação a um espaço novo, com novas temáticas, tendências, significados e códigos. O imaginário do Rio se mostra de maneira tão bem estabelecida que dentro do país por muitas vezes tem efeito de “verdade” ou de “real”. As práticas, costumes, festas, músicas e danças melhor estabelecidas aqui em certos sentidos ganham uma espécie de “selo” de aprovação. Como se no Rio de Janeiro se soubesse a melhor forma de aproveitar o tempo de lazer, em um sentido que transforma em saber a melhor forma de aproveitar a vida.

A temporalidade em que as tatuagens foram realizadas também coincide, confirmando uma das hipóteses apresentadas anteriormente. Todos entrevistados, assim como pessoas que possuem tatuagem do Rio de Janeiro das quais só pude ter contato mais breve, relataram que as tatuagens foram feitas em um passado recente, há menos de dez anos, com exceção de Rafael de França, que fez a sua há doze. O que reforça a hipótese de que este comportamento de tatuar o Rio de Janeiro é algo novo, que possivelmente está ligado a uma recente retomada da “autoestima carioca”, associada a investidas do poder público e aos grandes eventos realizados na cidade, como foi falado anteriormente, que por consequência reafirmam a força do imaginário do Rio.

Entre as perguntas da entrevista havia uma questão que indagava aos participantes o porquê de não terem escolhido como forma de representação do Rio de Janeiro um acessório, uma roupa ou então uma foto de capa no *facebook*. E a resposta para tal questão foi unânime, os entrevistados foram incisivos em afirmar que tal atitude não seria o suficiente, não seria capaz de exprimir a profundidade do

sentimento que possuem pela cidade. Pois qualquer uma destas demonstrações não seria perene, estaria sujeita ao envelhecimento ou algum tipo de mudança, além de serem “comuns”, no sentido de poderem ser reproduzidas por qualquer pessoa e não uma pessoa que necessariamente “ama” o Rio de Janeiro.

É nesta perspectiva que para os entrevistados, e acredito que para grande maioria das pessoas que tatuam o Rio de Janeiro, onde me incluo, acontece a escolha pela tatuagem como demonstração visível, dolorosa e permanente de uma relação afetiva pela cidade. O sentimento de orgulho é tamanho, que precisa ser estampado, firmado, gravado na pele, de maneira que sempre esteja com a pessoa, independente do lugar que vá ou da situação que presencie. Para estes ouvir uma música, vestir uma camisa ou fazer uma declaração de amor por escrito em uma rede social não seria suficiente, na afirmação de um amor tão importante e tão intenso por um local, por um povo, por um “espírito carioca” ou pelo Rio como um todo, incluindo suas práticas, festas, costumes e histórias, se faz necessária a tatuagem.

3.2 - COMPREENDENDO A RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS COM O RIO DE JANEIRO

3.2.1 - Renata Meiga

Começarei a esmiuçar as falas dos participantes da pesquisa através da entrevista⁴³ concedida por Renata Meiga que tem 27 anos, me concedeu a entrevista no Mirante do Pasmado, localizado no bairro de Botafogo, em um dia quente e repleto de sol. A escolha do local foi uma sugestão minha após Renata apontar Botafogo como seu bairro preferido da cidade, pensando em um lugar que fosse calmo o suficiente para a realização da entrevista e que pudesse nos render uma boa foto, logo lembrei do pouco conhecido mirante do Morro do Pasmado. Renata é moradora do bairro Engenhoca em Niterói, onde viveu toda sua vida, mas mesmo não tendo morando do Rio se diz “muito muito carioca”. Trabalha como assistente administrativa em um cartório no centro da cidade do Rio e cursa bacharelado em direito pela Universidade Estácio de Sá. Fiz a escolha de Renata para o iniciar a dinâmica de entrevistas por já ser seu amigo há alguns anos, acreditando que seria melhor começar pela entrevista em que teoricamente seria mais fácil me colocar na posição de entrevistador. Estive correto em minha suspeita, a entrevista foi produtiva.

⁴³ A entrevista foi concebida no dia 28 de maio de 2016



44

Também escolhi esta entrevista para começar este subcapítulo por interpretar que suas respostas demonstram uma proximidade com um perfil que está em concordância com o que chamo de *imaginário positivado da cidade*. Digo isso por perceber nas respostas de Renata uma grande admiração pelos locais mais famosos da cidade, o Pão de Açúcar, Cristo Redentor, as praias de Copacabana, Ipanema e Botafogo, localizadas na zona sul. Assim como uma reafirmação das práticas que ficaram conhecidas através da veiculação deste imaginário, como o samba, as praias, o carnaval, o futebol, a beleza e o “jeito carioca”. Renata concorda com a valorização destes ícones, em uma compreensão onde estas coisas são “belas” e por isso devem ser lembradas e se possível vendidas.

Diz também compreender que o imaginário positivado da cidade tenha seu foco nestes aspectos, ainda que apagando uma série de outros fatores também perceptíveis, em maior ou menor escala, no Rio de Janeiro. Afinal, segundo Renata, “é este tipo de paisagem que é bonita, e que chama atenção, é neste tipo de lugar

⁴⁴ Fotografia feita por mim em 28 de maio de 2016, dia da realização da entrevista no Mirante do Pasmado.

que as pessoas desejam ir”. Afirma que não seria bem sucedida a tentativa de exposição de espaços localizados nas zonas norte e oeste da cidade, o diz com certo pesar em sua fala, mas tenta compreender que o contexto do mercado de cidades funciona desta maneira.

A entrevistada também afirma que apesar de haver sim certa segregação territorial na cidade, estes locais ainda são acessíveis para a maior parte das pessoas que o desejarem. Reconhece as dificuldades das questões financeiras, do transporte público e do deslocamento pelo perímetro urbano, porém lembra que apesar das dificuldades é possível visitar tais lugares. Destacando que “as pessoas não devem desanimar por estes contratempos pequenos, quem realmente tem vontade de visitar ou frequentar estes lugares consegue, por mais que precise de um esforço”.

Utiliza seu caso pessoal como exemplo, que mesmo morando em outra cidade, onde o deslocamento até o Rio é dificultoso, não se deixa desanimar. Costuma vir cedo para o Rio, às seis da manhã, para realizar suas atividades físicas, algumas em locais fechados e outras ao ar livre, como corridas pelo aterro do Flamengo, na Praia de Botafogo ou na Praça Mauá, “eu acordo muito cedo pra vir pra cá, pra malhar e correr, às vezes corro no Aterro, às vezes corro na Mauá. É lindo, de manhã é lindo, dá pra ver o sol nascendo”. Renata utiliza a prática destas atividades ao ar livre como uma reafirmação do imaginário da cidade, destacando estes locais como agradáveis, belos e com uma ótima energia. Diz que são excelentes para quem deseja praticar uma atividade física pela manhã, destacando a beleza do nascer do sol e sua admiração pelas paisagens ali disponíveis. Lembra também que tais programas podem ser feitos gratuitamente, “sem muitos empecilhos ou burocracias”, salientando que o mais custoso para tal é a disposição que as pessoas que desejarem a prática destas atividades devem ter. “Dá pra ir sabe, não é lá a coisa mais fácil do mundo, mas dá pra ir. Tem que acordar cedo, pegar ônibus cheio, mas vale a pena, se quiser realmente ir, vale a pena”.

A entrevistada desconsidera que para algumas pessoas, de classes mais abastadas, o acesso a tais locais é facilitado, não só devido à menor distância em relação aos bairros nobres da cidade, mas também pela maior facilidade em relação ao transporte, público ou privado. Para uma pessoa que more na zona sul, por

exemplo, basta pegar um ônibus ou metrô, se deslocar por algumas estações, aguardar menos de trinta minutos e chegar a tais locais. É possível também se utilizar do transporte privado, carro próprio, táxi ou Uber, que em alguns minutos e pagando um valor mais acessível na tarifa, é possível chegar a tais lugares. Enquanto para as pessoas que moram em locais mais afastados, que em sua maioria são de classes menos abastadas, é necessário todo um planejamento e um esforço para chegar a tais lugares. Sendo necessário ficar horas em um ônibus ou metrô cheios, ou então percorrer uma longa distância se utilizando de carro privado, taxi ou Uber, de maneira que a tarifa a ser paga pelo combustível ou pela corrida é muito maior.

Ao ser perguntada sobre outras cidades do Brasil que teve a oportunidade de conhecer, Renata afirmou que não foram muitas, somente algumas do nordeste e outras do interior de Minas Gerais e de São Paulo. Descrevendo sua estada nestes locais, a entrevistada destacou a forma com que muitas vezes os cariocas são percebidos em espaços fora da cidade do Rio “em qualquer lugar do país os cariocas se destacam, o sotaque, o jeito confiante de falar, gesticular, a segurança nas atitudes, a forma de se vestir, e a ‘marra’ da galera do Rio, faz a gente inconfundíveis ao visitar outros locais do país. Eu adoro ser reconhecida como carioca”. Estando fora do Rio de Janeiro parece que fica ainda mais fácil para Renata se perceber como nascida e criada na cidade do Rio de Janeiro, mesmo sendo fluminense, a entrevistada não hesita em se dizer carioca para quem quer que seja.

A vontade de Renata por tatuar a cidade veio em um momento em que segundo ela, estava “amando muito o Rio”. Junto a esse amor havia a vontade de fazer mais uma *tattoo*, a sétima de seu conjunto, e a convergência de ambos resultou em sua tatuagem do Cristo Redentor. O desenho foi elaborado pelo próprio tatuador, utilizando como base uma imagem que ela tinha visto na internet. Renata diz que escolheu o Cristo para sua tatuagem por achar o seu formato e a sua imagem bonitos e por acreditar representar bem a cidade de uma maneira geral, “acho que ele representa bem o que é a cidade como um todo”. O que pela minha interpretação sobre as palavras de Renata significa uma representação satisfatória do imaginário do Rio de Janeiro. A tatuagem foi feita em 2014 e parece que o

sentimento de amor que a tomava quando decidiu por tatuar o Rio, em nada se modificou “não mudou nada, ‘nadinha’”.

Me chamou atenção na fala da entrevistada a resposta à pergunta a respeito do marketing de cidade realizado pelo poder público e pela indústria do turismo no Rio de Janeiro. Quando indagada a esse respeito, Renata respondeu que concorda sim com o marketing feito em torno da cidade, “Talvez a mídia romantize um pouco as coisas, e faça parecer melhor do que é, mas não inventa nada, tudo que eles mostram está de verdade aí”. E vai além, argumentando que o marketing em torno de locais da cidade, por ela considerados muito bonitos, não é feito de maneira satisfatória. Lembra que existem muitos outros lugares legais no Rio e que poucas pessoas os conhecem.

Mais uma vez se focando nas partes nobres da cidade, fala do Parque Lage, do próprio Mirante do Pasmado, da praia da Barra e da Praia da Reserva, no Recreio “Aqui mesmo é um lugar incrível, que eu não conhecia. Ainda tem as coisas lá...na Barra...a Reserva, no Recreio e o Parque Lage ainda, que também é muito lindo”. Renata afirma então que a cidade possui sim muitas paisagens e belezas naturais, e que as campanhas publicitárias não dão conta de explorar todos estes espaços. Que muitas vezes nem mesmo os próprios cariocas conhecem muitos destes espaços.

Houve também a percepção da entrevistada de que algumas indivíduos são de alguma maneira imunes a este tipo de marketing. Que por mais que se faça propaganda e se tente vender como agradável a experiência de visitar ou frequentar estes lugares, muitas pessoas mesmo assim não se interessarão. Atenta ao fato de que é curioso que muitos que vivem na cidade do Rio não demonstram interesse por estes locais, enquanto quem vem de outras cidades, outros estados e até outros países possuem forte desejo por conhecê-los. Sendo capazes de realizar longas viagens para atender seus desejos de conhecer a Lapa, Copacabana ou o Cristo Redentor, por exemplo, “tem gente que não adianta também... que não liga, que mora do lado do Cristo mas nunca foi, que mora a duas quadras da praia mas não gosta, sabe...tem gente que não importa a propaganda que você faça. Se não gosta, não gosta”.

Também é interessante perceber que o depoimento de Renata em nenhum momento demonstra algum tipo de receio ou timidez pelo fato de nunca ter morado de fato na cidade do Rio. Mesmo sendo habitante do município vizinho Renata se sente “carioca da gema”, possivelmente por sempre estar muito envolvida com o cotidiano da cidade. O que me remete ao dito “espírito carioca” que já era clamado por algumas pessoas e que chegou ao ponto de ter seu reconhecimento institucionalizado através do poder público, pelo do então prefeito Eduardo Paes. Que através de um decreto reconheceu a cariocidade como bem imaterial da cidade do Rio de Janeiro, como já foi dito anteriormente, ressaltando que qualquer pessoa pode se sentir carioca desde que apresente uma identificação com a cidade, independentemente de nela habitar ou não.

Através dos imaginário mais veiculados na mídia Renata pôde perceber durante sua infância, a grandiosidade e relevância do Rio de Janeiro, sempre o assistindo pela tv em programas e novelas que se passam na cidade, nas notícias dos jornais, ouvindo no rádio, acompanhando as fotografias e ouvindo as músicas que tem a cidade como tema. Somente na adolescência foi possível uma relação mais direta com os espaços e paisagens da cidade, e foi neste período que, segundo Renata, houve o encantamento pelo Rio ,que nunca mais se apagou. Pelo contrário, somente foi crescendo, se reforçando, se expandindo e sendo reafirmado, até chegar ao ponto de se tornar uma tatuagem.

A música que escolhi para Renata foi o Samba do Avião de Tom Jobim, pois em sua fala a entrevistada descreve um Rio de Janeiro próximo do que chamei de imaginário positivado. Visto de maneira otimista, exaltando suas paisagens, belezas naturais e o “espírito carioca”.

*Minha alma canta,
Vejo o Rio de Janeiro,
Estou morrendo de saudade.
Rio, teu mar, praias sem fim,
Rio, você foi feito pra mim.
Cristo Redentor, Braços abertos sobre a Guanabara.
Este samba é só porque, Rio, eu gosto de você,
A morena vai sambar, Seu corpo todo balançar.
Rio de sol, de céu, de mar,
Dentro de mais um minuto estaremos no Galeão*

*Este samba é só porque,
Rio, eu gosto de você,
A morena vai sambar,
Seu corpo todo balançar.
Aperte o cinto, vamos chegar,
Água brilhando, olha a pista chegando,
E vamos nós.
aterrar*

3.2.1 - Pillar de Sá Freire

A próxima entrevista que abordarei será a de Pillar de Sá Freire, 25 anos⁴⁵ com sua tatuagem na perna que representa não uma favela em específico, mas sim o lugar favela. Pillar possui além da tatuagem do Rio de Janeiro, outras trinta espalhadas pelo corpo. Obtive seu contato através da rede social *Instagram*, onde os usuários podem postar fotos e categorizá-las através das *hashtags*, que se utilizam do símbolo “#”. Em uma busca por *hashtags* que utilizassem referências a tatuagens do Rio de Janeiro, encontrei uma foto da Pillar. Entrei em contato pela própria rede social explicando a idéia da pesquisa e logo ela aceitou ser entrevistada e fotografada. O local escolhido para a entrevista foi o Parque da Ruínas em Santa Teresa, bairro onde Pillar morou por alguns anos e que por esta razão guarda boas lembranças e um carinho especial.

⁴⁵ Entrevista realizada em 1 de novembro de 2016



46

Pillar é moradora do Meier, bairro da zona norte da cidade e trabalha como *personal stylist*, se diferencia dos demais entrevistados por ter feito uma tatuagem do Rio de maneira indireta. A entrevistada relata que “a prioridade era tatuar a favela”, e de maneira secundária o Rio de Janeiro, como a cidade que proporciona o ambiente e o contexto sócio-histórico que cria esta favela, romantizada na visão de Pillar. Cria também seus habitantes, suas práticas, gírias e comportamentos, por ela considerados “simples”, e apontados como as principais razões de seu encantamento, por isso figurando em seu discurso, sua camisa e em sua pele.

Apesar da intenção de sua tatuagem não ter sido referenciar diretamente o Rio de Janeiro, Pillar colocou o Cristo Redentor no topo de sua favela como uma homenagem à cidade. Ela se diz “muito apaixonada não só pelas favelas, mas pela cidade como um todo”, destacando suas belezas naturais, paisagens e construções. Há também uma forte ligação com o samba, estilo musical preferido de Pillar, alega “costumo frequentar rodas de samba toda semana, me sinto muito à vontade”. É também nestes espaços onde pode beber cerveja e se divertir até a madrugada, como afirma fazer com frequência, destacando sua relação próxima e admiração

⁴⁶ Foto feita por mim em 1 de novembro de 2016, dia da realização da entrevista no Parque das Ruínas

com a boemia carioca. Diz que nestes locais costuma ser sempre “tratada com respeito à medida que se saiba respeitar o espaço e as diferenças com as outras pessoas”.

Ressalta também a vestimenta das pessoas que transitam pela cidade, por ela considerada simples, despojada, mas ao mesmo tempo arrumada. Pillar trabalha com a indústria da moda. Assim, afirma possuir certo conhecimento a respeito da relação entre as roupas que as pessoas utilizam e seus perfis, gostos e práticas cotidianas, estas que estão diretamente atreladas à rotina da cidade. “Gosto das tendências de moda dos moradores do Rio. É uma tendência que condiz com a cidade e também tem a ver com meu gosto pessoal”. Destaca que no Rio é muito comum que se adapte a moda para o cotidiano da cidade, de maneira a utilizar tecidos mais leves, roupas com mais cortes e mais curtas. Afirma “me sinto muito à vontade andando por diversos lugares da cidade usando só uma blusa, um short e um tênis”.

Ao falar de um período que viajou para São Paulo a trabalho, destaca a diferença com que as pessoas se vestem “aqui e lá”. Falando sobre a maneira com que se vestem os vendedores de uma renomada marca de roupas brasileira, também conhecida internacionalmente, a Ellus. Pillar apontou as diferenças na vestimenta de acordo com o contexto, a paisagem e o cotidiano diferente das duas grandes cidades “os vendedores da Ellus por exemplo, o pessoal de São Paulo só usa preto, couro, umas coisas cinza. Enquanto o pessoal do Rio é diferente, é mais leve, mistura mais, usa mais cor”. Continua, dizendo “Eu acho que isso tem a ver com a cidade sabe, o que eles vêm em São Paulo? Tudo cinza, só prédio. Aqui é diferente né, aqui tem mais sol, praia. Essas coisas assim acabam também influenciando as roupas que as pessoas escolhem.”

Em sua fala a segunda entrevistada reafirma por diversos momentos a sua relação mais íntima e afetiva com a zona norte da cidade, “Acho a zona norte mais acolhedora, né?”. Encontrando certos estranhamentos aos comportamento do que ela chama de “pessoas da zona sul”. Afirma que os moradores da zona norte tendem a ser mais simples, diretos e sinceros, o que segundo ela, se encaixa no tipo de pessoa que gosta de ser. Enquanto os moradores da zona sul demonstram uma preocupação maior com o *status* e com as aparências, o que na opinião de Pillar é

estranho e não condiz com o tipo de pessoa que ela costuma admirar. A entrevistada também deixa claro que esta visão não pode ser generalizada, “porque se o pessoal da zona sul ouvir isso, e achar que estou falando de todos, vai me matar” e que não são todas pessoas na zona sul que condizem com este perfil, mas ainda sim reafirma um estereótipo. No sentido de que o samba na zona sul seria algum tipo de moda, e que seria genuíno o samba produzido somente no centro e na zona norte da cidade.

Pillar retoma sua argumentação sobre as diferenças entre os moradores da zona norte e da zona sul da cidade ao falar do samba. Dizendo que frequenta rodas de samba no Beco do Rato⁴⁷ e que em alguns dias ficam marcadas as características do público da zona sul. Suspeita que esteja ocorrendo algum tipo de modismo recente em relação ao ritmo musical samba em tal região da cidade, “eu não sei o que está acontecendo, mas parece que o samba virou alguma moda na zona sul sabe, está meio estranho” que por consequência acarreta um aumento na frequência destas pessoas nas rodas de samba realizadas no entorno do centro.

A entrevistada ressalta o comportamento dos cariocas para com estrangeiros de uma maneira geral, afirmando que no dia-dia dos habitantes em seus momentos de trabalho ou no transporte público não costumam ser muito amáveis, mas que a situação muda ao se relacionar com algum turista “a gente não é lá muito paciente quando está no trânsito, mas no geral é diferente. O pessoal trata bem né, tanto que os turistas gostam, voltam”. Diz perceber os moradores do Rio como receptivos e dispostos a ajudar e receber bem os turistas que vêm para visitar a cidade. Acredita que este tipo de comportamento ajuda a tornar as experiências dos visitantes na cidade como mais agradáveis e marcantes, de maneira que ficam na memória como boas lembranças capazes de criar uma vontade de retorno à cidade.

Em situação semelhante à de Renata, que fez uma tatuagem do Rio de Janeiro sem nunca de fato ter morado na cidade, Pillar também fez uma tatuagem de favela sem nunca de fato ter vivido no local. Todavia isto não representa para ela nenhum tipo de receio ou impedimento para a identificação com o local e principalmente com as pessoas que lá habitam. Fala do espaço com certo

⁴⁷ Espaço dentro do bairro da Lapa, onde acontecem diversas rodas de samba

conhecimento, por ter vivido experiências que se passaram lá e ainda ter o costume de fazer visitas sempre que possível “não, nunca morei em favela. Mas adoro lá, adoro as pessoas, todas com um coração de gigante”. Assim como faz em relação à zona sul e à zona norte, Pillar faz uma relação direta entre o território e o modo das pessoas agirem nele. Reforçando estereótipos e imaginários que permeiam os perfis e comportamentos das pessoas que habitam estes espaços. Lembra que existem sim muitos problemas sociais evidentes nas favelas e que sabe das dificuldades que as pessoas de lá enfrentam para sobreviver. Entretanto afirma que isto não é motivo para desanimar estas pessoas e nem para torná-las menos esperançosas com a vida, o que Pillar acha fascinante e tenta aplicar este mesmo tipo de comportamento para a sua vida.

A escolha da música que representaria Pillar, sua tatuagem e a relação que ela desenvolve com a cidade foi fácil. No caso dela, existe uma associação direta entre a música e a tatuagem, apontada pela própria entrevistada. Pillar diz que foi ouvindo a música Favela, composta por Arlindo Cruz que teve a vontade de fazer uma tatuagem de uma favela. Vontade que não passou até ser colocada em prática, a entrevistada afirma que pretende expandir a tatuagem, ainda representando favelas e o Rio de Janeiro, possivelmente acrescentando também os arcos da Lapa.

*Entendo esse mundo complexo
Favela é a minha raiz
Sem rumo, sem tino, sem nexo
E ainda tô feliz.
Nem toda maldade humana
Está em quem porta um fuzil
Tem gente de terno e gravata
Matando o Brasil acima de tudo
Favela,ô
Favela que me viu nascer
Eu abro o meu peito e canto o amor por você.
Favela,ô
Favela que me viu nascer
Só quem te conhece por dentro
Pode te entender.
O povo que sobe a ladeira
Ajuda a fazer mutirão
Divide a sobra da feira
E reparte o pão.
Como é que essa gente tão boa*

*É vista como marginal
 Eu acho que a sociedade
 Tá enxergando mal
 Entendo esse mundo complexo
 Favela é a minha raiz
 Sem rumo, sem tino, sem nexo
 E ainda feliz.
 Nem toda maldade humana
 Está em quem porta um fuzil
 Tem gente de terno e gravata
 Matando o Brasil acima de tudo*

3.2.3 - Rafael de França

A terceira entrevista a ser abordada será a concedida por Rafael de França, 32 anos e morador do bairro da Tijuca⁴⁸. Rafael possui vinte tatuagens espalhadas pelo corpo, das quais não uma, mas três, fazem alguma referência direta ou indireta ao Rio de Janeiro. Rafael tem marcados o numeral 021, um trecho da canção Quando o Carnaval Chegar, composta pelo também carioca Chico Buarque e finalmente a tatuagem do vendedor de mate (mateiro) em uma praia do Rio de Janeiro.

Obtive contato com Rafael transitando pelas ruas da Tijuca, ao passar por ele percebi uma tatuagem em sua perna que muito me chamou atenção, por estar longe e já passar das nove horas da noite, foi difícil ter certeza que eu havia avistado o que aparentava. Em uma segunda observação, mais concentrada e próxima pude ter certeza de minha suspeita, o rapaz trazia um vendedor de mate de galão tatuado na perna. Não foi simples abordar pessoalmente uma pessoa que eu não conhecia, mas consegui vencer meus receios e fui perguntar sobre a tatuagem e em seguida fazer a proposta pela entrevista. De imediato Rafael já aceitou e se mostrou muito solícito e interessado em participar da pesquisa. O local escolhido para a entrevista foi um botequim, localizado no bairro da Tijuca, próximo à Praça Afonso Pena.

⁴⁸ Entrevista realizada em 25 de novembro de 2016

Espaço que Rafael se interessa por compreender no sentido cotidiano e histórico “me interesse pelas histórias dos bares do Rio de Janeiro”.



49

Rafael relata que seu encantamento por tatuagens começou cedo, aos oito anos de idade foi levado por sua mãe para assistir a realização de uma tatuagem. De imediato sentiu vontade e pediu permissão para a realização deste desejo, “mãe posso fazer uma tatuagem também? Eu quero!” a resposta de sua mãe foi dizer que Rafael poderia sim fazer uma tatuagem, quando completasse dezoito anos de idade. A partir deste momento, nas palavras de Rafael, ele passou a “contar os segundos”

⁴⁹ Nos demais casos utilizei fotos feitas no momento das entrevistas, entretanto no caso de Rafael preferi pela utilização desta foto onde ele posa no bloco de carnaval por ele fundado, o Butano na Mureta. Trajando sua famosa fantasia de bailarina rosa. Escolhi a foto por acreditar que ela representaria bem a interpretação que tive da personalidade de Rafael através das duas horas de conversa que desenvolvemos no dia da entrevista.

para seu tão esperado aniversário de dezoito anos. Enquanto a tal data não chegava, Rafael “anotava em um caderno as tatuagens que iria fazer quando tivesse dezoito anos”, e finalmente aos dezoito anos pôde fazer sua primeira tatuagem, um leão em preto em seu ombro. Poucos anos depois Rafael já fez sua primeira homenagem ao Rio de Janeiro, tatuando o numeral 021, em referência à música da banda carioca Planet Hemp.

A tatuagem foi realizada em um período em que a violência no Rio de Janeiro era alarmante, tomava espaço em diversos meios de comunicação e assustava não só os moradores da cidade, como também habitantes de outras cidade e estados do Brasil. Rafael relata que “aí eu pensei em como retratar o Rio de Janeiro, mas no contexto que se apresentava, não tinha como ser outra coisa”. Então decidiu por tatuar o numeral em referência à música que faz uma forte crítica à política desenvolvida na cidade e no país, a canção Zerovinteum da banda carioca Planet Hemp. Indo além da simples reclamação a banda costuma problematizar mais, em suas canções, as questões que cercam o imaginário sobre a violência da cidade. Em certos momentos questionando o eurocentrismo em detrimento da cultura brasileira e também falando a respeito das mortes ocorridas por consequência das políticas de guerra às drogas.

Em um trecho da canção Zerovinteum e em outra passagem da canção Subúrbio de Chico Buarque, ambos artistas escolhidos para serem homenageados nas tatuagens de Rafael, de maneira poética, é feita a comparação entre as zonas sul e norte da cidade. Reforçando os discursos de desigualdades sociais entre as regiões e problemas de ordem urbana e menor preocupação do poder público em relação à zona norte. Ambos artistas falam do monumento do Cristo Redentor, associando os problemas da cidade à direção com que a estátua foi construída. Nas palavras do Planet Hemp “de frente para o mar e de costas para a favela” e nas palavras de Chico Buarque ao falar do subúrbio, região que compõe grande parte da zona norte diz que “lá tem Jesus, que está de costas”.

A comparação entre as duas zonas geográficas também aparece no discurso de Rafael, que por já ter morado em ambas, se sente conhecedor a ponto de tecer uma opinião bem estruturada a respeito de ambas. Ao contar que “quando eu era criança estudava em uma escola em Botafogo, no pé do Santa Marta, eram

comuns os tiroteios e mortes por ali, nos confrontos entre traficantes de facções rivais e nos confrontos entre traficantes e a polícia. Era brincadeira da molecada procurar cápsulas de balas de fuzil que ficavam espalhadas pela escola, tipo uma caça ao tesouro”.

O entrevistado lembra que “a gente que nasce e cresce no Rio de Janeiro acaba ficando acostumado com a violência, ouvir tiroteios, notícias de morte de policiais, traficantes armados ou pessoas inocentes, acaba se tornando algo comum para as pessoas que vivem aqui”. Ao contar que também tenho tatuado o numeral 021, juntos lembramos de amigos recentes ou de infância que morreram por consequência da forte violência na cidade, e pensando neste contexto Rafael disse a frase que, sem dúvidas, mais me tocou no processo de realização deste trabalho, “esse 021 que a gente⁵⁰ carrega na pele, é a marca de sobrevivência”.

Rafael faz uma crítica aos passeios turísticos que começaram a ser vendidos pela cidade, que oferecem aos visitantes, em suas maioria estrangeiros, a opção de um passeio por dentro das favelas. Rafael critica as desigualdades sociais tomando como referência os locais que costumeiramente são visitados pelos estrangeiros. Apontando que em sua maioria só realizam passeios pelos famosos pontos turísticos da zona sul, e que quando saem disso, muitas vezes é para conhecer de perto alguma favela. Em sua fala, o entrevistado demonstra convicção ao se opor a esse tipo de prática dizendo que “para o benefício do empresariado eles romantizam até problemas sociais graves”, estes que há muitos anos assolam a cidade. Enquanto a preocupação deste mesmo empresariado para a solução destes problemas é mínima, “na verdade o que eles fazem é achar uma forma de lucrar até mesmo neste tipo de situação degradante para os moradores das comunidades”.

A fala de Rafael coincide com a leitura feita por Canclini a respeito do que chama de *Favela Tours*, onde tenta desvendar os motivos por trás do fetiche em conhecer estes espaços. Na percepção de muitas pessoas que pode ser apontada como limitada e pouco complexificada, as favelas aparecem como reduto das mazelas sociais, símbolo do subdesenvolvimento e da inferioridade do terceiro mundo.

⁵⁰ Neste momento da entrevista eu já havia falado e mostrado para Rafael uma fotografia da minha tatuagem do Rio de Janeiro, que em sua composição também carrega o numeral 021.

O que procuram aqueles que se internam como turistas nos morros cariocas ou nos subúrbios precários e violentos de cidades colombianas? Ao analisar os folhetos da Favela Tours, Beatriz Jaguaribe encontra pistas: antes de tudo, essas visitas oferecem o confronto com “the real thing”. Uma análise das representações literárias, jornalísticas e fotográficas lhe sugere que, além disso, elas oferecem um confronto com os imaginários culturais da modernidade globalizada nos quais essas zonas de pobreza, violência e solidariedade aparecem como “comunidades autênticas”. Diferentemente da alteridade cultural do nativo ou do folclorismo pitoresco dos costumes rurais, os favelados, ainda mais quando mesclados ao narcotráfico, surgem como exemplo dos que modelam as próprias vidas em meio aos conflitos extremos da contemporaneidade. Numa época em que as identidades nacionais e a evolução conjunta da humanidade se tornam tão duvidosas, diz essa autora, os que foram “deixados de fora das promessas do futuro”, das intenções (fracassadas) de ordenar as cidades, a economia e a política, apresentam outro tipo de construções precárias e mobilizações, modos de se organizar e negociar imagens da marginalidade diferentes do nacional-popular (CANCLINI, 2008, p. 24).

Pode-se dizer que há também certo racismo envolvido neste tipo de programa turístico, no sentido de tentar fazer o homem branco se sentir superior ao perceber que a sua realidade social não é acometida por tantas dificuldades. Podendo desencadear em atitudes de tentativas de auxílio aos que são percebidos como mais necessitados, em uma espécie de desencargo de consciência e justificativa pela exploração, estes obviamente disfarçados, como caridade.

Em sua fala o entrevistado também critica a maneira com que boa parte das pessoas da cidade agem, no que ele chama de “por debaixo dos panos”, apontando que isto torna as coisas mais difíceis e complexas para os que se aventuram viver aqui. Afirma que com os cariocas é preciso “sempre estar muito atento ao que te dizem e ao que aparentam ser, porque em alguns casos isto pode ser somente algum tipo de disfarce para mascarar uma segunda intenção”, que vise beneficiar alguém em detrimento de outrem. Na visão de Rafael isto torna as práticas cotidianas, carreiras profissionais e relações pessoais mais difíceis, incertas e instáveis para os que desejam viver na cidade. Percebo uma relação deste trecho da fala do entrevistado com a famosa “malandragem” carioca, que muitas vezes se alimenta do desconhecimento e o converte em algum tipo de benefício próprio que acarreta em prejuízo aos desavisados.

Rafael conta que a inspiração para a arte da sua tatuagem veio do cartaz do documentário *The Endless Summer* lançado em 1966, fala que “sempre admirei

muito a imagem por ser simples mas ao mesmo tempo conseguir comunicar as principais questões abordadas no documentário”. O sombreado formando “a imagem de um surfista carregando sua prancha na cabeça, o sol ao fundo e um esquema de cores que mistura rosa e laranja e que dá uma sensação de calor”. Para a escolha de sua tatuagem do vendedor de mate, Rafael tentou aproximar a arte das imagens apenas substituindo a prancha carregada pelo surfista, pelos dois galões⁵¹ do mateiro.



A escolha peculiar do mateiro como forma de representar o seu amor pelo Rio de Janeiro foi inicialmente devida à vontade, como explica Rafael, de “tatuá algo que fosse diferente, que eu nunca tivesse visto antes”. Desta forma começou a buscar algo que fosse bem característico do Rio, e que dificilmente seria encontrado em qualquer outro lugar. Conta que de todas as praias, em todas as cidades em países que já foi na vida, “nunca vi algum tipo de vendedor ambulante que sequer se parecesse na forma com que os mateiros trabalham”. Assim Rafael elegeu tais vendedores como uma representação bem específica da cidade, por isso de muito valor. Fala que “não seria interessante tatuá ícones como o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar. É tudo estátua, tem um todo lugar”, pois em diversos outros lugares do

⁵¹ Os vendedores carregam dois galões por que um contém o chá gelado do mate e o conteúdo do outro é o suco de limão, para que se possa fazer a mistura de acordo com o gosto dos clientes.

mundo existem paisagens e monumentos famosos, assim como conjuntos de morros que criam uma bela paisagem.

No entanto, somente no Rio de Janeiro é notável a presença destes “vendedores que andam pelas praias vendendo uma bebida feita artesanalmente” e que Rafael tanto gosta, e bebê desde sua infância nas praias do Rio. Rafael demonstra então uma preocupação maior na valorização dos seres humanos, das pessoas, do que de paisagens ou monumentos. O que nos aponta para um tipo de sensibilidade que tem um afeto maior pelas relações pessoais, história de vida e cotidiano do que por estruturas, Por mais que estas estruturas sejam mundialmente famosas e importantes para o imaginário da cidade.

Me chamou atenção a relação que Rafael estabelece com o carnaval, não só por se mostrar de uma maneira tão intensa, mas também por estar muito próxima da forma com que eu interpreto e me sensibilizo com a festa. Rafael afirma que “o amor que eu sinto pelo Rio é muito ligado ao carnaval”, período em que na interpretação de Rafael, “são só quatro dias”. Conta que desde pequeno costumava acompanhar os desfiles das escolas de samba com sua mãe e desde então já desenvolveu seu amor pelo Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela, amor que é vivo e forte até os dias hoje.

O entrevistado também afirma que o carnaval é sem dúvidas o momento mais feliz de seu ano, de sua vida, onde se sente satisfeito por completo, em uma alegria que transcende o explicável, e a compreensão lógica. Pelas ruas da cidade se enfeita e sai livremente a brincar com as pessoas que também estejam no espírito da festa. Inclusive foi em um carnaval que Rafael conheceu sua esposa, fantasiado e encarnando o espírito de sua personagem carnavalesca. Esta fantasia que já é sua marca, pela qual ele já é conhecido, chegando até a figurar em reportagens de sites e jornais, Rafael é a Bailarina Rosa. Sua identificação com a personagem é grande, ao ponto de dizer “o que eu sou na verdade é a bailarina, nos outros 361 dias do ano que eu me fantasio de Rafael de França”. Sobre o dia em que conheceu sua companheira, conta que a fantasia foi de suma importância para o encontro e para a afinidade imediata, “ela se apaixonou primeiro pela bailarina, depois que ela conheceu o Rafael e até que não achou ruim”.

Rafael aponta sua relação com o carnaval como mais uma das coisas que ele

muito admira na cidade, acredita que o carnaval traduz o um pouco do que chama de “espírito carioca”. No sentido da irreverência, brincadeira, bom humor e musicalidade. Interpreta esta relação como uma via de mão dupla, de forma que o Rio de Janeiro consegue criar o contexto para que o carnaval na cidade aconteça desta forma, assim como o carnaval é uma manifestação cultural muito importante para os habitantes da cidade, chegando ao ponto de exercer influência na forma estas pessoas desempenham suas ações, práticas, comportamentos e aspirações.

A escolha da música que fale do Rio de Janeiro e que na minha interpretação possa ser associada a Rafael não foi simples. A relação que o entrevistado estabelece com a cidade se desdobra em diversas formas, o que me permite fazer várias associações com variadas músicas que transitam na temática dos imaginários do Rio de Janeiro. Poderia também ter optado por umas das duas músicas, Quando o Carnaval Chegar do Chico Buarque e Zerovinteum da banda Planet Hemp, que Rafael referencia diretamente em suas tatuagem. Mas a exemplo do entrevistado que buscou sair do convencional ao escolher a sua tatuagem do mateiro, tentarei fazer o mesmo no que se refere à escolha da música que represente sua relação com a cidade.

A música que escolhi para ele foi Eu Quero Ver Gol da banda carioca formada no bairro do Engenho Novo, O Rappa. A canção narra os momentos de lazer em um fim de semana de um(a) jovem que habita a zona norte da cidade. Passando por momentos como o trajeto do ônibus até a praia, falando de um jogo de futebol e do extinto setor geral do estádio. Fala também sobre os ambulantes e objetos tipicamente vendidos nas praias cariocas, entre eles, como não poderia faltar, os vendedores de mate e limão. Acredito que essa música seja uma escolha interessante por retratar algo que é muito comum entre os habitantes do Rio de Janeiro, mas que não atinge tanto espaço no imaginário oficial da cidade, intuito semelhante ao de Rafael na escolha da sua tatuagem que representasse a cidade que ele orgulhosamente chama de “cidade de São Sebastião”.

Batuque, balanço,

Swing, praia e carnaval

Hoje no pé do morro

Tem ensaio geral
Eu quero ver gol,
Eu quero ver gol
Não precisa ser de placa
Eu quero ver gol
Dois dias sem dormir
Chega domingo de manhã
Fica difícil passar
Sem um banho de mar
Tem a distância, lotação
Tumulto e, então,
Tô no favelinha
Peguei fora da linha
Méier - Copacabana
É o bonde ideal
No ponto final
O recuo é total
Pular pela janela
Pro bonde é normal
Zoando no asfalto
Zoando na areia
Quando chegar na água
Vou me acabar
Quando chegar na água
Jacaré é o que vai dar
Porque
Eu quero ver gol,
Eu quero ver gol
Não precisa ser de placa
Eu quero ver gol
Eu quero ver gol,
Eu quero ver gol

*Não precisa ser de placa
Eu quero ver gol
Tem limão, tem mate,
Melancia fatiada
O globo, sal e doce
Dragão chinês
Tem limão, tem mate,
Melancia fatiada
O globo, sal e doce
Dragão chinês
Tô no rango desde as duas
E a lombra bateu
O jogo é às cinco
E eu sou mais o meu
Tô com a geral no bolso
Garanti meu lugar
Vou torcer, vou xingar
Pro meu time ganhar
Porque
Eu quero ver gol,
Eu quero ver gol
Não precisa ser de placa
Eu quero ver gol*

3.2.4 - Yuri Carvalhosa

Agora abordarei a entrevista concedida por Yuri Carvalhosa, de 28 anos morador do bairro de Irajá⁵², na zona norte da cidade. Conheci o entrevistado através de uma amiga em comum que ao saber da minha pesquisa logo se lembrou de Yuri que não só tem uma tatuagem do Rio de Janeiro, mas também escolheu uma forma bem distinta de fazer a referência. A entrevista foi realizada na cobertura do prédio que Yuri mora, por ser um edifício bem alto permitia uma boa visão panorâmica da zona norte da cidade, o que era interessante para a foto que havíamos combinado de fazer. Yuri não sabe mais precisar quantas tatuagens possui no corpo, pois muitas foram feitas inicialmente de uma forma e posteriormente foram acrescentadas de outros desenhos, então fica difícil dizer se estas contariam como uma só tatuagem ou como várias. Como solução para esta pergunta o entrevistado contou que “eu passei a contar a porcentagem do corpo que eu tenho tatuada, acho que agora deve estar em uns trinta por cento”.

⁵² Entrevista realizada em 13 de dezembro de 2016



53

Yuri pretendia sair do comum ao escolher sua tatuagem do Rio de Janeiro tentando evitar de fazer algum desenho que representasse os locais ou ícones mais famosos da cidade, nas palavras dele “um Rio de Janeiro que gringo vê”. “Não gostaria de ser mais um a ter na pele tatuado o Pão de Açúcar ou o calçadão de Copacabana, esse Rio de Janeiro já é muito divulgado”, é também lembrado e positivado. Por isso buscou representar a cidade que é percebida e constantemente presenciada por ele, e por muitos cariocas, “um Rio que não tem vista para o Cristo, que não tem fácil acesso à praia, que não tem muitas opções de lazer “, ou seja o que nas palavras de Yuri é “o Rio de Janeiro da zona norte”.

Desta forma acabou escolhendo fazer sua tatuagem do Rio de Janeiro em forma de crítica, em vez de exaltar as belezas e qualidades da cidade, da cultura ou dos habitantes. O morador de Irajá preferiu representar um Rio de Janeiro que é

⁵³ Foto feita por mim em 16 de dezembro de 2016, dia da entrevista realizada na cobertura do pédio de Yuri, localizado no bairro de Irajá

esquecido ou intencionalmente apagado de muitos registros artísticos e das campanhas de marketing sobre a cidade. Uma cidade que possui muitos problemas urbanos, políticos e que também, de acordo com a percepção do entrevistado, “tem muitas pessoas que podem tentar tirar algum proveito de outras”. Desta forma o que percebo é uma tentativa do tatuado de questionar, problematizar a positividade amplamente veiculada através de manifestações artísticas e dos meios de comunicação, a respeito do Rio de Janeiro e seus habitantes. De maneira a reduzir ou até mesmo apagar muitas práticas, comportamentos, costumes e manifestações na cidade, em especial os mais comuns na zona norte. O que Yuri se referiu como “O Rio de Janeiro que vivo, que eu vejo desde que sou moleque”. Yuri se refere ao Rio de Janeiro que ele percebe nas partes menos privilegiadas da cidade, onde a violência é recorrente, onde é preciso sempre, nas palavras dele “estar atento e tomar cuidado”, Yuri mais uma vez se refere à zona norte da cidade.

A tatuagem consiste em uma junção de imagens que tomam todo o braço direito do entrevistado, imagens que fazem parte do imaginário oficial da cidade e imagens que possuem um significado específico para ele. Na arte desenvolvida por Yuri junto com seu tatuador, com o qual também estabelece uma relação de amizade, famosos ícones da cidade estão representados de uma forma diferente, de maneira a criticar e questionar certas interpretações de cidade que muitas vezes assumem efeito de verdade.

Yuri tem tatuado o Cristo Redentor, entretanto de uma forma diferente, ao invés de estar de braços abertos para a cidade, o Cristo representado por Yuri leva as mãos à cabeça em uma expressão que demonstra espanto e insatisfação com a situação em que a cidade se encontra. Em um significado onde Cristo foi tão generoso ao criar tantas belezas naturais, clima propício para agricultura e um vasto litoral, mas que apesar de tudo isso as pessoas insistem em degradar e abusar de um espaço que teria condições de ser mais próspero. Além disto o gesto de levar as mãos à cabeça em vez de estar de braços abertos também significa, segundo Yuri, “que a cidade não está de braços tão abertos assim”. De maneira que superficialmente existe um comportamento receptivo aos turistas, mas que no fundo esconde uma segunda intenção, que é a de direta ou indiretamente se aproveitar do dinheiro que pode ser gasto pelos estrangeiros que visitam a cidade.

Há também a percepção de que os cariocas apesar de se mostrarem bem humorados, irreverentes e sorridentes, também podem ser impacientes, ácidos, desrespeitosos, preconceituosos e xenófobos. Já que a situação fica um pouco diferente quando alguém de fora vem para a cidade não só para visitar, mas para morar. Existe também a reclamação de muitas pessoas de fora que trazem sua vida para o Rio, que os cariocas costumam ser muito fechados em seus grupos de amigos, e que fica difícil para alguém, principalmente que seja de fora da cidade, adentrar e passar a fazer parte deste grupo. E mesmo quando são aceitos nestes grupos de amizade, muitos alegam que ainda é difícil se sentir como um membro efetivo do ciclo, se relacionando com conceito de Elias (2000) sobre *estabelecidos e outsiders*.

Nas demais imagens que formam a tatuagem de Yuri percebe-se uma águia que representa a bandeira do estado do Rio de Janeiro. Porém na bandeira do estado esta águia carrega em suas patas o brasão da cidade, o que de acordo com Yuri significaria “justiça e honestidade”. O que na compreensão de cidade relatada pelo entrevistado são atributos que “estão longe de serem percebidos na realidade”, então Yuri resolveu substituir o brasão da cidade por um saco com um sifão (\$) estampado, que representaria um saco cheio de dinheiro desviado, em referência à corrupção tão comum ao poder público do estado e da cidade do Rio.

Também figuram na tatuagem um relógio/termômetro de rua muito comuns de serem encontrados pela cidade, esse relógio traz escrita a palavra “Rio” e a temperatura marca 40°. Em outra parte da tatuagem o entrevistado traz marcadas as palavras “beleza e caos”, juntos o relógio/termômetro e as palavras fazem referência à música Rio 40 Graus da carioca Fernanda Abreu⁵⁴. Yuri diz que se identifica com a crítica apresentada pela compositora na música. Os 40° para Yuri representam não só o clima da cidade, que chega a atingir níveis altíssimos, mas também é uma referência ao cotidiano e à vida na cidade, onde situações de violência grave acontecem de maneira abrupta, sem avisos prévios, de forma “quente” ou, como muito se diz nas gírias entre os cariocas, “chapa quente”.

Há a imagem de São Sebastião, o padroeiro da cidade, em sua

⁵⁴ Fernanda Abreu canta a canção composta em conjunto por Fausto Fawcett, Laufer e a própria Fernanda Abreu.

representação oficial, onde o santo está amarrado a uma árvore, com flechas cravadas no corpo, e sangue escorrendo por diversas feridas. Yuri diz que “escolhi mas não tenho um fé religiosa, escolhi porque acho maneiro e acho que tem a ver com a cidade, com a tatuagem”. A escolha da imagem para a tatuagem se deu também pela maneira com que o santo é representado “todo machucado, preso em uma árvore, debilitado”, forma semelhante à que o entrevistado interpreta a cidade.

Yuri conta que muito da sua personalidade está representado na tatuagem, diz sempre ter tido certeza de que queria tatuar o Rio de Janeiro, pois sempre estabeleceu uma relação intensa e uma percepção social e antropológica muito aguçada com a cidade. De maneira que os costumes, criatividade, práticas e ações, mesmo quando não benéficas, despertaram a atenção e a admiração de Yuri. Ao perceber a profundidade e a complexidade das relações que se estabelecem na cidade passou a se interessar e a estar atento a isto. O entrevistado diz que “a tatuagem tem a ver com a minha personalidade também porque eu sou uma pessoa crítica”, então já era de se esperar que a maneira com que eu quisesse representar o Rio de Janeiro, seria de uma maneira crítica”.

Entretanto é importante ressaltar que Yuri não demonstra dúvidas ao ser questionado em relação ao que sente pelo Rio. Alegando que mesmo com todos esses problemas, e levando em consideração o fato de que eles escolheu fazer uma tatuagem em referência à cidade em forma de crítica, o que ele sente pelo Rio de Janeiro é um profundo respeito, encantamento, orgulho e amor. Por mais que perceba todas as questões problemáticas latentes na cidade, diz “não consigo deixar de me encantar com as festas, o samba, as praias e as pessoas honestas e trabalhadoras que vivem aqui”. Diz que mesmo que a cidade seja um local muito difícil de se viver e que a qualquer momento pode “te dar uma rasteira”, não nega que existe um forte amor pela cidade em que nasceu e vive até hoje. Ao buscar palavras ou uma expressão que pudessem esboçar uma definição para este tipo de amor que sente pela cidade, sugeri a expressão amor bandido, e ele de imediato concordou, “é isso, exatamente isso, um amor bandido”.

Sobre sua relação com o Rio de Janeiro e as contradições da cidade que implicam em diferentes papéis e identidades a serem assumidas, Yuri publicou o seguinte texto em sua página do *facebook*.

“Olha que coisa doida...

Moldar sua personalidade nascendo e sendo criado no RJ pode ser bem engraçado.

Eu achava que eu era "branco" demais pra ser "preto" e "preto" demais pra ser "branco".

Um tiro nunca atingiu minha janela,mas na frente da minha casa passa um valão.

Tem bastante coisa por trás disso.

Já tomei tapa na cara de pm me chamando de bandido,vagabundo...

E já fui assaltado ouvindo: "Perdeu playboy..."

Porra, da pra vocês decidirem o que eu sou?

Da pra eu decidir o que eu sou?

Mais novo eu tinha raiva dos garotos da zona sul ...

"Ah esses otários sabem nada da rua."

Mas aí a gente pegava o 484 pra ir a praia, era descer em Ipanema e como 2 e 2 são 4, eu ou algum amigo olhava pra um daqueles prédios lindos e gritava; "MÃE JOGA A CHAVE"

Eu ficava puto com eles ouvindo Racionais ou indo pro baile.

"Porra esse lugar é nosso, essa cultura de periferia é nossa, se fuder riquinhos."

Mas ao mesmo tempo eu queria ter a vida do Felipe Dylon.

Esses paradigmas estavam sempre presentes.

Eu gaguejava quando alguma gatinha em algum show no circo voador perguntava onde eu morava...

" i i r a... i i i... irajá (baixinho) "

Mas eu batia no peito quando algum taxista tentava me enrolar...

"Ta maluco fdp, ta achando que eu sou playboy? Sou cria do Irajá maluco..."

Uma vez o Mv Bill disse: Não sabe se é boy, não sabe se é favela.

Decide pra que santo tu acende a tua vela.

Senti que era pra mim e outros como eu.

Eu tenho o olho e a pele clarinha demais pra ser "cria" mas ao mesmo tempo eu falo gíria demais e nunca fui pra Califá, como vou ser local do baixo gávea?

Doidera moldar personalidade quando se é garoto.

Hoje com quase 30 (xiiuu,deixa baixo) eu rio disso, eu superei, claro que eu ia superar.

Os botecos daqui são mais legais, em compensação se eu levar meu cachorro meia noite pra passear como eles fazem na orla, capaz de roubarem até o cachorro.

É brother, o mundo inteiro pra eu nascer e eu nasci em Irajá, na zona norte do Rio de Janeiro.

Mó barato!"⁵⁵

⁵⁵ Texto publicado na *timeline* da página do *facebook* de Yuri Carvalhosa no dia 12 de abril de 2017.

É possível perceber as comparações entre as zonas geográficas da cidade, as disputas e contradições entre a zona norte e a zona sul se fazem presentes no discurso de boa parte dos cariocas, inclusive dos entrevistados.

A música que escolhi para representar a relação que Yuri faz com a cidade do Rio foi das mais fáceis. Como dito anteriormente, sua tatuagem já faz a referência à ela, fala da música Rio 40 Graus de Fernanda Abreu. Escolho a música não somente por já fazer parte da tatuagem do entrevistado, mas também porque a relação que Yuri descreve viver com a cidade, muito se assemelha à relação que Fernanda Abreu, cantora e compositora da canção afirma ter com o Rio. Uma relação de severa crítica aos graves problemas sociais, à guerra ao tráfico, aos assassinatos de menores de idade, assim como seu envolvimento com o crime enquanto ainda crianças. Mas ao mesmo tempo há uma profunda admiração pelas pessoas, pela cultura, pela música, e pelas paisagens naturais percebidas aqui.

Rio 40 graus

Cidade maravilha

Purgatório da beleza e do caos

Capital do sangue quente do Brasil

Capital do sangue quente

Do melhor e do pior do Brasil

Cidade sangue quente

Maravilha mutante

O rio é uma cidade de cidades misturadas

O rio é uma cidade de cidades camufladas

Com governos misturados, camuflados, paralelos

Sorrateiros ocultando comandos

Comando de comando submundo oficial

Comando de comando submundo bandidaço

Comando de comando submundo classe média

Comando de comando submundo camelô

Comando de comando submáfia manicure

Comando de comando submáfia de boate

Comando de comando submundo de madame

Comando de comando submundo da TV

Submundo deputado - submáfia aposentado
Submundo de papai - submáfia da mamãe
Submundo da vovó - submáfia criancinha
Submundo dos filhinhos
Na cidade sangue quente
Na cidade maravilha mutante
Rio 40 graus...
Quem é dono desse beco?
Quem é dono dessa rua?
De quem é esse edifício?
De quem é esse lugar?
É meu esse lugar
Sou carioca, pô
Eu quero meu crachá
Sou carioca
"Canil veterinário é assaltado liberando
Cachorrada doentia
Atropelando na xinxá das esquinas
De macumba violenta
Escopeta de sainha plissada
Na xinxá das esquinas de macumba gigantesca
Escopeta de shortinho de algodão"
Cachorrada doentia do Joá
Cachorrada doentia São Cristóvão
Cachorrada doentia Bonsucesso
Cachorrada doentia Madureira
Cachorrada doentia da Rocinha
Cachorrada doentia do Estácio
Na cidade sangue quente
Na cidade maravilha mutante
Rio 40 graus...
A novidade cultural da garotada
Favelada, suburbana, classe média marginal
É informática metralha
Sub-azul equipadinha com cartucho musical

De batucada digital
Meio batuque inovação de marcação
Pra pagodeira curtição de falação
De batucada com cartucho sub-uzi
De batuque digital, metralhadora musical
De marcação invocação
Pra gritaria de torcida da galera funk
De marcação invocação
Pra gritaria de torcida da galera samba
De marcação invocação
Pra gritaria de torcida da galera tiroteio
De gatilho digital
De sub-uzi equipadinha
Com cartucho musical
De contrabando militar
Da novidade cultural
Da garotada da favelada suburbana
De shortinho e de chinelo
Sem camisa carregando
Sub-uzi e equipadinha
Com cartucho musical
De batucada digital
Na cidade sangue quente
Na cidade maravilha mutante
Rio 40 graus
Cidade maravilha
Purgatório da beleza e do caos

Fica latente na fala dos quatro entrevistados uma questão por mim abordada ao longo de todo trabalho, mas que não chega a ser tratada de maneira específica. Me refiro à interpretação das dinâmicas, comportamentos, gostos, práticas, ações e diferenças socioculturais dos moradores da cidade, de acordo com o território que habitam. Lugares que frequentam, a maneira de se vestir, falar, gesticular e utilizar gírias, o cotidiano, o nível socioeconômico e as expectativas de vida, questões e

disputas referentes ao Rio de Janeiro da zona norte e o Rio de Janeiro da zona sul.

Assim como anteriormente destaquei essa percepção em alguns momentos, ao falar das músicas que fazem referência aos diferentes tipos de imaginário do Rio de Janeiro, algumas sendo em tom de exaltação, que se aproximam mais do imaginário da zona sul e outras em tom de crítica, que se aproximam mais do imaginário que recai sobre a zona norte. Também ao analisar questões referentes à construção, crescimento e estabelecimento do imaginário oficial, positivado da cidade. Tais percepções, mesmo que com uma outra roupagem, também aparecem nos discursos dos entrevistados, ressaltando que suas experiências de vida na cidade, percepções a respeito de comportamentos, interpretações sobre imaginários e dinâmicas de deslocamento, também estão ligadas à interpretação opositiva entre zona sul e zona norte.

Já havia me ocorrido a hipótese de encontrar este tipo de percepção na fala dos entrevistados, me preocupava então a possibilidade de me deparar com discursos que tendessem a uma exaltação e positividade pouco problematizada dos imaginários que destacam somente os ambientes e práticas da zona sul. Assim atentei na hora de escolher os entrevistados, buscando pessoas também que tivessem tatuagens que não fizessem por somente reproduzir os ícones mais famosos do imaginário oficial do Rio de Janeiro. Buscando pessoas que tentaram retratar na pele locais, interpretações e questões que apesar de não serem tão fortemente difundidas, também fazem parte da vida dos cariocas e dos imaginários sobre a cidade.

Acreditando que em seus discursos ficaria evidente alguma problematização a respeito das diferenças internas da cidade de acordo com as divisões geográficas e socioculturais do território. Lembrando que as pessoas que tem tatuados os principais ícones do imaginário da cidade não necessariamente fazem por reproduzir um discurso a exaltar somente o imaginário hegemônico do Rio. O imaginário positivado do Rio se encontra de maneira tão estabelecida que é comum que pessoas que habitem, transitem e tenham um histórico de vida na zona norte ou oeste da cidade, também escolham as paisagens ou monumentos da zona sul na hora de fazer uma tatuagem do Rio de Janeiro.

Assim se deu a escolha da Renata Meiga para participar e ser a primeira

entrevistada desta pesquisa, de maneira que sua fala servisse como a de alguém que se aproxima de um grupo focal. Em sua entrevista eu acreditava encontrar as respostas que mais se aproximassem dos discursos de valorização, contemplação e positividade do imaginário da cidade. Destacando os mais famosos ícones, e as práticas de vida mais comuns de serem realizadas pelos habitantes que vivem nas partes nobres da cidade, e que por isso possuem condições facilitadas para o acesso às práticas e locais mais conhecidos da cidade. Sua fala não contradisse o que por mim foi tomado como hipótese, Renata valorizou, exaltou e reforçou o imaginário positivado da cidade, destacando seus principais locais e paisagens por ela considerados belos, assim como suas práticas, por ela consideradas agradáveis e possíveis de serem realizadas.

A escolha de Pillar Freire para a entrevista foi devido a sua tatuagem que representa a favela. Buscava alguém que tivesse optado por este tipo de desenho por me indagar sobre a interpretação de cidade que permeava as opiniões destas pessoas. Tendo como hipótese que em seu discurso apareceria uma valorização das práticas e costumes do local, assim como uma identificação com as pessoas que lá vivem. Também confirmei a suspeita sobre uma preferência em relação às práticas e comportamentos mais comuns de serem encontrados na zona norte, e um estranhamento aos costumes e ações mais característicos da zona sul.

No caso da escolha de Rafael de França como entrevistado eu não sabia o que esperar. Me serviu como motivação para o convite o desenho escolhido para sua tatuagem que representasse o Rio de Janeiro. Por ser único e muito diferente das demais que eu havia encontrado, achei interessante a escolha de Rafael por representar o Rio de Janeiro através da figura de um vendedor de mate na praia. Logo me interessei por saber quais eram as suas interpretações de cidade, o que valorizava, o que considerava importante na cultura do Rio de Janeiro e quais espaços costumava frequentar. Rafael me concedeu uma belíssima entrevista, que não só foi importante para o desenvolvimento da pesquisa, mas que também me serviu de ensinamento em diversos sentidos. A relação que o entrevistado estabelece com a cidade é de profundo conhecimento, problematização, admiração e valorização histórica e cultural. Relação próxima da qual eu gosto de acreditar que também estabeleço com minha cidade de origem.

E por último a escolha de Yuri Carvalhosa se deu também pelo desenho que escolheu para fazer a tatuagem, uma arte que vai na contramão da maioria das representações sobre o Rio de Janeiro. Que ressalta não o que a cidade tem que é considerado interessante ou bonito, mas que retrata a cidade em forma de crítica, lembrando dos graves problemas que há décadas assolam a vida de muitos cariocas, principalmente os habitantes da zona norte. Tendo morado durante a maior parte da vida no bairro de Irajá, Yuri confirmou minha hipótese de que seria capaz de tecer boas críticas a respeito do cotidiano dos moradores de bairros das regiões menos favorecidas do Rio. Destacando os problemas e dificuldades enfrentados por estes que representaram a maior parte dos habitantes da cidade.

Considero que as entrevistas foram de grande importância para a realização desta pesquisa, auxiliando na compreensão e problematização de questões referentes à criação, crescimento e estabelecimento do imaginário do Rio de Janeiro. Os relatos dos entrevistados coincidem em certos pontos e se diferenciam em outros, por habitarem variadas regiões, ou como no caso de Renata, até morando em uma região fora da cidade. Acredito que houve complexidade e riqueza de detalhes interessantes para a análise a que se propõe este trabalho, mostrando distintas vivências e conhecimentos sobre seus territórios de origem e da cidade de uma maneira geral. Pude compartilhar de importantes visões, interpretações e diferentes formas de vivenciar e expor na pele algo que talvez haja de mais profundo em seu âmago, o amor pelo Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise do processo de construção e estabelecimento do imaginário do Rio de Janeiro, assim como dos processos sócio-históricos pelos quais passaram as tatuagens ao longo da história, ficou mais fácil a compreensão da complexidade das relações que se dão entre os entrevistados e a cidade. O que

serve como reflexo também das relações que se estabelecem entre a cidade e seus demais habitantes, não possuidores de uma tatuagem do Rio. O recorte feito de maneira a utilizar tatuados como sujeitos representantes desta relação, foi interessante à medida que se considera a relevância que uma tatuagem pode assumir na vida de uma pessoa. Assim como é interessante observar as diversas possibilidades que esta modificação corporal assume ao longo da história, passando de expressão artística entre povos primitivos a estigma de marginalização social, até as variadas implicações que pode manifestar nos dias de hoje. Com destaque para a vontade de expressar um sentimento ou grande afeto por alguma pessoa ou território que se deseja tatuar.

Em boa parte das situações as tatuagens reforçam um tipo de relação com a cidade onde se percebe um sentimento de amor para com os espaços e locais mais lembrados pelo imaginário positivado do Rio, as praias, o Cristo Redentor, o bairro da Lapa, Copacabana ou o Pão de Açúcar. No caso destas representações, o que geralmente simbolizam é uma relação que as pessoas estabelecem com a cidade de uma maneira geral, sendo comum de lembrarem destes locais na hora de escolher a maneira de representar em sua pele o carinho pelo Rio. Espaços estes que estão entre os que costumam ser os mais utilizados, desde meados do século XX, para pautar a positividade do imaginário do Rio de Janeiro. As representações da cidade escolhidas para marcar a pele dão conta de tentar reproduzir um sentimento de amor, de maneira a retratar em boa parte dos casos, imagens ou palavras que façam referência a estes locais.

Enquanto para as pessoas tatuadas que se relacionam com o Rio de Janeiro de uma outro modo, que vão além da admiração pela cidade de uma maneira geral e por estes espaços que recebem maior destaque no imaginário, as tatuagens em referência à cidade tendem a aparecer de outra forma. Destacando outros locais, situações e sentimentos que não são tão comuns de figurarem no imaginário positivado da cidade, como é o caso das tatuagens de Pillar Freire, que representa a favela, Yuri Carvalhosa que faz uma crítica à positividade do imaginário do Rio e Rafael de França que como forma de representar seu sentimento pela cidade, escolheu por tatuar um vendedor de mate na praia.

Considero importante também ressaltar que em fase final de escrita desta dissertação chegou ao meu conhecimento a informação a respeito de uma reportagem publicada no dia 10 de março de 2017, intitulada: Apaixonados por Recife e Olinda tatuam na pele as cidades-irmãs⁵⁶, que chama atenção para a recente moda nas cidades. Em entrevista, o tatuador Nando Zevê declara “Em geral, aqueles que tatuam esse tema são fanáticos pela nossa cultura popular, pela arquitetura e cores de nossas cidades”. A declaração do entrevistado remete a uma semelhança ao que se percebe nos discursos de boa parte das pessoas que declaram seu amor pelo Rio de Janeiro através de suas tatuagens.

O sentimento de afeto pelos locais, costumes, cultura e carnaval das cidades de Olinda e Recife também aparecem, como é dito pelo tatuador “As homenagens mais frequentes são feitas com os personagens e símbolos do nosso Carnaval, como o Homem da Meia-Noite, caboclos de lança, sombrinhas de frevo e por aí vai”. A constatação de tais fatos em conjunto com uma hipótese de semelhança com o comportamento das pessoas que tatuam o Rio de Janeiro, me levam a seguinte questão: quais então seriam as diferenças significativas entre os imaginários de cidade das pessoas que optam por tatuar o Rio de Janeiro, Olinda e Recife? E ainda: quais são as diferenças entre a relação que os tatuados das respectivas cidades estabelecem com o carnaval? Por razões óbvias, no momento não tenho condições de responder a estas perguntas, mas ficam abertos estes questionamentos e reflexões a respeito dos imaginários e das representações das cidades. Questões que considero interessantes a serem respondidas em pesquisas futuras.

Possivelmente atestarei que em Olinda e Recife assim como no Rio de Janeiro, o imaginário de cidade é construído se utilizando da imagem em diversos sentidos, em reportagens de jornais, anúncios imobiliários, cartões postais e tatuagens. Esses que por sua vez poderão tentar reproduzir a materialidade da cidade, como na representação imagética de famosos locais do território, ou com certa desconstrução estrutural, uma licença poética, como pudemos perceber nas tatuagens de Pillar que representa a favela com o Cristo Redentor ao topo e na de

⁵⁶ Acesso em: 20 mar. 2017. Disponível em:

<<http://m.entretenimento.ne10.uol.com.br/artes-visuais/noticia/2017/03/10/apaixonados-por-recife-e-olinda-tatua-m-na-pele-as-cidades-irmas-667100.php?v=mobile>>

Yuri que representa o Cristo Redentor e o brasão do estado do Rio de Janeiro de uma maneira crítica, diferente de sua forma original. Existem também as tatuagens que vão transformar em palavras questões que anteriormente eram conhecidas através de seus significados, como as palavras “carioca”, “Rio de Janeiro” e o numeral “021”. Sendo também possível em um último exemplo, as tentativas de misturar ambos aspectos, questões imagéticas, literárias e outros tipos de manifestações culturais que permeiam os imaginários de Rio de Janeiro, como é o caso da tatuagem do pesquisador que vos fala.

Estas dentre outras possibilidades de representação do Rio de Janeiro na pele, demonstram especificidades nas relações de afeto que os sujeitos desenvolvem com a cidade. De maneira que as tatuagens mais comuns de serem encontradas manifestem relações positivadas com a cultura, os espaços, as pessoas e as paisagens do território de maneira geral, em uma forma de reafirmação do imaginário oficial dentro de suas possíveis variações. Mesmo que estas pessoas também estabeleçam relações de afeto com outras práticas, locais e manifestações culturais que fogem ao que é mais exposto pelo imaginário oficial, a escolha de representação do Rio foi através da reprodução de ícones lembrados por este imaginário. O que demonstra certa legitimação do imaginário positivado, dentro do imaginário de Rio de Janeiro de cada uma destas pessoas.

Indicando uma relação entre sujeito e cidade, que está mais próxima das positivações feitas através do imaginário oficial. Ao serem questionadas a respeito de seu contato com a cidade, os discursos destas pessoas citam em maior escala os locais, práticas e comportamentos mais comuns de serem associados ao imaginário positivado do Rio. Como foi o caso da entrevistada Renata Meiga, que possui em seu antebraço uma tatuagem do Cristo Redentor e ao ser perguntada a respeito de sua relação com a cidade, ressaltou a beleza e o afeto por locais como a praia de Botafogo, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e a praia de Ipanema. Espaços que se localizam na zona sul, região mais elitizada e representada de forma positiva no imaginário do Rio de Janeiro.

Enquanto as tatuagens que fogem ao mais comum dentre as representações do Rio, tentam exprimir questões mais sutis, percepções da cidade que passariam desapercibidas por sentidos que não estejam atentos ou não

tenham um conhecimento mais aprofundado sobre a história, dinâmica e o comportamento das pessoas que vivem na cidade. De maneira a não se opor à interpretação de cidade que pode ser feita através do que é exaltado pelo imaginário positivado, mas que buscam ir além, lembrando e dando espaço para questões costumeiramente esquecidas por este imaginário.

Atentando para dinâmicas e comportamentos discretos, que não costumam receber muitas atenções ou menções das pessoas que de alguma forma reparam, pensam ou retratam o Rio de Janeiro. Questões que se referem à história de locais específicos como bares, ruas e restaurantes, como citado pelo entrevistado Rafael de França. Dinâmicas de deslocamento entre ônibus, trem e metrô para as pessoas que habitam as regiões da cidade mais afastadas do centro e da zona sul, como lembrado por Yuri Carvalhosa. Ou ainda o comportamento respeitoso, carinhoso e caridoso de pessoas que habitam as favelas, como foi lembrado por Pillar Freire.

Por fim o que interpreto é que a cidade que foi capital do país no período colonial, imperial e republicano, mesmo tendo perdido essa posição política para Brasília após 1960, atualmente ainda é de extrema relevância no que se refere às representações dos imaginários e da cultura do Brasil. O que se pode afirmar sobre a dinâmica que se estabelece entre a cidade, em seus espaços, suas práticas e momentos em relação a seus habitantes ou visitantes, possuintes de tatuagens do Rio de Janeiro ou não, é que mesmo com as diversas modificações de ordem política, prática, estrutural e cultural que se sucederam ao longo da história, o Rio de Janeiro se mantém capaz de avivar intensos sentimentos de afeto aos que de alguma forma o vivenciam.

EPÍLOGO

Foi quando então em um 1º de março ao acessar o *facebook* me deparei com inúmeras postagens de imagens e declarações de amor ao Rio de Janeiro. Destacando seu povo, suas praias, sua música, seus espaços, suas belezas e seus encantos. Imediatamente senti uma vontade grande, quase que uma obrigação em postar algo sobre a cidade que tanto me orgulhava. E procurando por imagens de paisagens e cartões postais da cidade, tentei sair do que era mais comum de ser postado e comecei a procurar mais a fundo por alguma imagem que fosse diferente. Me deparando com uma foto de uma tatuagem qualquer, me ocorreu que existiam pessoas com tatuagens do Rio de Janeiro. “Caraca! Uma tatuagem do Rio de Janeiro! Isso é muita loucura, a cidade, cara, na pele, para sempre!”

De imediato tive enorme espanto, encantamento e admiração pelas pessoas que faziam a opção por tatuar o Rio. Seguido de certa inveja e desafio em seguir a mesma atitude. O momento coincidia com a minha busca do que seria a minha primeira *tattoo*, depois deste episódio a decisão sobre o que tatuar ficou fácil, não havia mais dúvidas, eu iria tatuar o Rio de Janeiro. A busca passava a ser então na maneira com que eu escolheria para representar a cidade, tentando encontrar uma forma de exprimir meu enorme afeto por diversos locais, personalidades, músicas e cultura da cidade, ficava difícil achar uma opção que abarcasse todas estas homenagens e que ao mesmo tempo fosse algo que eu considerasse bonito.

Alguns meses depois vi na internet a imagem de um adesivo de parede do Rio de Janeiro em um site de decoração. Neste adesivo formava-se o Pão de Açúcar utilizando as palavras “Rio de Janeiro” escritas seguidamente. Imediatamente pensei que esta seria uma boa forma de fazer minha tatuagem.

estabeleço com o meu território. Estes são meus ídolos, está e a cidade onde eu nasci, cresci, que estudo e amo irrestritamente, onde espero viver pelo resto da minha vida. Por isso está homenagem em forma de desenho e palavras em minha pele, que carrego sempre e para sempre.

5.1 - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, J. Rio, eu tatuo. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2016. 104 p.

BARROS, P. *Onde nasceu a cidade do Rio de Janeiro?* Revista geo-paisagem (online) Vol. 1, número 2, 2002. Julho/dezembro de 2002

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

CANCLINI, Nestor. Imaginários culturais da cidade. Conhecimento / Espetáculo / Desconhecimento *in* A Cultura Pela Cidade, 2008, p. 15 - 31. Disponível em: <<http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/355442.pdf>>.

COLEMAN, J.S. *Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling*. Human Organization. v.17, 1958 p.28-36.

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

DO PORTO À PELE: a história da tatuagem no Brasil. Thiago Ghizoni. Trabalho de conclusão de curso em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, orientação de Flávia Guidotti, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3RnrVt3YmP4>>. Acessado em: 08 de Fev. 2017

ELIAS, Norbert. Estabelecidos e Outsiders. Brasil: Zahar, 2000. 224 páginas.

FAIXA DE AREIA. Direção: Daniela Kallmann e Flávia Lins e Silva. Roteiro: Daniela Kallmann e Flávia Lins e Silva. Produção: Daniela Kallmann e Flávia Lins e Silva. Estúdio: DK Filmes. Distribuição: Film Connection, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0ao2blOtQwk>>. Acessado em: 08 de mar. de 2017.

FACINA, Adriana. Não me Bate doutor: funk e criminalização da pobreza, In: V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2009, Bahia. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

FERREIRA, Alvaro. O Projeto de Revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro: os atores sociais e a produção do espaço urbano. *Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, Vol. XIV, núm. 331 (31), 1 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-331/sn-331-31.htm>>. Acessado em: 29 set. 2016

FERREIRA, V. S. Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o *body piercing* como expressão corporal de uma ética da dissidência. *Etnográfica*, Lisboa, vol. 11 (2), p. 291 - 326, 2007.

FIGUEREDO, C. A Paisagem e o Olhar - Relíquias do Brasil.

GOLDERBERG, Mirian (org). *Nu & Vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOMES, L. F. *Sentidos e Significados da Tatuagem Para os Adultos e Jovens da Cidade de Juiz de Fora / Minas Gerais*. 2013. 112. Tese. Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais 2013.

GOODMAN, L.A. *Snowball sampling, The Annals of Mathematical Statistics*. v.32, 1961. p. 148-170

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, G. *A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari*. GEOgraphia, Niteroi v.7, 2002.

KENT, L. Body Art and Body Image. In: Cash, T. F.; Smolak, L. (Org.). *Body Image: a Handbook of Science, Practice, and Prevention*. 2. ed. London: The Guilford Press, 2011. p. 387-393

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LOMBROSO, César. O homem delinqüente. Porto Alegre: Rivardo Lens, 2001.

MATOS, Maria Izilda Santos de. A princesinha do mar. In: Dolores Duran: Experiências boêmias em Copacabana dos anos 50. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2005

MEDEIROS, Bianca. O Rio de Janeiro que Hollywood Inventou. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 75 p.

MARCELINO, Fernando César. A mensagem por trás da imagem: estudo de tatuagens à luz da análise do discurso. 2008. 380 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

MATESCO, Viviane. *Corpo, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MARTINS, CAMILLA JADE, and HANS PEDER BEHLING. "Tatuagem e Comunicação." *O corpo como* (2012).

MINER, Horace. O Ritual do Corpo entre os Nacirema. "American Anthropologist, vol. 58 (1956), pp. 503 - 507. "Body ritual among the Nacirema"

O' DONNELL, Julia. A Invenção de Copacabana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 256 páginas.

OLIVEIRA, Ana Mónica Palinhos - A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte? Lisboa: ISCTE, 2012. Dissertação de mestrado. [Acessado em: 26 Jan, 2017] Disponível em [www:<http://hdl.handle.net/10071/4685>](http://hdl.handle.net/10071/4685).

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. Prólogo e Cap. 01. P. 11-35.

OSÓRIO, Andréa. O gênero da tatuagem: pensando masculino e feminino em estúdios no Rio de Janeiro. **Contemporânea (Título não-corrente)**, Rio de Janeiro, 3 de Nov. 2015. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17149/12606>>. Acesso em: 07 Fev. 2017..

PECHMAN, Robert Moses. Um olhar sobre a cidade: estudo da imagem e do imaginário do Rio de Janeiro na formação da modernidade. *Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, v. 2, n. 1, p. 33 - 43 (1993).

PEREIRA DE SÁ, S. *Baiana Internacional : O Brasil de Carmen Miranda e as lentes de Hollywood*. 1997. Tese. Universidade federal do Rio de Janeiro.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2a ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

PEREZ, Andrea Lissett. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 179-206, Abr. 2006.

PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da Arte. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 76-85, Mar. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142003000100076&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 07 Fev. 2017.

RIBEIRO, L. C. Q. Segregação, acumulação urbana e poder: classes e desigualdades na metrópole do Rio de Janeiro. *Planejamento e Território ensaios sobre a desigualdade*, Rio de Janeiro, Nº 2, p. 79-105, Ago-Dez 2001.

RIBEIRO, L. C. Q. E o Rio de Janeiro continua desigual: depoimento. [27 de outubro de 2015]. Rio de Janeiro: 10 Perguntas. Entrevista concedida a André Rocha. Acesso em: 18 out. de 2016. Disponível em: <<http://vozerio.org.br/E-o-Rio-de-Janeiro-continua>>.

SANTOS, B. Planejamento Pessoal, para melhorar a aparência na hora da seleção, para um vaga de emprego. *Revista de Administração e Comércio Exterior*. Rio Grande do Sul, Vol. 2, nº 2, 2016.

SHAPIRO, Roberta; HEINICH, Nathalie. Quando há artificação?. *Soc. estado.*, Brasília, v. 28, n. 1, p. 14-28, Apr. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922013000100002&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 26 Jan. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922013000100002>.

SOUSA, Adriana Pereira de. Os signos de representação do "eu" e do "outro": A prática da tatuagem carcerária. 2010. 122 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

STELLET, Felipe. O Imaginário de Rio de Janeiro na Música. *IX Jornada de Alunos do Programa de Pós graduação em Antropologia / Universidade Federal Fluminense*, Niterói. 19 - 22 de out. 2015.

STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico*. São Paulo: CosacNaify. [Cap. 4]

SCHWARCZ, Lilia. Lendo e Agenciando Imagens: o rei a natureza e seus belos naturais. *Sociologia & Antropologia*. Rio de Janeiro, v.04.02: 391– 431, outubro, 2014.

TAKIGUTI, K. A. E.. A Imagem da Máfia: Uma Análise Sobre as Tatuagens da Yakuza. In: Oriente-se: Ampliando Fronteiras. Encontro Internacional de Pesquisadores em Arte Oriental, 2014, São Paulo. Anais do Encontro Internacional de Pesquisadores em Arte Oriental. Oriente-se: Ampliando Fronteiras. São Paulo: UNIFESP, 2014. p. 554-571.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

WILSON, Tracy. Como Funcionam as Tatuagens (sem ano). Disponível em: <<http://pessoas.hsw.uol.com.br/tatuagens.htm>>, Acessado em: 07 de fev. 2017.

WOHLRAB, S.; STAHL, J.; KAPPELER, P. M. *Modifying the body: motivations for getting tattooed and pierced*. *Body Image, Amsterdam*, v. 4, n. 1, p. 87-95, mar. 2007.

Matérias de Jornal:

ADEJOBÍ, Alícia. Lady Gaga shows off New Neck Tattoo In honour Of Rio de Janeiro. Entertainmentwise, 12 de novembro de 2012. Disponível em: <http://www.entertainmentwise.com/news/94117/Lady-Gaga-Shows-Off-New-Neck-Tattoo-In-Honour-Of-Rio-De-Janeiro> (Verificado em: setembro de 2014)

AMORIM, Claudia. Rio, uma cidade que fica no corpo feito tatuagem. O Globo, 9 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/rio-uma-cidade-que-fica-no-corpo-feito-tatuagem-6986952> (Verificado em: setembro de 2014)